Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 113 Quinta-feira. 17 Julho de 1986 Preço 40$00

Equipamento militar: hierarquia faz contas

AGITAÇÃO NAS FA'S

Reune-se esta tarde o Conselho Superior de Defesa Nacional convocado de urgência pelo Presidente da República após encontro ontem realizado com o primeiro-ministro. O cerne de toda esta agitação reside na divulgação do relatório da Comissão Parlamentar de Defesa que põe em causa todo o programa de aquisição de equipamento militar para os próximos cinco anos. Enquanto o ministro da Defesa considerou «infundadas» as objecções levantadas pelo Parlamento, uma fonte citada pela agência NP e identificada apenas como sendo da «hierarquia máxima das Forças Armadas» rejeita as posições da Assembleia qualificando-as de «um saudosismo mal disfarçado do antigo regime, um anti-militarismo primário e um aventureirismo político».

Pág. 4

Paulo Correia: o caso de que mais se falou

GUINÉ

Perdão para os 12

O Conselho de Estado da Guiné-Bissau deverá anunciar hoje a comutação das penas de morte a Paulo Correia e a onze implicados na tentativa de golpe de Outubro de 1985.

Continua na pág. 32

CIRCO esperança em tempos melhores

Na Quinta de S.Lourenço, a Carnide, fica o Parque Residencial dos Artistas de Circo. Também aqui se reflectem as distinções de classe e os artistas que ali vivem esperam melhores dias... para o Circo.

Págs. 12 a 14

ALBUFEIRA CAPITAL DO TURISMO ALGARVIO RECEBE COM INDIFERENÇA PROMOÇÃO A CIDADE Págs. 16 e 17

A propósito da festa nacional do Iraque

Carlos Gó

Um largo percurso de 18 anos decorreu desde que o Partido Baas Socialista Árabe do Iraque tomou o poder em Bagdade, em 17 de Julho de 1968. Mas é verdade que a História deste Iraque moderno começou há quase duas décadas, não podemos esquecer-nos do passado grandioso do país entre dois rios filho da Mesopotâmia e da Babilónia que teve início há dez mil anos...

O Iraque de hoje pode orgulhar-se de História tão rica, mas não tem dormido à sombra das palmeiras bíblicas. O avanço cultural, económico e social empreendido pela Revolução de Julho tem sido notável e é mais espantoso se fizermos um percurso sério pelo resto do mundo árabe e estabelecermos comparações.

Portugueses e árabes têm uma história comum de mais de oitocentos anos. Pois bem, nem o 25 de Abril, como aliás seria de esperar, veio trazer para os dois povos a aproximação desejada e eficaz que seria natural! E por isso, doze anos depois da Revolução dos cravos, árabes e portugueses estão praticamente na mesma situação de desconhecimento mútuo.

Testemunhei pessoalmente, logo em 1974 e nos anos seguintes, quer no Iraque ou em outros países do mundo árabe, a grande alegria que o novo Portugal de Abril trouxe a dirigentes e povo árabes. Ser português e jornalista nesses países era (é, ainda hoje) ter a certeza de uma atenção redobrada, e de um tratamento de «**brother**», (irmão). Por ser **português de Abril,** uma vez em Beirute, no início dos combates, aconteceu-me este episódio: um taxista a quem mostrei um pequeno papel em árabe com a morada aonde pretendia dirigir-me, passou a manhã a mostrar-me a cidade depois de lhe responder à pergunta sobre a minha nacionalidade. Quiz saber tudo sobre Portugal e, por fim, já à porta da sede da OLP, nos subúrbios de Beirute, perto do campo de Chatila, despediu-se sem ter aceitado um cêntimo da corrida... Outra ocasião, em Bagdade, durante uma recepção dada a cerca de cem jornalistas de todo o mundo, poucos meses depois do 25 de Abril, o ministro da Informação do Iraque, à sua chegada ao local, anunciou e fez questão de se dirigir em primeiro lugar ao jornalista português que vinha do Portugal em liberdade.

Se falo disto, é porque os jornalistas sempre têm o privilégio de conhecer o lado mais descontraído das relações entre países.

Ministros, secretários de Estado e outros, têm-se sucedido em visitas com promessas de «agora sim vamos aproveitar as boas relações com o mundo árabe». E depois? Portugal teve contactos com os árabes no passado, antes de qualquer outro Estado europeu e sempre se considerou normal e desejável que esses contactos pudessem ser retomados no âmbito da cooperação árabe-europeia.

Ao regressar de uma visita à Tunísia e à Líbia, em Novembro de 1974, o então ministro dos Negócios Estrangeiros, Mário Soares, declarava à sua chegada a Lisboa, que «o mundo árabe está aberto a Portugal» e, sobre as relações comerciais, acrescentou, «Os empresários portugueses devem prestar a melhor atenção ao mundo árabe.» Doze anos depois é necessário perguntar se Portugal está também aberto ao mundo árabe...

Vem tudo isto a propósito da Festa Nacional do Iraque que hoje comemora o 18.º aniversário da Revolução de 17 de Julho. Com este país Portugal tem mantido um bom relacionamento comercial, embora a nível de relações políticas haja muito para fazer. É sabido que para o mundo árabe o problema palestiniano é um problema chave para qualquer discussão política e mesmo comercial. Os países que pretendam um relacionamento sério com o mundo árabe não podem ficar-se pelas declarações públicas, mais ou menos solenes e quase sempre ambíguas como a de sermos «favoráveis à criação de um Estado palestiniano». É também necessário ter uma política clara e sem mais demoras sobre a elevação do bureau da OLP em Lisboa a verdadeira representação diplomática, a nível de embaixador, como aliás tem acontecido em dezenas de países, incluindo os europeus. Por outro lado, a guerra que desde há quase seis anos põe frente a frente árabes e persas, Iraque e Irão, tem servido, a nível internacional, para testar os amigos ou respectivos inimigos.

Para o Iraque, e sobretudo para a sua representação diplomática em Lisboa, Portugal nunca definiu claramente quem são os verdadeiros amigos.

A uns e outros, o governo português (este e outros) têm vendido material militar em atitude como a do puro comerciante que o que deseja é fazer negócio, bom negócio... Pois bem, em Fevereiro deste ano, aquando do ataque-invasão de Fao pelas tropas iranianas de Khomeini, o embaixador do Iraque em Lisboa solicitou ao ministro Pires de Miranda uma audiência para tentar obter do governo português uma condenação à invasão do Irão, ao mesmo tempo que se lamentava ao ministro pelo facto de Portugal vender armamento aos dois lados em luta e não escolher os amigos... Diz-se que Pires de Miranda, como bom empresário que é, terá respondido ao representante iraquiano da seguinte forma, «nós vendemos a quem nos compra...»

Algumas embaixadas árabes em Lisboa têm referido, com desagrado, o pendão mercantilista da diplomacia portuguesa sem outras contrapartidas políticas. Também é sabido, desde entre os amigos! Já em 1974 escutei o presidente Saddam Hussein do Iraque, durante uma conferência de imprensa em Bagdade, afirmar isso mesmo, justificando desse modo a posição de primeiros parceiros económicos para a URSS e França.

Portugal poderá ter maiores lucros económicos ao vender há muito, que os árabes têm o **bom** costume de escolher os seus parceiros económicos, armamento indiscriminadamente quer a um quer a outro dos países em guerra no Golfo, mas esta política de ganhar a curto prazo poderá ser desastrosa para o nosso relacionamento económico futuro com todo o mundo árabe. Esta é uma opinião generalizada entre os diplomatas árabes em Lisboa.

A guerra do Golfo, entre o Iraque e o Irão, está aí desde 1980, com o seu rol de centenas de milhares de mortos e dois países desgastados nas suas economias. Já se disse que o seu prolongamento interessa às duas superpotências que a ela assistem como se de uma luta de galos se tratasse. Mas pouco ou nada se tem dito de um parceiro que, esse sim, a ela assiste e participa, conspira e ajuda à fogueira, Israel. Ao contrário dos outros países árabes, o Iraque é o único que desde a fundação do Estado de Israel, nunca assinou qualquer acordo de tréguas para com os judeus. Recentemente, durante uma cerimónia militar, o presidente iraquiano, Saddam Hussein, declarou que «o sionismo mundial e Israel querem prolongar a guerra porque o Iraque está a avançar rapidamente e a desenvolver-se social, económica, cultural e politicamente na cena internacional». Ao mesmo tempo, o presidente iraquiano reiterava mais uma vez as afirmações de vontade de fazer a Paz.

A guerra entre árabes e persas, como aliás qualquer conflito ou divisão no seio do mundo árabe, serve às mil maravilhas os desejos e interesses de Israel. O apoio militar sionista aos fundamentalistas do Irão já não é **propaganda** iraquiana, desde que um general israelita foi apanhado na teia do negócio de armas para o Irão.

Há poucos dias, o chefe da Guarda Nacional de Khomeini encontrou-se na Tunísia com Yasser Arafat a quem convidou a visitar o Irão, numa tentativa de aproveitar o prestígio de Arafat entre os iraquianos, para o envolver como intermediário entre os dois países em luta. Segundo fontes árabes em Lisboa, Arafat terá concordado na mediação de Paz, com a condição de os beligerantes estabelecerem um acordo de tréguas. Pelo facto de Arafat dialogar com facilidade com o Iraque e o Irão, podemos prever uma nova página nas tentativas de paz para a região do Golfo. Por outro lado, podemos acrescentar também que os iraquianos veriam com bons olhos uma tomada de iniciativa portuguesa, junto dos países europeus, para alcançar a Paz. O prestígio de Portugal junto do mundo árabe permite-lhe fazer avançar uma qualquer proposta séria para pôr fim à Guerra do Golfo.

Destruir o fascismo ou recuperá-lo?

Autarca do PSD promove "homenagem" a Camilo de Mendonça

António Modesto Navarro

Um mês antes de 25 de Abril de 1974, a revista «Seara Nova» publicava uma reportagem sobre a construção de albufeiras no Vale da Vilariça. Depois de ter sido proibida integralmente pela censura, acabara por ser autorizada a sua saída, mas com cortes significativos.

Nessa reportagem trazia-se a conhecimento público o processo da tentativa de ocupação das melhores terras, casas e cemitério da aldeia de Santa Justa por uma das chamadas «barragens» que a Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e a Federação dos Grémios da Lavoura do distrito de Bragança, encabeçada pelo eng.º Camilo de Mendonça, construíram na zona.

A população daquela aldeia insurgia-se contra a construção da albufeira no local previsto e denunciava, de viva voz, para a «Seara Nova», os objectivos sinistros de Camilo de Mendonça e sua gente.

Elaboraram então, os agricultores da aldeia, um abaixo-assinado que foi enviado à Presidência da República e a outras entidades, e movimentaram-se o suficiente para que a construção da «barragem» fosse entravada. Depois do 25 de Abril, ela acabou por ficar no local que preconizavam e que iria resolver problemas reais de condução de águas e construção de acessos.

Na reportagem publicada na «Seara Nova» não constavam referências ao envio do abaixo-assinado para Lisboa... O próprio texto deste foi totalmente cortado pela censura, por ser a melhor prova de que a população não estava contra a construção da albufeira e até apontava razões propícias à sua colocação em local mais adequado.

Divórcio entre agricultores e fascismo

Havia ainda outros cortes, sobre a resistência da população a sair da aldeia para ser transformada em proletariado residente noutra, onde Camilo de Mendonça era proprietário. «Se houver alguém que me queira levar daqui para fora... eu ponho termo à vida dele e à minha. Tenho dito!» — exclamava um agricultor. «Passam pela gente e fazem de conta que são lá uns senhores mandões e vós aí na aldeia sois uns vassalos que aí estais, que não prestais para nada. Nem se dirigem à gente, nem falam, nem para isso, nem para nada» — era outro corte da censura sobre o que salientava o divórcio entre entidades «defensoras» da agricultura e os próprios agricultores.

Outros cortes foram executados, por exemplo acerca da não existência de juventude na aldeia e dos efeitos da guerra colonial, «o degredo dos rapazes», como os velhos e as mulheres diziam. Entretanto, a reportagem foi publicada já próximo do 25 de Abril e, com este, o facismo levou um golpe decisivo, que permitiu, entre tantas mudanças e transformações, a continuidade da existência das melhores terras, do cemitério e de parte das casas de Santa Justa.

O processo de construção de albufeiras no Vale da Vilariça foi contraditório e continua polémico. Os proprietáriios do Sul do Vial processaram a Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e Camilo de Mendonça, porque a colocação de «barragens» apenas na parte norte, no concelho de Alfândega da Fé, onde Camilo de Mendonça e familiares eram grandes proprietários, levava à secagem da parte mais importante e prometedora do Vale. Ainda antes do 25 de Abril, Orlando de Carvalho, hoje notário em Carrazeda de Ansiães, foi advogado de proprietários que mais uma vez eram prejudicados pelo cacique-mor do Complexo Agro-Industrial do Cachão e do distrito.

Mais tarde, soubemos que entre técnicos da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e Camilo de Mendonça havia conflitos quanto à colocação das albufeiras. Mas o engenheiro, deputado do fascismo e homem de Salazar e Caetano, impunha a sua vontade e os seus interesses como lhe convinha.

Hoje, as albufeiras lá continuam concentradas na parte norte do Vale, e ainda subaproveitadas. O preço da água, para os pequenos e médios agricultores, continua incomportável. Em Alfândega da Fé foi necessário os agricultores reunirem-se numa associação de regantes para que a água da albufeira local passasse a beneficiar minimamente a agricultura.

Um aspecto de Vila Flor

A «barragem» que nunca serviu a agricultura

A dois quilómetros de Vila Flor foi construída uma das «barragens», exactamente colocada a montante da parte sul do Vale da Vilariça, o que também terá contribuído para afectar terras dos termos de aldeias como Arco, Seixo, Nabo e do próprio Vale. Em princípio destinada a apoio ao florescimento da agricultura transmontana «em moldes modernos» (como então o fascismo proclamava e agora de novo se proclama neste processo brutal de «adesão» à CEE), não passou de um local de armazenagem de água, e de fornecimento desta, mais tarde, à vila e a algumas aldeias, para consumo. Mesmo este aspecto é ainda hoje posto em causa, por serem, segundo dizem, muitas as aldeias abrangidas, o que causaria problemas de acumulação necessária.

Pois foi exactamente neste local que a Câmara Municipal de Vila Flor, de maioria PSD, entendeu «homenagear» Camilo de Mendonça, em Maio deste ano, numa «cerimónia» integrada nas comemorações do 7.º centenário da criação do concelho. Desde logo foi considerada uma atitude de recuperação de alguém que deixou marcas violentas na vida da região, nomeadamente através da construção e gestão ruinosa do Complexo do Cachão e deste processo da colocação errada de albufeiras, para além de outras actividades de que um dia terá de se fazer a história. Inexplicavelmente, ou talvez não, um presidente da Câmara que era empregado exactamente de Serviços do Ministério da Agricultura, à data do 25 de Abril, vem agora relembrar ao concelho de Vila Flor histórias de roubos e corrupção ligadas ao Complexo, situações a que Camilo de Mendonça não punha cobro e que progrediram de tal modo que ainda hoje o Complexo é um lamaçal de destruição, incompetência e prejuízos brutais para a região transmontana.

Avaliação e operação de limpeza

Uma das principais empresas deste país com salários em atraso, que continua a ser subaproveitada e a destruir toneladas de produtos, não pode servir de «exemplo» para a recuperação seja de quem for, como as albofeiras construídas não podem ser emblema de um projecto minimamente coerente com a necessidade de real desenvolvimento da agricultura transmontana.

Ao contrário, é urgente fazer um inquérito ao que foi e é o Complexo do Cachão, quantas fortunas ilícitas e jogadas facilitou, quais as traficâncias e o tráfico de influências operadas ao longo de tantos anos.

Tudo aponta, portanto, para a necessidade de fazer essa avaliação das dezenas de anos de atraso e morte para a agricultura e a vida da região que acarretaram, com a sua acção nefasta, homens como Camilo de Mendonça.

Contra tudo o que é hoje do domínio público, e o mais que se verá, a Câmara Municipal de Vila Flor resolve «homenagear» e tentar recuperar uma figura que foi apoio fundamental de arrivistas e de incompetentes e fautor de situações ainda hoje profundamente negativas para Trás-os-Montes.

Daí que a comissão concelhia do PCP tenha levantado a voz para denunciar os reais objectivos desta «homenagem» a Camilo Mendonça por parte de um presidente da Câmara do PSD. Foi, aliás, a única força política a levar a cabo um protesto colectivo contra um processo que visa, articulado com outros actos executados por gente do PSD e pelo actual governo, recuperar o fascismo e instalar, a nível popular, a descrença na democracia e no 25 de Abril.

Um lugar como aquele, nos arredores de Vila Flor, onde hoje existe um parque de campismo e uma piscina, construídos a partir da revolução de Abril, não merecia ser manchado com o nome de quem defendia apenas os interesses do fascismo e dos apaniguados. Um dia virá em que a placa agora colocada será retirada, como quem limpa a memória do passado, e o futuro a construir, de algio que tem de desaparecer definitivamente da face da Terra.

Ler ou não ler

Ortografia ou hortographia?

José Carlos González

Bela surpresa no meu regresso de Franças e Araganças. Ja nao sei como hei ifen de escrever. Fautores faustos de insolitas comendas decidiram acabar com os acentos. Ora bem. Isto e, com um dos recursos poeticos do discurso escrito. Ta bem! Ai de mim portanto se tentar dizer **fóra,** com acento, em vez de **fora,** tempo passado do verbo Haver, se me nao engano.

Professores (?), economistas, tal Dr. Jacinto Nunes, se tambem me nao engano, la consolidaram a enormidade. Aguenta, Camoes, aguenta Garrett, aguenta Pessoa... So faltava isto: o esciba, ademais de acocorado, sujeito a ditames parvos.

Teremos entao que abolir varias camadas da literatura portuguesa. A começar, po **ejemplo,** com Camilo Castello Branco e talvez também Francisco Rodrigues Lobo.

Resistem prai (estara bem escripto?) tres instituições que ainda nao foram privaitizadas, marca Chirac und Cavaco deste governo, « **luz y espejo de las caballerias**», que dizia o Cervantes, coitado, de ortographia nicles... Ora essas tres instituiçoes ainda sao a Associaçao Portuguesa de Escritores, a Sociedade Portuguesa de Autores, a Sociedade de Lingua Portuguesa. Foram bem consultadas? Chamadas a palavra? Referenciadas? Talvez...

FIAT LUX! E preciso, dizem os comendadores, igualizar, obtemperar, restringir o barroco, comer os proprios dentes, abafar o acento, sobretudo o esdruxulo.

Eis senao quando, diria desta vez Fernao Mendes Pinto, surge a macrocefala hidra: «**i sus a eles nos fomos com gra copia de avemarias e ali os deixamos todos por terra mui malferidos...**»

Senhores reformadores da lingua: porque e que nao aprenderam a escrever? Interrogaçao simplista e ingenua, decerto, mas cabal, cabal, meus senhores.

Porque se vossas excelencias tivessem alguma vez escripto (erro outra vez?) uma silaba valida na vida, nao poderiam ter o despudor de congeminar semelhante tonteira, e tremebunda invasao do dominio da criçao e da propria semantica. Ex tensiva **quanto satis** ao Brasil, a Guine, a Cabo Verde, a Angola, a Moçambique, a Sao Tome e Principe, ao Timor, que sei eu...

Salvo nos guarde o velho zarolho Camoes, e o homem da Beira chamado Sa de Miranda, mais alguns Cesarios Verdes, vamos todos comer por tabela, andar ao nivel da erva, rastejar, porque suas excelencias decidiram (em nome de quem?) abafar o berlinde, o bilas que era , e apesar de tais excelencias continuara a ser a verdadeira patria portuguesa, a sua lingua.

Trata-se no fundo dum negocio de rolhas, quero eu dizer de machinas yletronikas, muito usadas em bancos. Ai! Se calhar, enganuei-me...

Jorge Miranda e Vital Moreira

Colóquio na Assembleia da República

Constituição de 1911: virtudes e defeitos

Jorge Miranda e Vital Moreira salientaram ontem à noite que a Constituição de 1911 foi a primeira a consagrar a fiscalização judicial da constitucionalidade dos actos normativos. Esta opinião comum foi manifestada durante os discursos que proferiram num colóquio realizado na Biblioteca do Parlamento.

Vital Moreira concentrou a sua intervenção em duas tónicas da Constituição de 1911: tapar todas as vias para a ditadura do poder executivo que existiu na monarquia e ainda a rejeição clara da ideia de imunidade e irresponsabilidade dos titulares dos cargos políticos, nomeadamente os mais altos.

Jorge Miranda, por seu turno, centrou o seu discurso na forma como a Constituição de 1911 contemplou a questão dos direitos individuais e a já referida fiscalização de constitucionalidade.

No colóquio, subordinado ao tema «A Constituição de 1911 — Aspectos Jurídico-Constitucionais», participaram ainda como oradores o professor de direito de Coimbra Barbosa de Melo, e o juiz do Tribunal Constitucional Magalhães Godinho.

O colóquio integrou-se nas comemorações do 75.º aniversário da primeira Constituição Republicana.

Barbosa de Melo falou da divisão de poderes presente naquela Constituição, salientando não só a divisão «horizontal» (entre o legislativo, o executivo e o judicial), mas também a divisão «vertical» (não ingerência do poder central na administração local).

O segundo orador, Vital Moreira, pôs em relevo que, como primeira Constituição de um novo regime político, a de 1911 procurou «exorcizar os malefícios contra os quais se fizera a revolução e responder aos anseios que levaram à República».

Este orador destacou o impedimento constitucional então consagrado de os deputados e senadores poderem ser gestores de empresas ligadas ao Estado ou sócios de firmas fornecedoras de organismos públicos.

Vital Moreira referiu-se, deste modo, às formas de responsabilização de 1911, referiu várias vezes as disposições que continha contra a «ditadura do executivo» e a dependência do Parlamento em que colocou tanto Presidente como o Governo.

Jorge Miranda começou por explicar que a sua visão da Constituição de 1911 não é tão favorável como a dos oradores que o precederam, considerou-a «desequilibrada» em favor do Parlamento e opinou que este facto esteve na origem de posterior reacção antiparlamentar pela qual «pagámos durante décadas».

Para Jorge Miranda, só a Constituição de 1976 veio finalmente consagrar o equilíbrio de poderes.

Quase sem referências à parte económica, a Constituição de 1911 é «a última Constituição liberal portuguesa» baseada, aliás, numa «concepção liberal serôdica» que se manifestava ainda anos antes da primeira grande guerra e da revolução soviética — recordou.

Foi a primeira em Portugal a consagrar a liberdade religiosa e também a que primeiro impôs a separação da Igreja do Estado, mas, «por outro lado, contém ressaibos laicistas e mesmo por vezes anti-religiosos» — frisou.

José Magalhães Godinho recordou, por último, o pensamento de muitos dos grandes vultos da primeira República, nomeadamente Afonso Costa (que tinha uma neta entre os assistentes ao colóquio) e deu uma nota de boa disposição ao explicar ser «mais velho que a Constituição de 1911».

Por causa de relatório de deputados

Conselho Superior de Defesa convocado de urgência

Reúne-se esta tarde, pelas 17 horas, no Palácio de Belém o Conselho Superior de Defesa Nacional. A convocação da reunião, que o «DL» anunciou em primeira «mão» na sua última edição, foi solicitada por Cavaco Silva a Mário Soares em encontro que ambos mantiveram ao fim da tarde de ontem.

As razões de toda esta movimentação prendem-se com o parecer da Comissão Parlamenatar de Defesa, anteontem distribuído, e que põe em causa uma proposta de lei do Governo para aquisição de equipamento militar para os próximos cinco anos. De realçar que o referido documento, aprovado pelo PS, PRD, PCP e MDP e rejeitado pelo PSD (o CDS esteve ausente), requer o parecer daquele órgão de consulta do Presidente da República sobre a proposta do Governo.

Entretanto, o ministro da Defesa Nacional considerou «razoável» este pedido da comissão parlamentar, mas considerou «infundadas» as objecções levantadas sobre a qualidade de material militar que o programa prevê adquirir, bem como acusações de que ele corresponde mais às necessidades da NATO do que às de Portugal.

Quanto à qualidade do material, o relatório da comissão põe especialmente em causa as três fragatas «Meko» de luta anti-submarina, seis aviões «Orion» de patrulha e luta anti-submarina em segunda «mão» e os caças A-7, também antigos.

Nas suas declarações, Leonardo Ribeiro de Almeida considerou que o programa de aquisições «é essencial para a defesa do País» e qualificou de «infundadas» as objecções levantadas à aquisição das três fragatas «Meko» e aos aviões «Orion», as primeiras por acarretarem despesas de manutenção elevadas e os segundos por serem alegadamente obsoletos.

Para o ministro «esses meios são perfeitamente adequados às nossas necessidades de defesa», além de constituírem aquisições economicamente vantajosas.

«Vamos adquirir três fragatas modernas pelo preço de uma, através da ajuda externa dos nossos aliados» — disse Leonardo Ribeiro de Almeida, considerando que a aquisição dos navios em tais condições representa «uma obrigação para quem tem em consideração o interesse nacional».

Quanto aos aviões de patrulha e luta anti-submarina «Orion P-3», comprados em segunda «mão» à Asustrália, o ministro da Defesa afirmou que «foram inteiramente revistos e estão equipados com o material electrónico mais moderno».

«Seis aviões novos custam 600 milhões de dólares, e nós compramos estes por 150 milhões, modernizados e com material novo» — sublinhou

Quanto aos custos de manutenção, o ministro da Defesa disse serem «iguais aos de outros materis».

Ribeiro de Almeida contestou a alegação de que o programa serve mais os insteresses da NATO que os da defesa nacional, afirmando ser «razoável que estes meios sirvam para os nossos compromissos com a Aliança»

«Mas também servem simultaneamente às nossas necessidades autónomas de defesa» acrescentou.

Leonardo Ribeiro de Almeida sublinhou que as aquisições de material previstas no programa de reequipamentos das Forças Armadas «foram desencadeadas pelo Governo anterior, e algumas antes»

«Os caças A-7 já estão todos cá e a aquisição dos aviões orion foi ordenada, em 1985, pelo então ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama — disse.

O ministro acentuou ainda que a Assembleia da República aprovou na votação do Orçamento do Estado o quadro fornecido pelo Ministério da Defesa que continha o programa de aquisição de material para o reequipamento das Forças Armadas.

Como também já ontem referimos, os quatro programas de reequipamento das Forças Armadas prevêem, nomeadamente, as uisições de três novas fragatas «Meko», seis aviões de patrulhamento e luta anti-submarina P3-B, o completamento das esquadras de A-7-P e a compra de um sistema de defesa antiaérea para a Primeira Brigada Mista Independente.

De acordo com a comissão parlamentar, os projectos envolvem um volume de financiamento de cerca de 170 milhões de contos.

O Orçamento de Estado terá de suportar, até 1991, um volume de financiamento directo «no mínimo superior a 40 milhões de contos, que, distribuídos no essencial por cinco anos, dão uma uma média de um valor mínimo de 8 milhões de contos/ano», indica ainda o relatório.

Para a comissão parlamentar, «os quatro programas de apreciação envolvem a maior parte dos grandes programas de investimento no reequipamento das Forças Armadas até ao final da década».

Sobre os aviões P3-B, a comissão considera que após debate travado com responsáveis militares e governamentais «evidenciou-se a indefinição sobre a necessidade, utilidade e alcance do programa, já que todas as informações recolhidas serão fornecidas a NATO, num quadro em que esta (e os EUA) continuarão a operar para obter as mesmas informações (a partir das Lajes e da Rota) com meios mais modernos».

O parecer sublinha que «importa assinalar que se trata de um avião de 1968, utilizado até há pouco na Austrália, e que veio á posse da Lockheed no quadro da venda aquele país de um avião mais moderno (o P3-C)».

A mesma comissão parlamentar aponta que sobre as fragatas «a proposta, não contém todos os custos (falta a revisão de preços, os helicópteros e os encargos financeiros com o sistema de comando, controlo e comunicação).

«Essas lacunas», frisa o parecer, «elevam a participação nacional dos inscritos 28,52 milhões de contos para mais de 40 milhões».

Com muitas alterações

Estatuto da Região Autónoma dos Açores foi aprovado

O Parlamento aprovou ontem na especialidade, mas com grandes alterações, a proposta de lei de alteração do Estatuto da Região Autónoma dos Açores que lhe tinha sido apresentada pela Assembleia Regional.

Entretanto, foi adiado o debate sobre a admissibilidade da proposta de Lei de Segurança Interna uma vez que o MDP/CDE impugnou a nova redacção do artigo 18 — sobre as escutas telefónicas — que o Governo tinha alterado. A nova impugnação será agora apreciada pela Comissão de Assuntos Constitucionais e só então todas as impugnações subirão a plenário.

Quanto ao diploma sobre o Estatuto da Região Autónoma dos Açores, difere da proposta inicial uma vez que não prevê a criação de um círculo eleitoral próprio para as eleições ao Parlamento Europeu e reduz os poderes regionais em matéria tributária e relativamente às autarquias.

A proposta, aprovada apenas com a oposição do PSD, será agora submetida à apreciação da Assembleia Regional, antes de vir novamente à Assembleia da República para votação final global.

Manuais escolares

Um outro diploma obteve ontem a aprovação da Câmara: tratou-se de um projecto do PCP que garante o direito de réplica dos partidos da oposição na televisão e na rádio. Este projecto que já havia sido aprovado na generalidade com a abstenção do PSD, recolheu agora os votos favoráveis de todas as bancadas, tendo o social-democrata Vieira Mesquita justificado a posição do seu partido com as alterações que entretanto lhe foram introduzidas na discussão na especialidade.

Em debate esteve também o pedido de ratificação do PRD a um decreto-lei que prevê dois anos de duração para os manuais escolares. A julgar pelas posições adoptadas por todos os partidos, à excepção do PSD, a ratificação deverá ser rejeitada na votação que está marcada para as 18 horas de hoje.

Processo Penal

Os trabalhos parlamentares que se iniciaram esta manhã, inscrevem no seu período da ordem do dia um pedido de autorização do Governo para legislar em matéria de processo penal.

De acordo com a exposição de motivos constante do pedido de autorização legislativa, o Executivo «visa substituir integralmente o diploma homónimo actualmente em vigor, bem como parte da legislação complementar sobre tal matéria».

O Governo informa que se seguirão iniciativas legislativas — algumas a recair na zona de reserva absoluta da Assembleia da República — «tendentes a adequar a restante legislação complementar aos princípios concretizados, o que implica um esforço intenso de reestruturação da nossa orgânica judiciária e do modo de funcionamento dos órgãos da administração da Justiça».

No entender do Governo, a amplitude das modificações introduzidas e a sua projecção no âmago do sistema da Justiça penal «aconselham um diferemento prudente do início da vigência do diploma em apreço, para que durante o período de férias judiciais, seja possível aos futuros utentes do sistema apreenderem em todo o seu pormenor o espírito das inovações nele contidas».

O Executivo pensa que o novo código só venha a entrar em vigor uma vez terminadas as férias judiciais de Verão, mas considera «prudente que as suas disposições só venham a aplicar-se aos processos instaurados já na sua vigência, independentemente da data em que tiver sido praticado o crime».

Enquanto anuncia desbloqueamento de linha de crédito

Samora Machel recebeu Azevedo Soares

O presidente Samora Machel recebeu esta manhã o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Azevedo Soares, que entregou uma mensagem pessoal do Primeiro-Ministro Cavaco Silva. «Uma mensagem que não é apenas de cumprimentos», disse uma fonte da Presidência moçambicana, recusando-se a adiantar mais pormenores.

Trata-se do primeiro contacto pessoal, em Moçambique, de um membro deste Governo português com o chefe de Estado.

Azevedo Soares almoçou ontem, na sua residência oficial, com o ministro da Cooperação, Jacinto Veloso, com quem trocou impressões exclusivamente sobre problemas políticos, principalmente aqueles que estão em foco nesta área da África Austral.

Azevedo Soares informou Jacinto Veloso das coordenadas mestras que norteiam a política portuguesa em relação aos problemas em foco no sul da África, em geral, e na África do Sul, em particular, onde Portugal conta com uma comunidade de cerca de 800 mil pessoas.

A oposição às sanções económicas contra a África do Sul, a que aderiu Portugal, Grã-Bretanha, RFA e França, terá sido um dos temas da conversa em que se focou a recente viagem do ministro dos Estrangeiros britânico, Geoffrey Howe, ao Maputo.

O ministro britânico esteve a semana passada no Maputo para informar o governo moçambicano, em nome da CEE, da resolução de oposição às sanções económicas.

Azevedo Soares disse à NP que embora Portugal siga, como é seu dever, as resoluções da Comunidade, desempenha um papel activo na construção das mesmas e, na conversa com o ministro Jacinto Veloso, esteve em foco esse papel activo de Portugal.

Uma fonte moçambicana revelou que foi também abordado «o principal motivo de atrito» entre os governos do Maputo e de Lisboa: a presença da RENAMO na capital portuguesa. A fonte recusou-se, porém, a adiantar mais pormenores. Esta fonte descreveu o almoço como «informal e num clima amistoso».

Azevedo Soares encontrou-se depois com o governador do Banco de Moçambique, Eneias Comiche, e participou, a seguir, no «cocktail» de encerramento do seminário de empresários portugueses e moçambicanos que, desde terça-feira, está a decorrer no Maputo.

O secretário de Estado parte hoje à noite para Lisboa.

Linha de crédito

O secretário de Estado português revelou entretanto à Anop que «está para breve» o desbloqueamento da concessão a Moçambique de uma linha de crédito no valor de 25 milhões de dólares.

A concessão desta linha de crédito, que a concretizar-se permitirá a reabilitação e viabilização de várias empresas e projectos de empresas com interesses portugueses em Moçambique, foi prometida em Setembro de 1984 pelo então Primeiro-Ministro Mário Soares.

Outra questão que — segundo Azevedo Soares — será em breve desbloqueada é a da consolidação da dívida de 120 milhões de dólares de Moçambique a Portugal e que foi acordada há um ano em Lisboa.

Neste momento encontram-se na capital portuguesa dois técnicos do Banco de Moçambique para tratar deste e outros assuntos.

Primeiro-Ministro com directores de jornais

Cavaco Silva tomou ontem o pequeno almoço com directores de jornais. Foi em S.Bento, na residência oficial do primeiro-ministro. O encontro serviu para uma abordagem, em tom informal, de temas da situação política nacional. Na foto, da esquerda para a direita, Pacheco de Andrade, «Diário Popular», Jaime Nogueira Pinto, «O Século», Dinis de Abreu, «Diário de Notícias», João Coito, «O Dia», Ruella Ramos, «Diário de Lisboa» e Rodolfo Iriarte, «A Capital».

Na Escola de Sargentos do Exército

Subalternizada a Língua Portuguesa

Nas Caldas da Rainha, no antigo quartel do Regimento de Infantaria nº 5, está instalada a Escola dos Sargentos do Exército. Comanda a Escola o coronel Almeida Correia. Há dias a Escola de Sargentos do Exército recebeu a visita de uma missão militar do Exército francês. Com alguma subserviência e um discutível critério de estima pelos valores nacionais, o coronel Almeida Correia deu instruções no sentido de que a Língua Francesa deveria substituir a Língua Portuguesa nas exposições e informações dos militares portugueses aos visitantes do Exército francês.

Esta determinação insólita inspira as maiores reservas quanto aos critérios patrióticos e culturais do coronel Almeida Correia, e as maiores apreensões quanto á disponibilidade de responsáveis militares portugueses para se subalternizarem aos seus colegas estrangeiros.

Não somos só nós a considerar esta atitude insólita Esperamos que o CEME e outros responsáveis tomem as medidas necessárias para que a subserviência não tenha repetição.

Há várias formas de subir na vida! -aceite a nossa proposta

Conta Poupança-Emigrante

Senhor Emigrante:

Para subir na vida, é preciso esforço, qualidades... Não duvidamos do seu esforço e das suas qualidades!
Portugal precisa dos seus emigrantes! E eles também precisam de **um sistema de poupança e de crédito sólido como uma rocha!** E que não dê lugar a abusos por parte de **falsos emigrantes!** Foi precisamente por isso que criámos a **Conta Poupança-Emigrante**, que vem substituir o velho e gasto «Poupança Crédito».
As vantagens são grandes. Para empréstimos acima de 5 anos, a taxa de juro normal é 21,5%, mas para os titulares da Conta Poupança-Emigrante será:

- 12,5% para empréstimos a conceder até 30 de Setembro.
- 16,125% para empréstimos a conceder depois daquela data.

Dirija-se ao seu Banco.

Mas atenção: Não podem ser feitos depósitos com notas estrangeiras. Apenas o podem ser com cheques ou com transferências feitas do estrangeiro através do sistema bancário.

A decisão é sua!
O bem é de todos!

Ministério das Finanças

Soares será o primeiro PR a viajar na "Sagres"

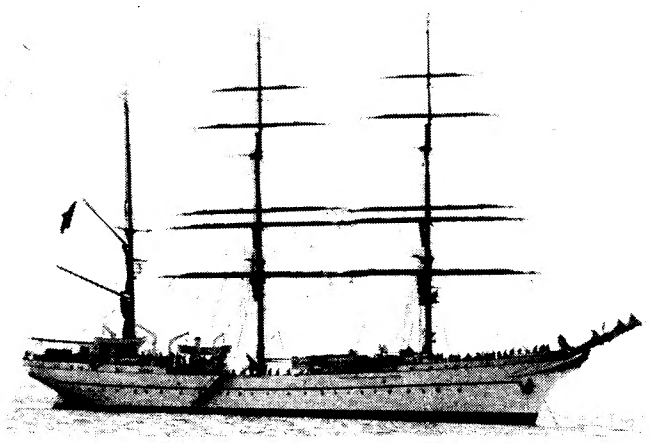
Mário Soares vai ser o primeiro Presidente da República a viajar no actual navio-escola «Sagres», da Marinha de Guerra portuguesa. Será já no dia 10 de Agosto, durante a viagem de instrução de cadetes de regresso dos Estados Unidos a Portugal.

O Presidente da República é um apaixonado do mar tendo já confidenciado a jornalistas que «nunca enjoou a bordo» e que «um bom banho no mar é a melhor coisa que há».

Mário Soares parte de Lisboa, por via aérea, em 9 de Agosto, para Ponta Delgada, para no dia seguinte embarcar na «Sagres».

«A Sagres», que vem com a lotação esgotada dos Estados Unidos, chega a Ponta Delgada em 7 de Agosto e a Lisboa no dia 16.

Mário Soares tem vindo a considerar que o mar, a água, é uma das melhores coisas que os portugueses têm e considerou mesmo estranho que o presidente da Câmara de Lisboa nada faça pelo rio Tejo.



«Lisboa é uma cidade de costas voltadas para o Tejo», tem lamentado Soares em roda de amigos.

Publicamente, o Presidente da República tem insistido na importância do mar para os portugueses, tendo referido na semana passada, no Parlamento Europeu, em Estrasburgo, que «a especialização» de Portugal no mar, seguindo a velha vocação histórica, deve ser um dos vectores das preocupações portuguesas.

«A minha viagem a bordo da 'Sagres' tem precisamente esse objectivo», disse Soares aos jornalistas em Estrasburgo: «Chamar a atenção para o mar».

«Além de que me dá grande prazer», segredou.

Autonomia em questão

Jardim critica direcção do PSD

O presidente do Governo Regional da Madeira disse no Funchal que as divergências entre o Continente e as Regiões Autónomas são «um paradoxo». Alberto João Jardim, falando no aeroporto, no regresso de Lisboa, acrescentou que «todas as forças políticas nacionais reconhecem hoje a vitalidade das experiências autonómicas, mas apesar disso surgem focos de resistência, de antipatia e até de hostilidade ao processo».

«Um deles — disse — parece sair do próprio PSD, que foi, juntamente com Francisco Sá Carneiro, o grande artífice da autonomia, pelo que tudo isto tem algo de caricato.»

João Jardim defendeu a necessidade da Direcção Nacional do PSD «ter uma conversa muito séria» com os dirigentes sociais-democratas da Madeira e dos Açores para «se desfazerem, de uma vez por todas, equívocos que parecem estar no ar».

O chefe do Governo madeirense admitiu aos jornalistas que «hoje no PSD nacional não sentimos a mesma atitude acolhedora que existia nos tempos de Francisco Sá Carneiro».

Interrogado acerca da situação política nacional, Jardim sublinhou que «ela continua na mesma um Governo minoritário e uma Assembleia da República que vem condicionando fortemente a político do Governo obstruindo a sua actividade».

Segundo o presidente do Governo madeirense, a situação política portuguesa «é transitória enquanto vivermos neste sistema que continua a agradar a uma certa direita e a uma certa esquerda». «Por isso — disse — teremos de encontrar novas formas de luta e de combate contra o sistema político».

O presidente do Governo Regional participou em Lisboa num encontro promovido por uma associação militar, no qual proferiu uma conferência subordinada ao tema «Regionalização e defesa», tema que disse não estar suficientemente abordado, mas que assume especial importância se se considerar que «a descentralização é um porcesso que facilita a própria defesa nacional».

PRD/Porto: Martinho empossa Comissão Administrativa

— O presidente do Partido Renovador Democrático (PRD) encontra-se no Porto para dar posse à comissão administrativa que ali ficará responsável pela condução da acção do partido.

A decisão para a constituição desta comissão administrativa foi tomada após prévia audição da estrutura distrital provisória do Porto e da Comissão Directiva Nacional do PRD.

Entretanto, a Comissão Directiva Nacional do PRD reuniu na sede, em Lisboa, com o Conselho Consultivo para tratar de aspectos integrados na preparação da II Convenção Nacional do partido que reunirá no Porto nos dias 17, 18 e 19 de Outubro.

Na analise efectuada durante a reunião, que terminou hoje de madrugada, uma nota informativa do partido esclarece que foram abordadas as diversas áreas em que deverá circunscrever-se essa preparação da reunião magna do PRD.

A EPAL deseja-lhe Boas Férias

LATINA

Vá para férias mas assegure-se de que a sua conta com a EPAL ficará em dia. Dê já ordens ao seu Banco para proceder às liquidações dos seus consumos.
É mais fácil. É mais cómodo. É mais seguro.
De 2 em 2 meses a EPAL enviar-lhe-á então uma factura-recibo com a indicação do valor que deverá pagar. A factura indicará também a data a partir da qual a importância deverá ser descontada na conta bancária.
Se fizer o pagamento por transferência bancária, a factura funcionará automaticamente como recibo, válido em todas as circunstâncias.
No seu interesse, antes de ir para férias, informe-se junto do seu Banco sobre o pagamento de recibos através de conta bancária.

Construir hoje
a qualidade de vida do amanhã

E P A L
EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS LIVRES

EXPRESSO
AMOREIRAS ⇄ M.POMBAL

O **EXPRESSO**
AMOREIRAS-M. POMBAL-AMOREIRAS
é um serviço **GRATUITO,** especialmente organizado pelo Amoreiras Shopping Center de Lisboa para facilitar as suas compras.

HORÁRIO
Todos os dias das 10.00 h às 23.15 h, com saídas:

Marquês de Pombal (ao fundo do Parque Eduardo VII) a partir das 10.00 h, de 30 em 30 minutos.

Amoreiras Shopping Center (junto à entrada da Av. Duarte Pacheco) a partir das 10.15 h, de 30 em 30 minutos.

Vereadores da APU apreciam Orçamento

Gestão de Abecasis tem sido de dívida deslizante

A gestão do actual presidente da Câmara, Nuno Abecasis, tem sido de divída deslizante, denunciaram ontem em conferência de Imprensa os vereadores eleitos na lista da APU. Para aquela força politica, de ano para ano que os investimentos são sobreavaliados, e, na realidade, para escolas, jardins, desporto, arruamentos, é abaixo dos mínimos.

«Lisboa tem uma gestão medíocre, uma gestão que não aproveita os recursos humanos e técnicos», assim sintetizou o vereador Anselmo Anibal a posição da Aliança Povo Unido sobre os primeiros seis meses do novo mandato de Abecasis. Para a APU, trata-se da continuidade de uma prática que, em 1985, caso referido a título de exemplo, tinha sete milhões de contos para investimentos, dos quais apenas 4 foram efectivamente investidos, «com uma taxa de realização de cerca de 59 por cento».

Do mesmo modo, de uma linha de crédito de 300 mil contos para a recuperação de imóveis degradados, apenas foram utilizados 60 mil, cerca de 20 por cento, o que, para a APU, revela o nitido propósito de deixar degradar a cidade.

Perante estes dois casos, poder-se-ia pensar que se trata de uma gestão equilibrada que terminou o ano de 85 com um saldo de 515 mil contos, mas, para os vereadores da Aliança Povo Unido, com o apoio dos exemplos mencionados, a existência de saldo revela uma incapaciadade de trabalhar a cidade.

«Tarifa de saneamento é para tapar buracos»

Por isso, o Orçamento e o Plano de Actividades, apresentados em Julho, com oito meses de atraso e fora dos prazos legalmente estabelecidos, são olhados com desconfiança. «É possível que os números estejam maiorados», afirmou Anselmo Anibal a propósito do primeiro dos documentos.

Segundo a APU, como ontem o «DL» divulgou, aos nove milhões declarados para investimento, devem ser deduzidos 2,7 milhões para o pagamento de dívidas, 3,6 para assegurar os compromissos que o Municipio tem. «Ou seja», sublinhou Anselmo Aníbal, «para investimento são apenas três milhões de contos que vêm da alienação, por permuta, dos terrenos municipais». Esta prática, de acordo com Rui Godinho, baseia-se na sobrevalorização das obras a serem realizadas pelos empreiteiros privados, enquanto que o património municipal é subavaliado. «Em termos liquidos, a Câmara Municipal de Lisboa tem para investimento menos de 1 por cento do total do Orçamento, ou seja cerca de 200 mil contos», revelou aquele vereador.

A importância destas operações no financiamento do Plano de Actividades é determinante. De acordo com os cálculos referidos, 49 por cento do financiamento do Plano de Actividades vem das permutas, 38 por cento de receitas municipais, 17 por cento de empréstimos e dois por cento dos subsídiuos. «Verifica-se um agravamento da componente alienação do património, em detrimento da tentativa de encontrar outras fontes de financiamento junto do Poder Central ou das instituições de crédito», sublinhou Rui Godinho.

Passando dos números para a gestão da cidade, os vereadores da APU indicaram que apenas 14 mil contos estão destinados para arruamentos, que não está prevista a construção de uma única escola primária, e que, quando há 34 mil pedidos de casas, a edilidade vai agora executar empreitadas lançadas há quatro anos, num total de 484 fogos.

Por seu lado, José Relvas, presidente da Junta de Freguesia da Ameixoeira, adiantou que, enquanto a Associação Nacional de Municipios defende que as Câmaras devem contribuir com 20 por cento das verbas do Fundo de Equilibrio Financeiro atribuídas para as Juntas de Freguesia, a Câmara de Lisboa apenas contribui com 10 por cento.

A este propósito foi salientado que a Aliança Povo Unido apresentou uma proposta para que o valor dessa transferência fosse de 15 por cento, no âmbito de outras 23 propostas que iam buscar a sua fonte de financiamento à redução da alínea de aquisição de serviços. «Com esta poupança, arranjavam-se mais de 460 mil contos, que iam para diversos investimentos», comentou Anselmo Aníbal.

Por seu lado, Rui Godinho referiu que a receita da tarifa de saneamento recentemente lançada pela Câmara como forma de financiar a construção do grande interceptor de esgotos, é de 880 mil, «o que torna claro que a tarifa foi lançada para tapar buracos orçamentais».

«PS acentuou a sua dependência»

Numa apreciação política ao comportamento das outras forças representadas na Câmara, Rui Godinho declarou que «o PS acentuou a sua dependência no Municipio aos objectivos e à política de direita, em contradição com o que afirma a sua direcção política nacional, e em contradição, também, com a sua prática em outras sedes, nomeadamente a Assembleia da República».

«Quando o Partido Socialista se pretende apresentar como alternativa ao bloco conservador-PSD/CDS- no País, é incompreensível para os democratas e para a opinião pública que na primeira Câmara do País, onde as atitudes políticas têm uma vasta ressonância, adopte posições não só de conivência como mesmo de dependência face aos designios daqueles a quem diz opor-se a nível nacional», sublinhou.

Sobre o PPM, o vereador da APU acentuou que, «face às questões fundamentais, como o Plano e o Orçamento, revela uma grande ambiguidade».

Universidade de Lisboa

Reitor tomou posse

O Presidente da República assistiu ao princípio da tarde à tomada de posse do reitor da Universidade Clássica de Lisboa, Virgílio Meira Soares, de 37 anos.

Virgílio Alberto Meira Soares foi eleito há cerca de um mês em disputa com Toscano Rico, que termina assim o seu mandato.

Meira Soares é licenciado em Engenharia Química, doutorado em Ciências de Engenharia e agregado em Química.

Foi secretário de Estado do Ensino Superior do Governo PS/PSD e exercia actualmente as funções de presidente do Conselho de Departamento de Química da Faculdade de Ciências.

É membro da Comissão para a Reforma do Sistema Educativo e representante do Ministério da Educação na Comissão Permanente Sobre Problemas Universitários do Conselho da Europa.

Prémio Literário da Sociedade de Língua Portuguesa

O Grande Prémio Sociedade de Língua Portuguesa será atribuído este ano a um trabalho de investigação de autor português ou estrangeiro sobre qualquer aspecto da língua portuguesa.

Patrocinado pela Secretaria de Estado da Cultura, o prémio é constituído por diploma e 300 contos em dinheiro.

Os trabalhos, que terão de formar uma unidade temática, ser inéditos ou em primeira edição não anterior a 1986, serão apreciados por um júri integrado por quatro professores universitários e pelo presidente da direcção da SLP.

O prazo para a entrega dos originais concorrentes termina em 31 de Outubro.

Associação de Escritores debate acordo ortográfico

A Associação Portuguesa de Escritores, APE, organizará em Outubro e Novembro, com a colaboração do Clube de Jornalistas, um debate sobre o Acordo de Unificação Ortográfica.

Admite a APE que, «na data prevista» para a iniciativa, «já tenham sido tomadas posições públicas sobre a matéria e apresentados os mais variados pontos de vista por consagrados especialistas».

Isso permitirá, na previsão da Associação, «um debate sereno e devidamente documentado».

SPRC quer revogação de portaria sobre Religião e Moral

O Sindicato dos Professores da Região Centro (SPRC) anunciou que defende a «urgente revogação» da Portaria que estabelece normas para a leccionação no ensino primário da disciplina de Religião e Moral Católicas.

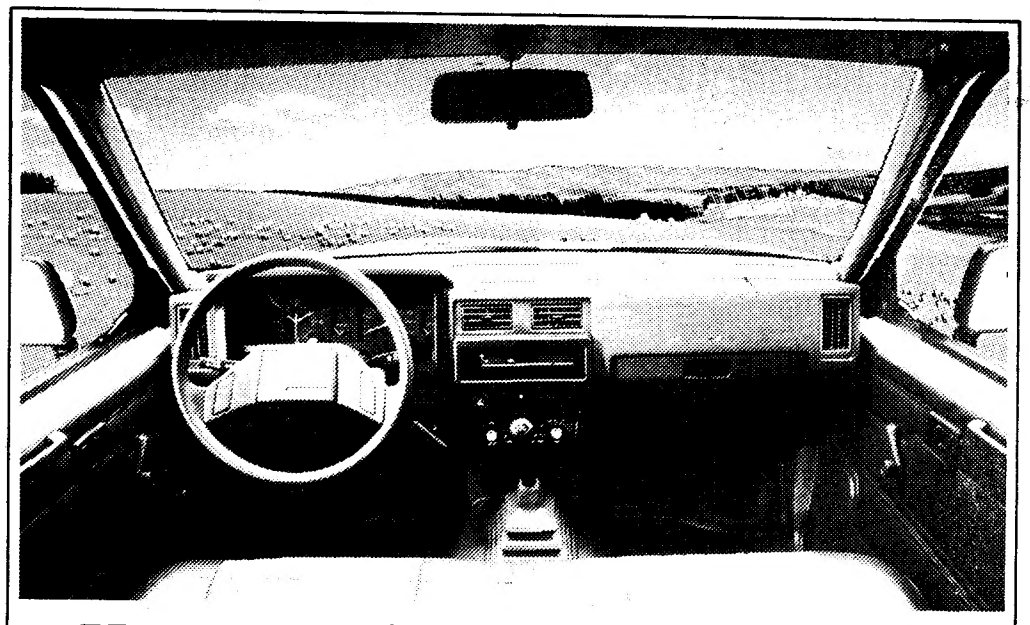
O sindicato considera necessária a publicação de outra legislação que «responda com verdade às realidades sociais do Portugal de hoje».

UGT
INSTITUTO SINDICAL DE ESTUDOS FORMAÇÃO E COOPERAÇÃO
ISEFOC
PORTUGAL

CURSOS DE PROGRAMAÇÃO SPECTRUM BASIC E ASSEMBLER

Início a 21 de Julho

Informações e inscrições:
Rua dos Douradores, 178-1.° – 1100 LISBOA
Telefs.: 86 20 32 - 86 20 33



Neste interior espaçoso, luxuoso, bonito e confortável ...

Julgamento das FP-25 continuou em Monsanto

As balas é que não eram invenção...

Dos doze declarantes que ontem passaram pela barra do Tribunal de Monsanto, dois eram administradores de empresas alvos de atentados reivindicados pelas FP 25. Um deles — Carlos Piçarra de Oliveira, da Standard Electric — afirmou que 'corre o risco de cegar, no prazo de um ano', na sequência dos disparos que o atingiram na perna esquerda em 23 de Julho de 81, adiantando que passou a sofrer de «retinopatia diabética acelerada», uma vez que na época sofria de diabetes incipiente.

O declarante lembrou que 'meses antes do atentado' recebera 'um postal com ameaças, assiando pelas FP-25'.

'Fui à Polícia de Cascais e lá disseram-me que as FP-25 não existiam, que eram uma invenção da extrema-direita. Depois fui à Judiciária, onde acharam que elas eram uma invenção da extrema-esquerda. Fiquei descansado' — acrescentou Carlos Piçarra de Oliveira.

«As balas é que não eram invenção» — ripostou, convenhamos que a preceito, o juiz-presidente.

No atentado, segundo acrescentou o administrador, executado por dois 'rapazes novos, um baixo e outro mais alto, vestidos de jeans e com sacolas», foi também atingido o seu motorista com um tiro no peito e dois nas pernas.

Igualmente declarante na sessão de ontem — a 152.ª deste longo julgamento — Lino Amaral, o motorista, afirmou que a acção foi exercitada por dois indivíduos armados de metralhadora que dispararam duas rajadas.

Outro administrador ouvido foi alvo dum atentado gorado, em 23 de Dezembro de 83, uma vez que a bomba colocada debaixo do seu automóvel não chegou a rebentar.

Este gestor, Rufino Pinho Campos, da Petróleo Mecânica Alfa, de Guimarães, em resposta a uma questão levantada pelo juiz-presidente, disse que a única ligação que via entre o atentado de que fora vítima e a matéria a ser julgada em tribunal era o facto de na sua empresa ter sido instaurado um processo disciplinar a um indivíduo que 'diziam ser da FUP', processo esse que foi arquivado por não ter viabilidade legal.

Ambos os administradores negaram que a situação laboral nas suas empresas pudesse ter estado na origem das acções, afirmando que na época em que elas ocorreram não havia problemas desse género.

Aí vêm eles...

Para além dos gestores e do motorista referidos apresentaram-se ontem como declarantes três empregados bancários, dois agentes da PJ, um guarda-fiscal, dois elementos da GNR e um vigilante da 'Securitas'.

De um modo geral — e tanto quanto o comum dos mortais se pode aperceber — os testemunhos destes declarantes nada de novo trouxeram ao julgamento e revestiram-se até de uma pobreza acentuada. As declarações de um guarda republicano de S. Manços, por exemplo, foi uma coisa do outro mundo. Impecavelmente fardado — farda n.º 1, já se vê — o GNR começou por não saber onde pôr o boné, mostrou-se pouco seguro, garantiu que não ouviu estrondo de bomba nenhuma, que o foram buscar à cama para ir fazer um serviço urgente, que pensava tratar-se de um acidente na estrada, que quando chegou junto à casa havia lá um buraco dos diabos numa das paredes, que viu a criança de quatro meses junto do buraco, que tinha sangue na cabeça, que não sabia se ela estava morta ou estava viva, que não tinha tido curiosidade nenhuma em ir ver melhor porque para isso estava lá o seu comandante de posto, que nestas questões de vida e de morte os médicos é que sabem, que ele, guarda da GNR fez o serviço e pronto, não sabe mais nada. Assim mesmo, sem tirar nem pôr.

Por outro lado, um empregado bancário da filial do Crédito Predial Português de Caneças — e para dar apenas mais um exemplo — afirmou que não se recordava dos pormenores de um assalto ao seu local de trabalho em 23 de Janeiro de 84. A falta de memória — como comentou o juiz-presidente — era notável, especialmente se comparada com as declarações prestadas à Polícia anteriormente, no âmbito do processo onde referiu traços fisionómicos, reproduziu frases, etc., etc.

O declarante defendeu-se dizendo que já havia passado muito tempo e que a falta de memória era pois natural — mas posto perante as declarações por si proferidas e já reduzidas a escrito, veio então a confirmar tudo o que anteriormente descrevera...

...E chegou até a sorrri ao lembrar-se de um colega seu que, ao ver os assaltantes aproximarem-se (aquela delegação do CPP já havia sido assaltada antes), gritou bem alto:

«Lá vêm eles outra vez!»

E a verdade é que eles vieram mesmo e ficaram decepcionados: a agência de crédito tinha em cofre apenas uns miseráveis 600 contos, o que levou — recordou o empregado — um deles a ameaçar os funcionários bancários dizendo: **«Se da próxima não houver mais dou um tiro em cada um de vocês».**

Num leilão realizado em Lisboa

Autógrafos dos Beatles vendidos por 3600 contos

Dois postais autografados pelos Beatles, no início dos anos sessenta, foram ontem adquiridos por 3600 contos num leilão realizado em Lisboa.

O seu comprador foi o negociante português Pedro da Costa, licenciado em Economia, que disse pretender agora vender os postais quer a casas de leilões especializadas de Londres quer a Yoko Ono, viúva de John Lennon, ou a qualquer dos três Beatles ainda vivos.

No mesmo leilão, foi ainda transaccionado por 890 contos um lote de autógrafos de músicos célebres (Rolling Stones, Moody Blues, Tremeloes, Dave Clark Five, Peter and Gordon e Searchers).

Estudantes do Porto tentam "Guiness"

Pirâmide de 8 metros com taças de champanhe

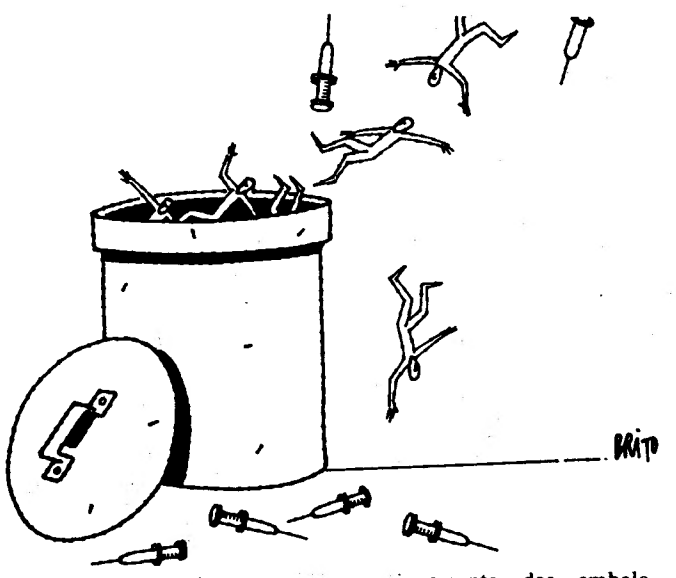
Estudantes do Porto vão tentar bater, no próximo sábado, mais um recorde pouco vulgar, «construindo» a prirâmide mais alta do Mundo com taças de champanhe. Segundo Vítor Antunes, porta-voz do grupo, a prirâmide, que consta no Livro «Guiness» dos recordes, tem 7,10 metros de altura e foi construída com 10 400 taças.

Os estudantes portuenses pretendem construir uma pirâmide com 8 metros de altura, pelo que precisarão de cerca de 11 mil taças. A pirâmide estará em exposição num centro comercial do Porto durante três dias. Para esta tentativa de recorde mundial, os estudantes contam com o apoio de uma fábrica de vidros da Marinha Grande e de um produtor de vinho espumante da Anadia.

Segundo a indústria farmacêutica

Portugueses consomem poucos medicamentos

Portugal consome quatro vezes menos medicamentos por habitante do que a Alemanha e a França, um terço dos consumidos pela Bélgica e Itália e metade dos que consomem os espanhóis — segundo dados da associação empresarial do sector, a que a Anop teve acesso.



Em 1985 foram vendidos em Portugal 137,7 milhões de unidades de medicamentos num valor total de 64,37 milhões de contos — segundo a Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica (Apifarma).

No mesmo ano, referem dados da mesma associação, Portugal importou 14,6 milhões de contos de medicamentos terminados e exportou 3,5 milhões de contos.

A Apifarma, que representa 120 empresas produtoras e importadoras de especialidades farmacêuticas, organiza hoje e sexta-feira um seminário para discutir os problemas do sector.

Os três temas em debate são o «Dimensionamento das embalagens de medicamentos», «A influência dos serviços nacionais de saúde estatais quer nos medicamentos quer nos cuidados médicos» e as «Perspectivas para o sector farmacêutico nos próximos cinco anos em Portugal».

A Apifarma destaca a importância do seminário no momento em que está para entrar em vigor o despacho sobre o redimensionamento das embalagens de medicamentos, que aquela associação contesta por «não obedecer a adequados critérios técnico-terapêuticos e económicos».

Não pondo em causa o redimensionamento das embalagens, a Apifarma critica o despacho por não prever períodos de tempo suficientes para escoamento dos «stocks» existentes e para as empresas adaptarem os seus equipamentos à produção das novas embalagens ou adquirirem esses equipamentos.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

1 — Chamaram-lhe **aldrabão**. *Ao princípio, ninguém foi capaz de encontrar razões evidentes. Houve até quem discordasse. Quem achasse demasiada crueldade.*
Em verdade, em verdade vos digo que todos, aos lhos de Deus e dos homens, têm direito ao seu bom nome, enquanto em contrário nada for estabelecido.

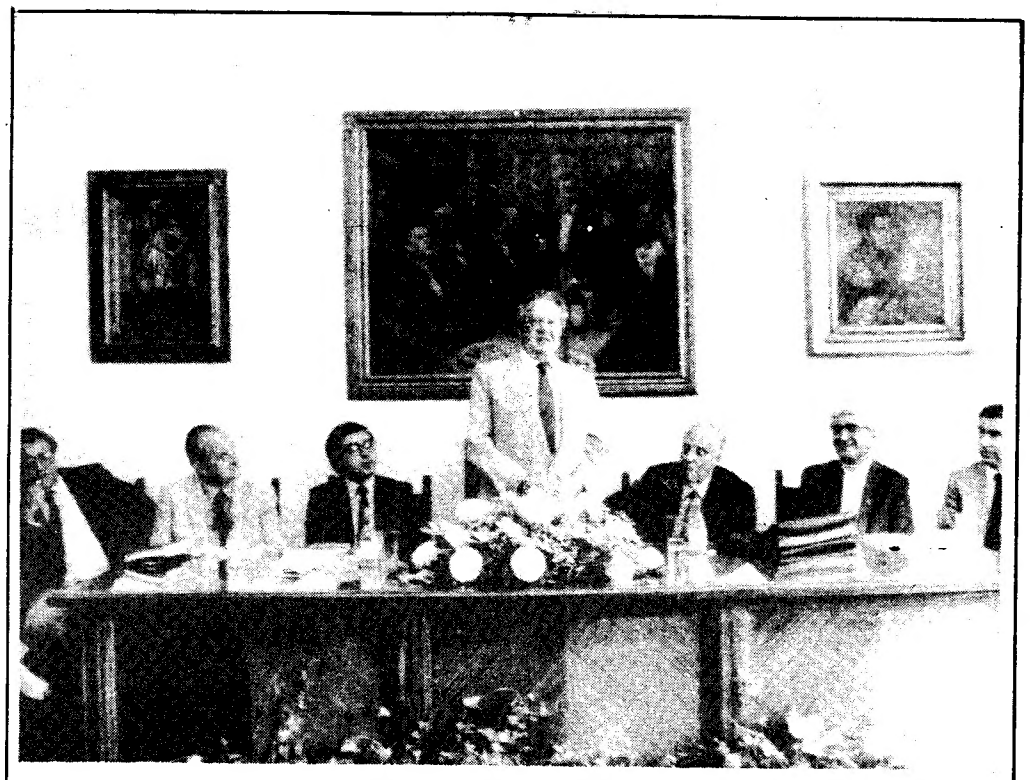
2 — Ele, de facto, prometia muito. Bastava olhá-lo, admirar a sua determinação, a forma como se situava, como reagia aos ataques, para se ficar com a nítida sensação de nos encontrarmos diante de alguém predestinado para largos feitos. Era aquele jeito de levantar a cabeça, altivo e dominador. Eram aqueles olhos frios com que fitava toda a gente. Era a misteriosa força que irradiava, essa força de que só os chefes e os condutores possuem o segredo. E no entanto...

3 — ... No entanto, houve logo quem, ostentando modos sábios, lhe deitasse à cara o ferrete do Destino: **Aldrabão!**

4 — Não se pode acusar alguém pelo muito que promete. Certo que, como já vimos, ele prometia demasiado — mas também é verdade que ninguém gosta de alguém que não promete nada. Uma vida sem promessas é tal qual o sal sem comida: arde e não consola. Mal ele aparecia, lá começavam todos: **Aldrabão!**
Diziam os mais avisados:
— Pois sim! Chamem-lhe, mas hão-de ver como ele se defende na hora da verdade...
E a hora da verdade chegou. Todo o País tinha os olhos postos na Televisão...

5 — Falavam certo os que o apodavam de **aldrabão**. *Foi um quarto de hora penoso, uma lástima para os olhos: ataques desordenados, uma facilidade infantil de oferecer, flébil, o flanco. Era afinal verdade: todas as promessas se revelavam vãs, toda a expectativa saía gorada, perdia-se, num simples quarto de hora, o capital de prestígio durante tanto tempo acumulado...*

6 — Vira bem quem chamara **aldrabão** *àquele touro da corrida que a TV dera em directo. Felizmente, para nós, porém, ele tinha os cornos serrados. Para nós, quer dizer, para o cavalo.*



No lançamento "Grandes Repórteres da República"

Mário Soares visitou a Casa da Imprensa

O Presidente da República, que se fazia acompanhar pelo secretário de Estado para a Comunicação Social, Luís Marques Mendes, assistiu ontem à tarde, na Casa da Imprensa, ao lançamento do livro «Grandes Repórteres Portugueses da Primeira República», tendo sido saudado pelo dr. Norberto Lopes, único sobrevivente dos 32 autores insertos na obra.

Norberto Lopes, que foi director do «DL», recordou «os tempos em que não havia nas redacções células partidárias a tentarem levar a água ao seu moinho» e falou dos seus companheiros cujos textos figuram no livro, tendo revivido histórias pitorescas de alguns deles.

Outro dos oradores foi Afonso Praça, também nosso antigo camarada de redacção, que considerou a presença de Mário Soares como «uma homenagem aos jornalistas portugueses da Primeira República e possivelmente aos jornalistas da actual República», referindo que a obra retratava «um certo modo de praticar a profissão».

O livro, que tal como se pode ler na badana, aborda «os casos vibrantes, confidenciais, descritos pelos próprios jornalistas que os viveram» integra textos, entre outros, de Joaquim Manso (fundador do «DL»), Artur Portela, Acúrcio Pereira, Ferreira de Castro, Julião Quintinha, Trindade Coelho, Raul Brandão, Agusto de Castro, Belo Redondo, Reinaldo Ferreira (Repórter X), e Vitorino Nemésio.

Poluição nas praias da Linha do Estoril

Autoridades desdramatizam situação

Os presidentes das Câmaras de Oeiras e Cascais, o secretário de Estado do Ambiente e um representante dos serviços de saúde, desdramatizaram ontem, num programa de informação da Antena 1, a situação das praias da linha do Estoril.

Para o Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, desde 1983 que o estado de poluição das praias do concelho é idêntico, sem grandes alterações. Isaltino de Morais salientou que há discrepâncias entre os números apresentados pela Direcção dos Serviços Sanitários e as análises camarárias, sublinhando, no entanto, que os banhistas serão avisados de tudo o que se for passando, e que nas praias onde os banhos não são recomendados vão ser colocados avisos.

Para o responsável pelo Municipio de Cascais, este concelho não tem motivos para grandes preocupações, pois de todas as praias apenas uma está em más condições para os utentes. George D´Árgent precisou que, das 20 praias da área do seu Municipio,17 se encontram com indices de poluição muito abaixo das normas impostas pela CEE.

Cheias de 83 agravaram problema

Para o dro Manuel Geraldo, dos serviços de saúde, Cascais e Oeiras têm problemas diferentes, pois enquanto que o primeiro dos concelhos, de acordo com as últimas análises, apenas tem uma praia em más condições- a praia do Peixe-, no segundo há casos de poluição evidentes. Aquele técnico adiantou que o problema não é novo, já que se têm vindo a realizar sistemáticas análises à água, mas que, a partir de 1983, devido sobretudo às cheias, o problema se agudizou.

Manuel Geraldo precisou, ainda, que as placas de sinalização, indicando onde se pode ou não tomar banho, serão colocadas a partir de hoje nas praias daqueles dois concelhos, e sublinhou não estar provado o aparecimento da hepatite nas praias do concelho de Oeiras, apesar da poluição existente.

Por seu lado, o secretário de Estado do Ambiente, referiu que há problemas localizados nalgumas das praias da chamada linha do Estoril, e que a presente situação não é pior do que a vivida em anos anteriores. Carlos Pimenta sublinhou que as obras do grande colector, já adjudicadas, que virá de Cascais até Algés, estarão prontas até 1990. Até lá, adiantou aquele membro do governo, vão ser lançadas obras de emergência que, na medida do possível, irão remediar a poluição proveniente na maior parte dos casos de esgotos. Carlos Pimenta garantiu que a Secretaria de Estado do Ambiente não esconderá nenuma informação e tentará, com verdade e sem especulação, defender o meio ambiente.

Um morto e quatro feridos graves

Família espanhola vítima de acidente no Algarve

Uma cidadã espanhola morreu e quatro familiares seus ficaram feridos gravemente quando o automóvel em que viajavam se despistou e foi embater numa árvore, a cerca de 5 quilómetros de Aljezur, na estrada para Lagos. O acidente ocorreu numa curva seguida de cruzamento na Estrada

Nacional n.º 120 com a viatura espanhola de matrícula PO-5545-V, em que seguia a família Alvarez Rodrigues-Rodrigues, de Pontevedra, na Galiza.

O casal e três dos quatro filhos foram transportados para os hospitais de Lagos e Portimão. Em Lagos, viria a falecer Olga Alvarez Gago, de 51 anos. Ileso do acidente saiu apenas o condutor do veículo, o filho José Ramon Rodriguez Alvarez de 26 anos, médico. Feridos com gravidade continuam hospitalizados Jose Eloy Rodriguez-Rodriguez, de 50 anos, director bancário, e as suas três filhas — Monserrate, de 27, professora, Reyes de 24, economista, e Olga, de 22, estudante.

... conduza o mais moderno, resistente, económico e seguro veículo comercial à venda no país

NOVA NISSAN PICK-UP

MELHOR DO QUE NUNCA

Na cidade ou na estrada.
Transportando passageiros ou as mais variadas cargas.
No calor e no pó. Nos piores caminhos, nos terrenos mais difíceis.
Você pode contar com a robustez e a potência da **PICKUP** para enfrentar todos os desafios do seu dia a dia.
O chassis e carroçaria reforçados dão-lhe a garantia de extra-resistência e extra-duração.
Quanto às performances, nada a fazer... só mesmo sentir o prazer de conduzir a **NISSAN PICKUP.**

ENTREPOSTO COMERCIAL
veículos e máquinas, sarl
Praça José Queirós, 1 Olivais Sul, 1801 LISBOA CODEX
CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

NISSAN NISSAN

A perfeição tecnológica

Chamas ainda subsistem no Fundão, Castelo Branco e Ferreira do Zêzere

Em treze dias bombeiros chamados a mais de 1800 fogos

Fundão, Castelo Branco e Ferreira do Zêzere são três áreas da zona Centro do País onde, apesar do combate dos bombeiros, as chamas continuavam a lavrar esta manhã, embora os fogos já estivessem circunscritos. Entretanto, de acordo com um cálculo feito junto das cinco Inspecções Regionais de Bombeiros, entre 1 e 13 do corrente, os «soldados da Pas» acorreram a mais de 1.800 fogos florestais e agricolas.

«O incêndio já está circunscrito, mas o combate às chamas é extremamente difícil devido aos acessos, e termos que andar a pé muitos quilómetros», indicou esta manhã ao «DL» uma fonte dos bombeiros Voluntários de Castelo Branco, corporação que, nos últimos dias, tem estado sempre a trabalhar no mesmo incêndio. De facto, as chamas que ontem deflagararam ao principio da noite na zona do Ingarnal, no concelho do Fundão, vieram de Castelo Branco onde, desde terça-feira, o fogo já consumiu uma extensão de cerca de 300 hectares.

No Fundão, os bombeiros já conseguiram circunscrever as chamas, o mesmo acontecendo do lado de Castelo Branco, esperando os bombeiros que, nas próximas horas, o sinistro possa entrar na fase de rescaldo. No combate às chamas, as corporações de Castelo Branco, Penamacor, Fundão, Idanha-a-Nova, Oleiros e Vila Velha do Rodão, têm tido o auxilio dos meios aéreos- aviões e helicópteros- das pistas de Moita e Proença-a-Nova.

Por outro lado, em Ferreira do Zêzere, o incêndio que desde a passada terça-feira tem ocupado 16 corporações de bombeiros, num total de 150 homens e cerca de 30 viaturas, dimunuiu consideràvelmente de intensidade, após mais uma noite de luta contra as chamas. Em contacto com o «DL» um informador dos voluntários de Ferreira do Zêzere precisou que «durante a tarde, o problema poderá estar resolvido».

Entretanto, num inquérito feito junto das cinco Inspecções Regionais de Bombeiros do País, a NP apurou que, entre 1 e 13 de Julho, os «soldados da Paz» acorreram a 1.869 fogos florestais e agrícolas. A região onde se registaram mais fogos foi a de Lisboa e Vale do Tejo (688), e o distrito mais afectado pelas chamas foi o de Lisboa, com 338 incêndios.

O Algarve, com 90 fogos, foi a região menos flagelada pelas chamas, enquanto que o distrito com menos fogos foi o de Bragança.

De Viseu a Faro: incêndios extintos

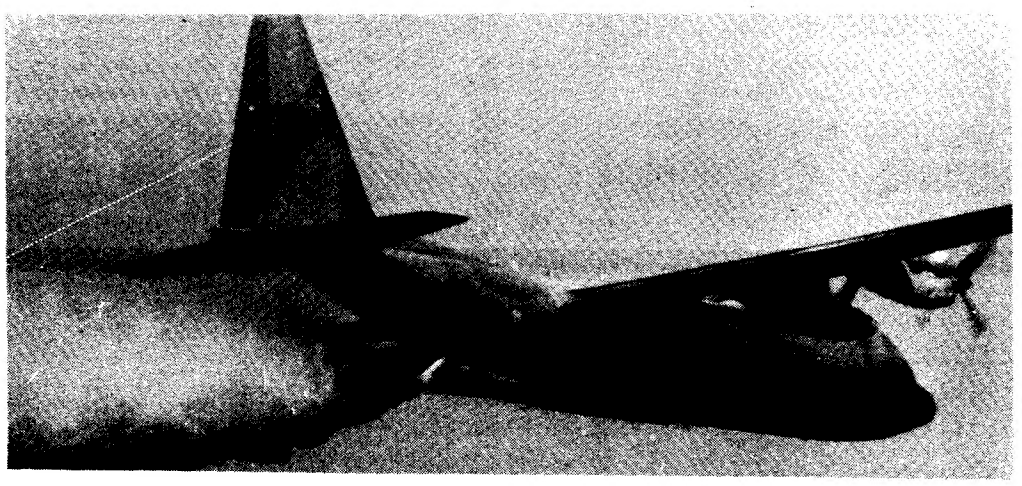
De Viseu a Faro, muitos já foram os incêndios que o labor dos bombeiros extinguiram. Na primeira das regiões, foi dado como extinto na noite de terça-feira o fogo, cuja origem é ainda desconhecida, e que destruiu aproximadamente 500 hectares de pinhal e floresta.

Em Carregal do Sal, os Voluntários locais consideraram extinto ontem á noite o fogo que, durante 48 horas, eclodiu em matas e áreas verdes daquele concelho. de acordo com os primeiros cálculos, as chamas destruiram mais de 100 hectares de floresta e mata, compreendida no perímetro delimitado pelas localidades de Vila Mea, Póvoa das Forcadas, Póvoa de Santo Amaro e Currelos. Ao fogo opuseram-se durante os dois dias de combate, cerca de 100 bombeiros das corporações do Carregal do Sal, Cabanas de Viriato, Cabanas de Senhorim, Nelas, Lagares da Beira e Tábua. As causas do incêndio, segundo a opinião dos bombeiros, apontam para um acto criminosos de fogo posto, «dado que os locais onde foram detectadas as chamas são áreas verdes, onde sómente de propósito é possível atear o fogo».

Em Guimarães, os bombeiros locais extinguiram à uma da manhã de hoje o fogo que eclodiu na manhã de terça-feira e que, ao principio da tarde de onte, se reacendeu. Segundo declarou ao «DL» um informador daquela corporação, as chamas coinsumiram perto de 20 hectares do Monte de S. Roque, na Penha, suspeitando-se de fogo posto.

Em Faro, o incêndio de grandes proporções que deflagrou às 16 horas de ontem numa área de pinhal nos sítios do Pontal e das Cambelas, nos arredores de Faro, foi dado como extinto à 1 e 30 de hoje pelos bombeiros Municipais e Voluntários da capital do distrito, auxiliados pelas corporações de Olhão e São Brás de Alportel. As chamas, que consumiram mais de 100 hectares, irromperam em simultâneo com o rebentamento de um engenho ainda não identificado.

Segundo o relato do comandante Valdemar, os homens da sua corporação empenhavam-se no combate ao sinistro no sítito de Ponte de Marchil, quando ecoou um estrondo de rebentamento, a poucos quilómetros de distância, tendo os bombeiros encontrado no local uma clareira aberta no solo.



GNR deteve cinco incendiários

Em comunicado divulgado ao principio da noite de ontem, a Guarda Nacional Republicana anunciou ter capturado recentemente cinco individuos acusados do crime de fogo posto.

Manuel Fortunato, de 49 anos, foi detido na região de Grândola por suspeita de ter iniciado um fogo na herdade de Vale Santiago, em Alvalade do Sado. Entregue ao Juíz de Instrução Criminal de Setúbal, este manteve a prisão e mandou-o aguardar julgamento na cadeia local.

Por outro lado, elementos da GNR detiveram na Sertã dois individuos, acusados também de fogo posto. Trata-se de Teresa Freire, que confessou ter ateado um incêndio que destruiu dois hectares de pinhais, e que, depois de em 1974 ter iniciado diversos fogos, foi internada numa instituição para recuperação de alcoólicos. O segundo individuo, detido em Vila de Rei, era ajudante de bombeiro voluntário e foi entregue à GNR por populares. Trata-se de José da Silva, com 18 anos, foi presente ao JIC de Castelo Branco, que também manteve a prisão, aguardando julgamento.

Manuel Paiva, de 35 anos, agricultor, foi detido na zona de Várzea/Seia, por suspeita de ter sido o causador das chamas que destruiram 30 hectares de pinhal e olival. Tendo declarado que pegaro o fogo inadvertidamente quando acendia um cigarro, o JIC de Gouveia mandou-o em liberdade condicional, mediante o pagamento de 100 contos e a apresentação semanal no posto de Gouveia da GNR, enquanto decorre a instrução do processo.

O último detido, na região da Guarda, é um menor de 12 anos, orfão de pai, com perturbações mentais, acusado de ter ateado dois fogos que destruiram 110 hectares de mata e pinhais.

CEE acusa Portugal de atrasos

Atrasos incompreensíveis da administração portuguesa foram verificados pela Comissão Europeia durante o processo de atribuição de uma ajuda de emergência às vítimas dos incêndios em Portugal.

Essa ajuda, no valor global de 25 milhões de escudos, destinada às famílias das vitimas dos incêndios do passado dia 13 de Junho em Tondela e Águeda, tinha anunciada na terça-feira em Bruxelas. De acordo com uma fonte comunitária, o anuncio da atribuição verificou-se apenas três semanas depois dela ter sido decidida pela Comissão Europeia, quebrando com a norma seguida habitualmente de o fazer imediatamente a seguir ao acontecimento em causa.

Segundo o mesmo informador, esse facto deve-se a um «incompreensível atraso» da administração portuguesa na resposta a um conjunto de questões simples que lhe foram endereçadas pela Comissão Europeia acerca do número de vítimas, respectivos agregados familiares e percas materiais resultantes daqueles incêndios.

Coube, então, á Comissão Europeia o desenvolvimento de algumas iniciativas junto da administração portuguesa no sentido de desbloquear a situação, tendo o próprio comissário português, Cardoso e Cunha, durante uma recente visita a Lisboa, encetado alguns contactos com o objectivo de acelerar a resposta da parte portuguesa.

O informador, citado pela agência NP, referiu, ainda, que o «desinteresse» dos responsáveis portugueses causou tanto mais estranheza quanto a ajuda em causa teve um carácter «absolutamente excepcional», destinando-se a acentuar «a solidariedade comunitária em relação ás populações atingidas pela catástrofe», pois, normalmente, os pedidos de ajuda de urgência em caso de incêndios florestais, não incluem auxilios às populações da comunidade vítima desses desastres.

de 18 a 27 de Julho

Venha festejar connosco

Festas do Concelho de Loures

Canções, música, espectáculo, desporto, alegria, solidariedade, convívio

18 Julho — Júlio Pereira
Sacavém, 21.30 h
18 Julho — Banda da Guarda Nacional Republicana
Rinque Municipal de Loures, 21.30 h
19 Julho — Festival de Folclore - Saloio
Bucelas, 21.30 h
19 Julho — Trovante
Rinque Municipal de Loures, 21.30 h
20 Julho — António Pinho Vargas
Rinque Municipal de Loures, 21.30 h
21 Julho — Ronda dos 4 Caminhos
Rinque Municipal de Loures, 21.30 h
23 Julho — Banda da Força Aérea
Rinque Municipal de Loures, 21.30 h
24 Julho — Rádio Macau
Rinque Municipal de Loures, 21.30 h
25 Julho — Fernando Tordo
Rinque Municipal de Loures, 21.30 h
26 Julho — Sérgio Godinho
Odivelas, 21.30 h
26 Julho — Banda da Polícia de Segurança Pública
Rinque Municipal de Loures, 21.30 h
27 Julho — Sérgio Godinho
Rinque Municipal de Loures, 21.30 h

1886 CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO 1986

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

Há mais de 15 anos

Um padre que canta os outros...

Pedro Alvim

Há anos, antes da implantação da democracia entre nós, o «DL» entrevistou-o, salientando a sua singular posição de português e de católico. A entrevista, embora «disciplinadamente impecável», não pôde ser publicada. «Não era oportuna» – fez-nos saber a Censura. Nome: José Luís Rodrigues, doutorado em Teologia. Como ele agora nos diz, era, naqueles tempos, «o primeiro padre católico à portuguesa». Isto é: sem renunciar à sua vocação, era um homem casado e dado à música. Na sua viola aguitarrada, compôs numerosos fados e canções. Com «Marinheiro sem mar», concorreu, inclusive, ao Festival da Canção de 1970. Prémio: nenhum. Mas ficou-lhe a satisfação de a música que lhe saíu da sensibilidade ter ficado no ouvido de todas as pessoas do seu círculo.

«Isso me bastou – e continuei, até ao momento, a compor sempre. Juntamente com minha mulher, Maria da Liberdade, que, sob o nome artístico de Midda, me acompanhou em muitos recitais...»

Breve perfil

Ora passado dezasseis anos, José Luís Rodrigues continua com os dedos na viola aguitarrada, sempre com novas letras (embora não menospreza as antigas), e com o firme propósito de se oferecer a recintos que o aceitem como compositor, tocador e cançonetista...

«Será isso possível...?» – perguntámos.

«Creio que sim. A não ser que os preconceitos ainda continuem...»

Apresentemo-lo, porém, com mais alguns pormenores. José Luís Rodrigues possui o Curso de Teologia do então «melhor seminário do Mundo», o de Cristo-Rei dos Olivais, Curso que foi reconhecer, com licença especial do Patriarcado, à Universidade Pontifícia de Salamanca.

Em 1970, como católico fidelíssimo, recebeu, na Catedral da Igreja Lusitana, das mãos do recentemente falecido bispo D. Luís César Rodrigues Pereira, «o válido Sacramento da Ordem».

Católico, portanto...?»

«Católico fidelíssimo.»

«Mas nunca seguiu a vida eclesiástica...?»

«Não. Fui aconselhado pela hierarquia a não seguir a vida eclesiástica precisamente pela minha vocação artística...»

Vocação artística que, como dissemos, ainda se mantém em José Luís Rodrigues. Quer isto dizer...

«Quer isto dizer que, na verdade, em nova e definitiva fase da minha vida, tentarei a oportunidade de me expressar por música e palavras. Eu sou aquele que, "no meio do adro / como em oração / num divino enleio / toca violão..."»

Um homem, pois, que actuou já em muitas festas particulares, em casas de espectáculos, até em várias igrejas...

«Sempre aproximei as pessoas de mim. Quem me dá oportunidade para que as pessoas mais de mim se aproximem...? Cantar, tocar, fazer versos – eis o que de mim aos outros posso dar. Quem pode dizer que tal não é legítimo...?»

Dissemos-lhe:

«Boa sorte...»

E ele disse:

«Que ela me acompanhe até à morte...»

10.ª Conferência da Reforma Agrária

Apenas alguns reparos...

Tentei, em vão, escrever algumas linhas que correspondessem à situação vivida na área da Reforma Agrária, mas só agora no rescaldo da décima conferência que não foi empolgante, nem triunfalista, venho fazê-lo, tentando pintar um quadro fiel à realidade. Porque não apropriar-me dos castanhos do restolho, seco, da terra e do mel, cores que surgem no cartaz concebido por Rogério Ribeiro?

Pondo de lado banalidades como «bela conquista de Abril», ou «sangue, suor e lágrimas» ou ainda a luta heróica do proletariado agrícola do Sul», etc... o que importa é tratar do concreto, despido dessas excrecências que acabam por prejudicar o vigor discursivo. Ora, bem real me pareceu o que **Pombinho,** trabalhador agrícola da cooperativa do **Charnical,** concelho de Ferreira do Alentejo cotou: «Enquanto aguardávamos a resposta do Supremo Tribunal Administrativo íamos adiando a nossa saída das reservas. Assim enganávamos o agrário fingindo que saíamos, até que na apanha da azeitona, quando preparávamos o terreno debaixo das oliveiras, nos vimos cercados pela GNR. Dois dos nossos andam constantemente a ser chamados a prestar declarações, no tribunal, sob a acusação de roubo de azeitona...»

...Pombinho, calmo, boné a descair sobre os olhos, vai relatando o historial da sua cooperativa. Os processos movidos contra os trabalhadores, as diversas intervenções da Guarda Republicana, as detenções, toda a resistência que opuseram em largar a terra, desde Fevereiro a Maio deste ano. «Na véspera do 1.º de Maio intimaram-nos a entregar as terras... Resistimos durante 35 dias. Bem... quem ouvir isto fica com a impressão de que não respeitamos as leis do País, o que não é verdade. Os que não respeitam as leis são os agrários e o ministro da Agricutura como provam os acórdãos do Supremo Tribunal Administrativo que eles não cumpriram...»

Se atrás volvermos os olhos diríamos que apesar de tudo há uma lei — a chamada lei Barreto — , sem dúvida contestada pelos assalariados rurais do Sul Mas ela existe. Portanto, a obstinação com que se defende a terra é lícita. Há que evitar o desemprego, ninguém gosta de passar privações, nem ter de ir para o estrangeiro (longe da terra onde se nasce e dos seus) à busca de um modo de vida, sempre transitório, sem perspectivas de futuro. Voltar a mendigar emprego aos latifundiários? **Diariamente os sindicatos têm vindo a denuciar junto dos trabalhadores, ainda recentemente fizemos cerca de 600 reuniões e plenários nas herdades privadas e aldeias, as violações ao Contrato Colectivo de Trabalho.** Eis o que afirmou Francisco Caixinha.

Antes da Reforma Agrária, latifundiários e fundações detinham dois milhões de hectares da totalidade de área agrícola do Alentejo e Ribatejo, representando somente 2.3 por cento da população. Depois, os pequenos e médios agricultores tinham, para si, o encargo de um milhão de hectares, enquanto os assalariados agrícolas, nada possuíam, nem sequer um emprego estável. Daí o desespêro e a angústia com que encaravam o quotidiano. **Debaixo do fogo consegue-se uma taxa de ocupação cultural três vezes superior à dos agrários e também uma maior produção global...,** assinala António Murteira, técnico agrícola.

Corrupção

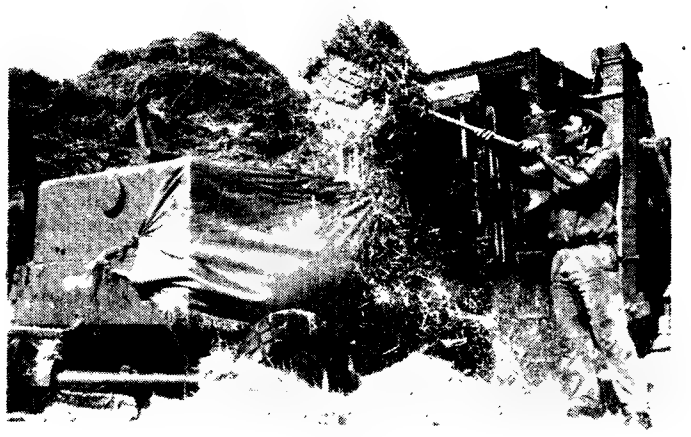
De acordo com os documentos, em que se baseou a décima conferência, verifica-se uma tendência para o aumento do regadio, bem como no campo da produção animal e dos investimentos. Houve, pois, investimentos no valor de 15 milhões de contos e inúmeros melhoramentos fundiários e construções, nomeadamente pequenas barragens, celeiros, malhadas, etc. Com a Lei 77/77, despareceram 230 cooperativas e muitas outras foram seriamente afectadas, pelo menos é o que asseguram os textos divulgados. Todavia, o panorama agravou-se substancialmente, nos últimos tempos, na medida em que se depara com **o aprofundamento das ilegalidades e das fraudes.**

Entretanto, no rol das acusações, aparece algo de preocupante que é o fenómeno da **corrupção.** Diz-se, por exemplo, que o assessor do ministro da Agricultura, **dr. Simão da Cruz,** embolsou 6000 contos com a venda da herdade **Vale de Lama,** património estatal. Foram as luvas dos serviços prestados aos agrários. Diz-se também que **António Barbosa Correia,** coordenador do Gabinete Jurídico do MAP e advogado de Maria Helena Sousa e Holstein Manoel, recebeu uma quantia a rondar os 800 contos, provavelmente o pagamento dos honorários acordados por ter instruído o processo de reserva, enquanto funcionário do Ministério da Agricultura. Cada um pode contratar o advogado que quiser, sendo no entanto de desconfiar quando esse advogado desempenha um cargo oficial, e, sobretudo, num organismo envolvido na política agrícola.

Alguma coisa soa a desonestidade, nestes métodos. E contra eles se insurgem as cooperativas lesadas. Se há 351 acórdãos, favoráveis às UCPs e Cooperativas, proferidos pelo Supremo Tribunal Administrativo é porque há atropelos à lei. Isto parece evidente, tão evidente como a recusa do MAP no seu cumprimento. Não basta dizer desrespeito. Talvez se deva dizer que, em causa estão interesses , que os funcionários do MAP não agem com insenção. Nem com inocência. São parte implicada, são o **inimigo** numa guerra que dura há mais de dez anos. É possível que os trabalhadores da Reforma Agrária, zelosos do que ganharam com o 25 de Abril, se tenham excedido e que alguns mentores se caracterizem por um certo olhar torto, ou melhor, vesgo. Mas como classificar os opositores?

Lino de Carvalho: «... Mas quão diferente poderia ser o panorama hoje se as UCPs e Cooperativas tivessem contado com o decisivo, necessário e constitucional estímulo do Estado; que searas diferentes cresceriam hoje nos campos do Alentejo e Ribatejo; que homens e mulheres teriam brotado ainda mais; que enorme salto poderia ter sido dado no panorama da agricultura portuguesa. Diversos e insuspeitos estudos do Centro de Economia Agrária do Instituto Gulbenkian de Ciência aí estão para o demonstrarem. Contudo, não têm entendido assim os sucessivos governos que ignorando por completo os interesses da região e do País e, por exclusivas razões político-ideológicas tem procurado, por todos os meios, tentar pôr termo a esta transformação das relações de produção que é a Reforma Agrária...»

De certo modo, Lino de Carvalho bateu na bola, mas não a atingiu em cheio. O erro também reside na avidez das «bandeiras políticas» porque a Reforma Agrária em si, em toda a



sua generosidade, e ainda que incompleta, representa um triunfo e uma lição. Lição de sacrifício, de fidelidade, coisa altamente moral.

Outra vez?

Pretende-se que o ganadeiro **Joaquim Grave** volte a ser o latifundiário que era, o dono de mais de três mil hectares de terra. E para quê? Para mandar aramar a terra e dizer **isto é meu** e dos meus toiros? Um andaluz, por acaso, secretário-geral das Comissões Obreiras, na região da Andaluzia, dizia-me que **qualquer pequena povoação de 3000 habitantes, apresenta uma percentagem de mil pessoas no desemprego.** Então como vivem? — perguntei. Da caça furtiva, vão aos coutos e apanham uma ave ou um animal de chão para comer — foi a sua resposta. Claro que tudo decorre às escondidas, porque o agrário não admite que na sua propriedade se colha, sequer, um fruto silvestre.

É assim numa Andaluzia com nove milhões de hectares, onde os senhores da terra (na ordem dos quatro por cento), dispõem de mais de 53 por cento dela. Aqui, em Portugal, registou-se uma revolução fundiária, a fim de atenuar as injustiças gritantes, o que se me afigura natural, pois o inverso era inaceitável. E agora? Vamos regressar aos coutos, às ganadarias, às enormes extensões de terra sem proveito para o País, de onde não se colhe nada, a não ser o que não carece de trabalho humano?

Valeria a pena lembrar que não somos ricos, que o nosso destino é incerto... Em cada olhar, em cada gesto vi perguntas ansiosas. Sim, em Évora, na décima conferência da Reforma Agrária vi a mesma expressão de tragédia que presenciei, no Alentejo, quando eu era criança...

Lourdes Féria

Cruzeiros 86

LISBOA LISBOA 11 DIAS

N/M "ACHILLE LAURO"

CRUZEIRO AO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL E ATLÂNTICO

PARTIDAS:
JULHO 5-16-27
AGOSTO 7-18-29 - SETEMBRO 9-20
OUTUBRO 1-12

QUALIDADE INTERNACIONAL
TRADIÇÃO ITALIANA
HOSPITALIDADE PORTUGUESA
• Elevado número de tripulação lusa

VISITANDO:
TÂNGER - PALMA DE MAIORCA
MAHON - GÉNOVA - BARCELONA
MÁLAGA - CÁDIZ

PREÇOS DESDE 138 600 ESC.

★

N/M "AUSÓNIA" 8 DIAS
BARCELONA BARCELONA
PÉROLAS DO MEDITERRÂNEO
SAÍDAS: TODOS OS DOMINGOS
VISITANDO:
BARCELONA - PALMA - TUNIS - PALERMO - CAPRI - NÁPOLES - GÉNOVA

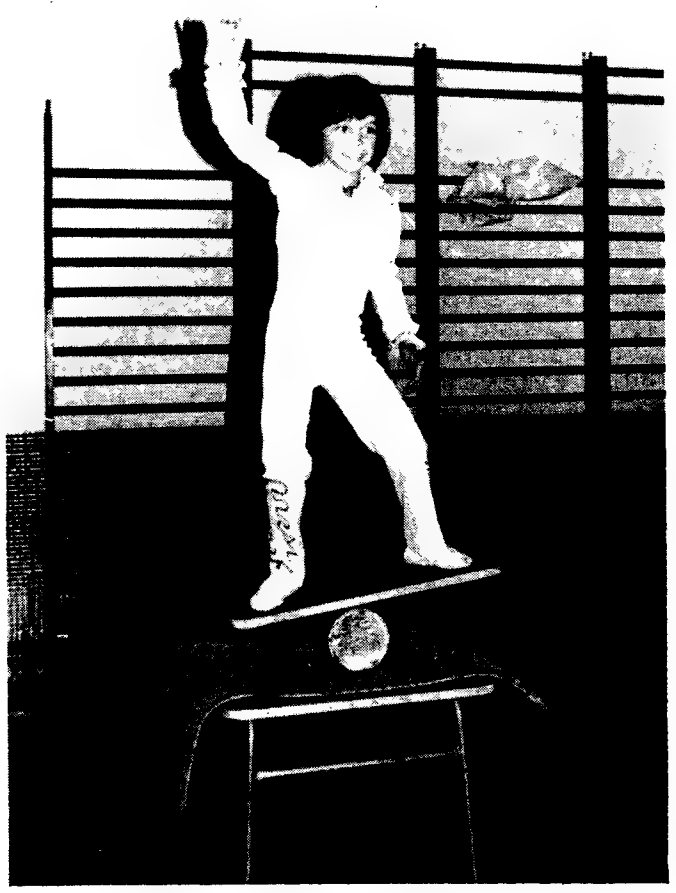
INFORMAÇÕES E RESERVAS

Latitude 38 Viagens e Turismo, Lda

Rua da Madalena, 55/61
Telefs. 87 88 21/2/3 Telex 44546 LT 38
1100 LISBOA

Enquanto há vida há esperança

Artistas de circo aguardam melhores dias



Brunof executa o seu número de circo. Aos 10 anos: o equilíbrio precário

Manuela Alves

Fotos José Tavares

Na Quinta de São Lourenço, a Carnide, fica o Parque Residencial dos Artistas de Circo. O conteúdo não condiz com a pompa do título: as «residências» são caravanas modestas, velhos autocarros da Carris transformados, também, em residências, caravanas de tipo, digamos, médio e duas ou três que poderão considerar-se luxuosas. As diferenças de classe também se reflectem no circo.

No dia em que visitámos este Parque Residencial **sui generis** aguardava-nos uma sardinhada. O convite partira de um grupo de artistas da Cinespectáculo, grupo com 13 elementos criado há dois meses para dar trabalho aos artistas inactivos.

Sob um sol escaldante, viam-se, por baixo dos avançados das caravanas, cadeiras e mesas, frigoríficos (alguns já muito enferrujados), vasos de flores, gaiolas com papagaios e piriquitos. Lares rolantes. Mais além, à sombra de um autocarro transformado em habitação, um secador de cabelo de pé alto e uma mesa de equilibrista. E, ainda mais além, à porta de uma caravana, uma cadeira de rodas vazia. Seria o utente da cadeira um acidentado do circo? «Não», respondeu-nos a mãe em espanhol, «a minha filha não pode andar mas não foi por acidente de circo». Conta que uma trapezista que há pouco tempo esteve no Parque deu uma queda e — essa sim — ficou com os pés de tal forma que «nunca mais poderá andar».

Quem vive aqui? Os que fazem da caravana casa, quando estão parados ou a trabalhar em Lisboa; os que não podem trabalhar por idade avançada ou doença ou os que pura e simplesmente não são contratados.

— Há colegas que estão bem, têm as suas casas. Mas em geral, a situação do artista nacional é precária — comenta um dos presentes.

Diga-se, a propósito, que os residentes com quem falámos não se mostraram, apesar da precaridade da situação, tristes ou abatidos, infelizes ou desmoralizados, pelo contrário.

— Aqui estamos à vontade. Ninguém nos incomoda. Eu pago 740 escudos por mês por ter aqui duas caravanas. No Inverno é que é pior.

Como se vê, o chão é de terra batida e com a chuva isto transforma-se num lamaçal — comenta o «palhaço rico» reformado, Armindo Campos.

Nesta época alta de espectáculos circenses acolhem-se ao Parque Residencial dos Artistas de Circo cerca de 130 pessoas, na sua maioria agrupadas em clãs familiares. No Inverno, quando o mau tempo fustiga os circos ambulantes, a população ultrapassa as três centenas de residentes, incluindo estrangeiros que vêm trabalhar em Lisboa.

Enquanto se espera a sardinhada, o «palhaço pobre» Vitoriano Ramos assa as sardinhas e o elemento feminino prepara as saladas e as batatas, vai-se revelando este mundo, de fachada muito popular, mas fechado em si, em que o palhaço rico é designado por «cara branca» e o palhaço pobre por «Augusto de parelha».

Remetidos para a vida ambulante ao longo de séculos, o vínculo contratual do artista de circo português é ainda muito precário: são contratados por agentes (espécie de intermediários entre os empresários e os artistas) para um espectáculo ou uma série de espectáculos; o acordo é, em geral, verbal e não escrito, pelo que os artistas se queixam de que muitas vezes não são integralmente pagos pelo seu trabalho. Muitos não são sindicalizados, não descontam para a segurança social, não têm reforma nem assistência médica. E se os agentes não os procuram não têm trabalho.

«Pialgata» para sobreviver

— Quando não temos trabalho, recorremos, às vezes, àquilo que chamamos de «pialgata». Vamos, por exemplo, a uma sociedade recreativa e oferecemos o nosso trabalho sem quaisquer encargos para eles. Com o dinheiro do espectáculo pagamos a sala e guardamos o resto — explica o «veterano» Armindo Campos.

— Já passou fome?

— Bom, fome, fome, não. Mas muitas vezes é contar todos os tostões, isso é verdade.

Quando há dois meses nasceu o grupo Cinespectáculo, alguns dos seus elementos já não trabalhavam havia três meses.

O grupo constituiu-se pela necessidade de sobrevivência pelo trabalho e a sua prática apresenta aspectos diferentes da prática tradicional: não se apoia exclusivamente numa família, mas os seus membros dizem-se abertos a todos quantos queiram trabalhar, por outro lado pretendem defender-se de situações criadas pelo monopólios dos grandes empresários.

Trabalham para a Junta de Freguesia de Carnide realizando aos domingos, no Carnide Clube, um «Festival de Cinema e Animação», constituído pela exibição de filmes e espectáculos de circo. As sessões, destinadas às crianças da freguesia, são gratuitas. Já têm trabalhado com outras Juntas de Freguesia. No Dia Mundial da Criança realizaram espectáculos consecutivos no Centro Comercial das Amoreiras.

— A Junta de Freguesia de Carnide é a entidade que nos tem apoiado. Carnide vai ter, este ano, o seu espectáculo de circo do Natal e temos o projecto de recuperar o saltimbanco nas ruas desta freguesia — diz o «cara branca» Ilídio José, um dos fundadores e animadores do Cinespectáculo. — De resto, nem a Câmara Municipal de Lisboa, nem a Fundação Gulbenkian, a quem recorremos, nos deram resposta.

Têm ainda projectos de promover outros espectáculos no Carnide Clube, de criar uma rádio local e gostariam de trabalhar para a Unicef.

Algumas das «residências» dos artistas de circo

Enquanto há vida há esperança

no seu "Parque Residencial"

«A situação do artista nacional é precária»

«Queremos trabalhar com toda a gente» — diz Ilídio José, ex-locutor de rádio e agora palhaço-rico

— Estamos abertos a toda a gente. Não queremos deixar morrer o espectáculo mágico do circo.

De locutor a palhaço rico

Ilídio José, 28 anos, integrou-se no circo há pouco tempo e é um os casos raros em que o circo não foi «herança» familiar.

— Eu era locutor da RDP, em Elvas, contratado a prazo de 6 meses. Um dia apareceu na cidade o circo Mariani (uma das grandes famílias circenses) e pediram-me para fazer a apresentação do espectáculo. Fiz o trabalho, gostei e como entretanto o prazo do contrato da rádio estava a expirar resolvi ficar no circo.

Ilídio José, que não se cansa de gabar este «mundo maravilhoso» em que «há união e solidariedade», é palhaço rico mas considera que tem ainda muito que aprender com o Armindo Campos, que é palhaço rico há mais de quatro décadas.

Armindo Campos, de 61 anos, é outro caso raro de artista de circo que não pertence a nenhuma família tradicional do circo. Também «um dia» o circo irrompeu na sua vida. Tinha 16 anos e vivia em Vila Nova de Gaia, de onde á natural.

— Comecei por ser músico. No circo precisaram de alguém que tocasse trompete e bateria no espectáculo. Fui tocar. Depois, um artista adoeceu, fui substituí-lo e lá fiquei até hoje.

— E porquê como palhaço rico?

— Porque, ao contrário do «Augusto de Parelha», o «cara branca» não se pode rir, não pode falar mal. E como eu tenho um bocadinho de presença de espírito para aguentar a conversa, fui ficando como «cara branca».

— E quando o público fica indiferente às vossas graças?

— Bom, nós começamos sempre com um xiste (não muito forte porque eu gosto de um bocadinho de pimenta, mas não muita, nunca gostei de forçar a barra). Se o público não reage mudamos logo de entrada. Às vezes combinamos entre dentes, outras vezes basta um olhar.

— Alguma vez lhes aconteceu sair da pista sem fazer rir o público?

— Não! — apressa-se a dizer Vitoriano Ramos, «augusto de parelha», que continua de volta do assador das sardinhas. — Há sempre maneira de mudar de conversa.

Com base na experiência

São autores totais dos seus espectáculos, desde a preparação dos textos à preparação das tintas com que se maquilham e à escolha da «máscara». Antigamente compravam um creme numa casa da Baixa, mas agora uma caixa pequena custa já 500 escudos. Por isso preparam eles a tinta. Alguns fatos (como o casaco do palhaço rico) são confeccionados por costureiras do Parque Mayer e um casaco de cara branca pode custar 65 contos.

— Tudo o que sabemos é à custa da nossa experiência. Aprender a dar estalos na cara do parceiro sem o magoar, aprender a cair sem partir ossos — diz Armindo Campos, sindicalizado pelo Sindicato dos Músicos porque começou como músico e porque afinal um palhaço rico continua a ser músico.

Actualmente recebe uma reforma de pouco mais de onze mil escudos. Para assistência médica tem a oficial: postos e centros de saúde, hospitais civis. Ou as consultas de amizade. Ainda há pouco tempo, a sua mulher, que tem problemas de ossos, teve de recorrer ao posto médico onde lhe foi marcada uma consulta para uns meses depois.

— Como não podíamos esperar, fomos a um fisioterapeuta meu amigo que também é ventríloquo e ilusionista.

Ilídio José afirma que o grupo está a deligenciar arranjar um grupo de médicos que uma vez por semana possam dar consultas gratuitas nas instalações do Parque Mayer, para os artistas de circo.

Em pior situação do que o casal Campos encontra-se o fantasista «mr. Candy», de 63 anos, não sindicalizado, e sem reforma. Impossibilitado de

Continua n. pág 14

Donzilia Maryz, antiga trapezista e contorcionista: uma vida devotada ao circo

DR. FERNANDO JOSÉ DE FREITAS SANTOS MULLER

FALECEU

A Direcção e o pessoal da Associação Industrial Portuguesa têm o desgosto de participar o falecimento do seu querido colega e companheiro, **Dr. Fernando José de Freitas Santos Muller** e comunicar que será celebrada uma missa por intenção da sua alma, amanhã, dia 18, pelas 09.15 horas na Igreja Paroquial de Alcântara.

III FESTA
DE TEATRO DE ALMADA

PÁTIO DO PRIOR DO CRATO–ALMADA VELHA

8 A 23 JULHO 1986

HOJE

21.45 H. A ILHA DOS ESCRAVOS

De Marivaux, Grupo **BORDA D'ÁGUA** (Chamusca)

Encenação — Joaquim Benite

AMANHÃ

DIA 18

21.45 H. — MÁRIO GIN TÓNICO

Teatro Experimental do Porto com Mário Viegas
24 h — Happening de Dança Moderna

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

FAUSTO DA SILVA MALVAR, PRIMEIRO AJUDANTE DESTE CARTÓRIO

CERTIFICO

Para efeitos de publicação, que por escritura de vinte de Junho de mil novecentos e oitenta e seis, lavrada de folhas cento e trinta e quatro a cento e trinta e seis do livro de notas Cinquenta e Dois-J deste Cartório, foi constituída entre Vítor Manuel Fernandes Mateus e João Carlos Jesus dos Santos uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada HIGIEPAL – SOCIEDADE DE COMERCIALIZAÇÃO DE PAPEL E PRODUTOS DE HIGIENE, LDA., com sede na vila e freguesia de Agualva-Cacém, concelho de Sintra, a qual se rege pelo constante da presente fotocópia e está conforme ao original.

Lisboa e Décimo Nono Cartório Notarial, vinte e três de Junho de mil novecentos e oitenta e seis.

O Primeiro Ajudante do Cartório

Fausto da Silva Malvar

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação HIGIEPAL – SOCIEDADE DE COMERCIALIZAÇÃO DE PAPEL E PRODUTOS DE HIGIENE, LDA. e a sua duração é por tempo indeterminado a contar da presente data.

SEGUNDO

A sede da sociedade é na Rua Elias Garcia, número dezassete, terceiro, esquerdo, na vila e freguesia de Agualva-Cacém, concelho de Sintra.

TERCEIRO

O objecto da sociedade é a comercialização de papel e produtos de higiene.

QUARTO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de quinhentos mil escudos e corresponde à soma de duas quotas de duzentos e cinquenta mil escudos cada, pertencentes uma a cada sócio.

QUINTO

A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livremente permitida entre os sócios. A cessão a estranhos necessita do consentimento da sociedade, tendo os sócios não cedentes direito de preferência na cessão.

SEXTO

Os sócios poderão fazer à sociedade suprimentos de que ela carecer, nos montantes e condições que forem estipulados em assembleia geral.

SÉTIMO

A gerência e administração da sociedade ficam a cargo de ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral, sendo necessárias e suficientes as assinaturas de dois gerentes para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos.

OITAVO

É expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e documentos estranhos aos negócios sociais, tais como letras de favor, fianças, subfianças e outros actos semelhantes.

NONO

A sociedade poderá amortizar as quotas quando sobre elas recaia penhora, arresto ou quando por qualquer outra forma estejam sujeitas a arrematação ou adjudicação judicial.

Parágrafo primeiro

A quota será amortizada pelo seu valor nominal perdendo o sócio os lucros a que tenha direito.

Parágrafo segundo

A amortização considera-se feita mediante o pagamento ou a consignação em depósito da respectiva importância.

DÉCIMO

A sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial e para outros fins.

DÉCIMO PRIMEIRO

Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por meio de cartas registadas com aviso de recepção, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

DÉCIMO SEGUNDO

No caso de morte, interdição ou inabilitação de um sócio a sociedade continuará com os herdeiros do falecido ou representantes do interdito ou inabilitado, devendo aqueles escolher entre si, um, que a todos represente na sociedade, enquanto a quota estiver indivisa.

DÉCIMO TERCEIRO

A sociedade dissolver-se-á nos casos previstos na lei e ainda quando um qualquer dos sócios a requerer em assembleia geral, convocada para esse fim.

«DL» — 17/7/86

Enquanto há vida há esperança

Artistas de circo à espera de melhores dias

Continuação da pág. 13

trabalhar devido a uma infecção num pé, mr. Candy vive das ajudas e da solidariedade dos amigos.

Seu filho, Vitoriano Ramos, é «palhaço pobre». Também foi fundador do Cinespectáculo. É casado com uma cidadã espanhola (os artistas de circo portugueses têm, ao que parece, relações com a vizinha Espanha de vários tipos, desde as profissionais às familiares) e tem dois filhos, o mais velho dos quais, de 8 anos, já ajuda no circo como substituto.

Trabalhou já em vários países da Europa, desde a Espanha à Holanda e gaba as condições de trabalho nesses países, muito superiores às que se proporcionam em Portugal. As suas críticas visam sobretudo os grandes empresários.

— Mas aí haveria uma longa históra para contar...

«Somos uns zés-ninguém»

— Somos uns «zés-ninguém», começa por nos dizer José Laurador, artista polivalente de 30 anos, que como malabarista adopta o nome de Leocar, como ilusionista é Licar e como palhaço é Zequinha.

— Nasci numa barraca de circo porque nessa altura não havia caravanas. A minha mãe é equilibrista de copos e contorcionista no circo Roma, de que é proprietária. Mas esta é uma actividade muito desprezada em Portugal, ninguém quer saber de nós.

— Alguma vez tentou desistir?

— Tentei várias vezes ser serralheiro mecânico numa oficina, mas voltei para o circo porque não me adaptei.

«Bem feitinho, Cláudia, bem feitinho», incita a mãe o corpo «ainda tenro» da Cláudia

Mas apesar dessas condições, os filhos mais velhos de José Laurador, o Bruno, cujo nome artístico é Brunof, de 9 anos, e Cláudia, de 6, já trabalham com o pai, ele como equilibrista e ela treina como contorcionista, porque tem ainda o corpo «muito tenrinho».

— Eu empurrei-os para isto porque não quero que eles quando forem adultos digam «o meu pai não me ensinou nada». Mas eles não querem fazer disto profissão.

Vitoriano Ramos, Ilídio José e José Laurador ensaiam nas instalações do Carnide Clube, associação de longas tradições no basquetebol

Mas não dispensam o público e as palmas: a Cláudia quer ser ginasta e o Brunof futebolista.

A propósito dos filhos de José Laurador, fala-se da escolaridade dos filhos dos artistas de circo.

— Eles têm uma guia de transferência e quando estão aqui frequentam a escola oficial local e quando andamos de terra em terra frequentam também a escola local dessas terras, nem que seja só por um dia.

Mas as crianças ganham complexos — queixa-se a mãe, porque como vão às escolas por pouco tempo os professores às vezes não lhes ligam.

As crianças, bem como todos os residentes no Parque, vivem a braços com um risco relativo à localização da quinta de São Lourenço: o portão de entrada dá para a estrada Correia, muito movimentada. Não há uma passadeira para peões ao pé do portão, sempre aberto, nem há semáforos, duas medidas que os artistas de Circo reclamam para o seu Parque Residencial.

Família Maryz: um pequeno clã

A família Maryz, também residente no Parque, não pertence ao grupo Cinespectáculo. «Temos o nosso próprio grupo», afirma orgulhosamente a mãe, Donzília, antiga trapezista e contorcionista, hoje doente (só tem um rim) e desempenhando as funções domésticas para toda a família.

Os Maryz são o protótipo do pequeno clã familiar. O pai, Luís, de 48 anos, foi trapezista. Deu várias quedas e é doente do coração, não pode trabalhar. Sindicalizado pelo Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos, tem uma reforma mensal de oito mil escudos.

Os artistas actualmente são o filho mais velho Paulo, que faz de palhaço mágico e é muito dotado para arranjar as músicas não só para os números da família Maryz mas de outros colegas, e os dois irmãos mais novos, Sansão e Dalila (não só nome artístico mas também de baptismo) que são «olímpicos». Uma filha do casal Maryz casou com um artista alemão e deixou o País, outra casou com um empregado de escritório e abandonou o circo, mas de vez em quando «ainda nos vem ajudar», diz a mãe.

Como nasceu o Parque

O Parque Residencial dos Artistas de Circo resultou de um acordo de protocolo de Outubro de 1980 entre a Câmara Municipal de Lisboa e o Sindicato de Artes e Espectáculos, mediante o qual a CML pôs à disposição dos artistas de circo itinerantes a parte da Quinta de São Lourenço.

A Câmara dotou o Parque de sanitários, locais de lavagem de roupa e louça e abastecimento de água e luz.

Em 1982, as secretarias de Estado da Cultura do Emprego, a CML e o SIARTE estabeleceram um acordo visando a criação de um Centro de Formação Técnica e Artística no mesmo terreno.

No texto do acordo é criado «desde já» o Centro de Formação de Artistas de Circo que «funcionaria em instalações próprias e a construir junto do actual recinto para alojamento dos artistas de circo». A administração do Centro seria da responsabilidade do SIARTE. No mesmo texto do acordo a Secretaria de Estado da Cultura comprometia-se a apoiar financeiramente o projecto nesse ano, com 3000 contos, e a Secretaria de Estado do Emprego com uma verba até ao montante de 8000 contos.

O Centro deveria integrar um ginásio-escola, mas até agora o edifício não começou ainda a ser construído. Alguns cartazes indicam que ali será instalada a «Casa do Artista».

Ciência e tecnologia portuguesas

O desafio é evitar o subdesenvolvimento

— *diz um relatório da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico*

O verdadeiro desafio posto à ciência e tecnologia em Portugal não é sair do estádio intermediário de desenvolvimento, mas evitar cair no estádio, de subdesenvolvimento — diz um relatório da OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económicos).

«O desnível em relação aos países industrializados ameaça crescer pela conjunção dos esforços que estes fazem para aumentar a sua produtividade e ausência (ou inadequação) do esforço realizado por Portugal para reforçar a sua capacidade de concorrência», sublinha a OCDE.

Depois de referir, que o desafio da integração na Comunidade Económica Europeia é agravado pelo facto de ser levado a cabo num contexto de crise internacional, a OCDE diz que a adaptação da economia portuguesa não se pode limitar aos produtos tradicionais, mas deve também passar pela utilização e até pelo domínio de novas tecnologias.

«A entrada de Portugal na CEE é para este País, como para outros, um salto no desconhecido que obriga a explorar o futuro fazendo em grande parte abstracção das experiências do passado, que deixaram de servir para extrapolações sérias», afirma o documento.

O OCDE afirma que «a política da ciência e da tecnologia arrisca-se a permanecer um campo de promessas e de esperanças cujas realizações serão sempre adiadas se não houver uma tomada de consciência da importância do desafio nos meios políticos, no Parlamento e na própria colectividade».

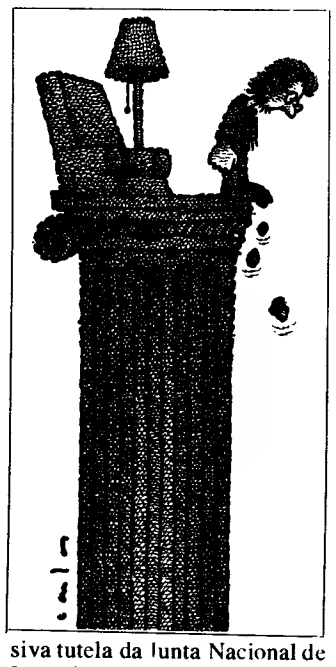
O relatório integra-se na série de exames das políticas científicas e tecnologias dos países membros realizadas desde há muito pela OCDE.

O estudo foi elaborado em três fases: na primeira, o Secretariado da OCDE produziu, com a colaboração de Portugal, um documento síntese, o relatório geral; na segunda, deslocou-se a Portugal uma missão de examinadores, constituída por George Bugliarello, professor da Universidade Politécnica de Nova Iorque, Ugo Lucio Businaro, delegado da Fiat para a Europa, e Jean-Jacques Salomon, director do Centro Ciência, Tecnologia e Sociedade da França.

Por fim, em 18 de Junho de 1984, o relatório dos examinadores foram debatidos em Lisboa com uma delegação portuguesa dirigida pelo então ministro de Estado, Almeida Santos.

Os recursos e a tutela

A OCDE considera imprescindível que a gestão, desenvolvimento e orientação dos recursos científicos e técnicos seja colocada sob a efectiva e exclusiva tutela da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica ou de um organismo equivalente.



Acrescenta que a Junta deverá ser colocada na dependência directa do Primeiro-Ministro, a fim de que possa impor-se, simultaneamente, como um organismo interministerial e como um ponto de encontro, os mesmos com um porta-voz, dos interesses e necessidades da comunidade científica.

«Só a vontade política pode legitimar e impulsionar este domínio da competência do Governo, cuja acção, aqui e agora, pode decidir em grande medida o que será Portugal amanhã», sublinha.

A OCDE recomenda igualmente que seja criada na Assembleia da República uma comissão permanente para os assuntos científicos e tecnológicos e que seja promovida a consciencialização do grande público pela realização periódica de debates, edição de revistas de divulgação científica e formação de jornalistas científicos.

No que diz respeito à Universidade, a OCDE aconselha à articulação da investigação fundamental e aplicada, à definição de prioridades em função das necessidades nacionais e à multiplicação dos contratos com o sector produtivo.

A OCDE também considera necessária a elevação dos vencimentos dos professores e investigadores, o alargamento do leque de salários e o reforço da hierarquia, o aumento do número de doutoramentos e a supressão das dificuldades opostas ao reconhecimento dos doutoramentos no estrangeiro, o recrutamento de professores fora da carreira universitária e a importação de professores e investigadores estrangeiros.

A OCDE sublinha a importância da expansão da investigação no domínio das ciências sociais, da economia à sociologia, passando pela psicologia, antropologia e história, «por constituírem um elemento intrínseco da edificação de uma sociedade mais consciente de si própria, dos obstáculos que a entravam e das possibilidades que se lhe abrem».

Ao abordar a investigação e desenvolvimento e o sector produtivo, a OCDE recomenda a instauração de medidas que estimulem a instalação de unidades de investigação nas empresas e a criação de novos lugares de investigadores, a instituição nas universidades de centros de investigação pluridisciplinares e a criação de um fundo nacional de investigação e desenvolvimento, gerido por um banco e destinado a financiar projectos.

Unidades muito pequenas

O estudo refere que Portugal consagrou em 1982 às actividades de investigação e desenvolvimento apenas 6,5 milhões de contos, correspondentes a 0,35 por cento do produto interno bruto, o que o coloca na cauda dos países da OCDE.

Em relação aos índices correspondentes a 1971 e 1972 (0,38 e 0,37 por cento), houve uma regressão, o que a OCDE considera particularmente inquietante por as despesas de investigação e desenvolvimento nos países do Terceiro Mundo terem registado uma evolução diametralmente oposta, crescendo de 0,36 para 0,40 por cento no período 1973-1978.

O sistema de investigação e desenvolvimento é predominantemente constituído por unidades excessivamente pequenas — apenas 5,7 investigadores e engenheiros por unidade de investigação e somente 1,8 técnicos por investigador e engenheiro —, «o que torna difícil falar de eficácia, de produtividade e de massa crítica».

Os recursos de cada sector servem quase exclusivamente para financiar a execução das actividades de investigação e desenvolvimento intramuros, as transferências entre sectores são desprezíveis.

As despesas de investigação e desenvolvimento nos diferentes domínios científicos «evoluem de uma maneira bastante desordenada, sinal evidente da ausência de coordenação e de directivas nacionais»: por exemplo, as despesas nas ciências de engenharia caíram de 26,4 por cento em 1972 para 25,6 por cento em 1976 subiram para 31,3 por cento em 1980 e desceram para 23,8 por cento em 1982.

Os custos do pessoal representavam 61 por cento em 1972, subiram para 70 por cento em 1976 e desceram para 62,7 por cento em 1982, proporção que continua a ser excessivamente elevada se comparada com os outros países da OCDE.

As despesas em capital (17,9 por cento em 1982) mantiveram-se, no entanto, a um nível superior aos dos outros países da OCDE, graças aos cortes efectuados nas despesas correntes.

«Este facto deve ser sublinhado, porque os cientistas portugueses queixam-se unanimemente da falta de instrumentos e de equipamentos» — diz o relatório, para acrescentar que «o subequipamento deve ser atribuído menos à efectiva falta de créditos do que à fragmentação das unidades de investigação (o quociente da divisão do total das despesas em capital pelas 525 unidades de investigação é de apenas 2,2 milhares de contos por unidade de investigação».

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

2.º JUÍZO

ANÚNCIO

P.º n.º 6461.
2.ª Secção.

Faz-se saber que por este Juízo e Secção, nso autos de Acção Sumária, movidos pela Autora, SYSTEMS PUBLISHING (PORTUGAL) EDITORES, LD.ª, contra o Réu, ANTÓNIO ALVES JÚNIOR, com última residência conhecida na Rua Luz Soriano, Lote 3, r/c Esq. Cruz de Pau, 2840 Seixal, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o referido Réu, para no prazo de dez dias e findo o dos éditos, contestar, querendo aquela Acção, sob pena de, não o fazendo, poder vir a ser condenado a pagar à Autora a quantia de esc. 67.080$00, acrescida de juros à taxa legal contados a partir da data da citação até efectivo pagamento, com custas e procuradoria, conforme tudo melhor consta da petição inicial, cujo duplicado se encontra à disposição do Réu, na 2.ª secção deste Juízo.

Lisboa, 10 de Julho de 1986

O Juiz de Direito,
DOMINGOS MANUEL G. RODRIGUES
O Escrivão-Adjunto
JOSÉ DO PATROCÍNIO FOLGADO

«DL» 17/7/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR JOSÉ DAVID PIMENTEL MARCOS, JUIZ DE DIREITO DA PRIMEIRA SECÇÃO DE PROCESSOS DO QUARTO JUÍZO CÍVEL DE LISBOA:

FAZ SABER que por este tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando a ré MARIA ISABEL MAFRA MOREIRA, cuja última residência conhecida era na Praça Exército Libertador, n.º 39, no Porto e actualmente ausente em parte incerta, para, no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, a Acção Sumária n.º 2 610, que lhe move a autora Systems Publishing (Portugal) Editores, Ld.ª, com sede na Rua Arco do Carvalhão, n.º 1 - 3.º, em Lisboa, na qual a autora pede que a ré seja condenada a pagar-lhe a quantia de 72 000$00 (setenta e dois mil escudos), acrescida de juros à taxa legal até efectivo pagamento, custas e procuradoria, sob pena de ser condenada no pedido, como tudo melhor consta da petição inicial, cujo duplicado se encontra à sua disposição nesta Secretaria Judicial.

Lisboa, 9 de Julho de 1986

O Juiz de Direito
(Ilegível)

O Escrivão Adjunto,
HERNÂNI ANTÓNIO LOPES CRUZ FERNANDES

«DL» 17/7/86 — 2.ª Pub.

Câmara Municipal de Sintra

GAB. RECUPERAÇÃO DOS B.ºs CLANDESTINOS

EDITAL N.º 97/86

FERNANDO JORGE AMARAL TAVARES DE CARVALHO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

FAZ PÚBLICO QUE:

Para se obstar à degradação e consolidação do conjunto de barracas e outras construções que têm sido edificadas ilegalmente na propriedade a que se refere o artigo matricial n.º 7, secção Q, da freguesia de Belas, proibe-se, naquela propriedade, seja qual for o material utilizado, sob pena de demolição imediata:

a) O início de novas construções;
b) A ampliação ou remodelação das construções existentes.

E eu, António Afonso Ferreira, Assessor Autárquico o subscrevo.

Paços do Concelho de Sintra, 26 de Maio de 1986

O PRESIDENTE DA CÂMARA
(Fernando Jorge Amaral Tavares de Carvalho)

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES
SECRETARIA DE ESTADO DA CONSTRUÇÃO E HABITAÇÃO
COMISSÃO LIQUIDATÁRIA DO FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

DIRECÇÃO DE HABITAÇÃO SUL

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA A EMPREITADA N.º 5/DHS/86 – EXECUÇÃO DE PINTURAS EXTERIORES NO CONJUNTO HABITACIONAL DE 48 FOGOS EM CHANÇA.

1 – PREÇO BASE DE EXECUÇÃO ..... 6 150 000$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA ..... 153 750$00
PRAZO DE EXECUÇÃO ... a indicar pelos concorrentes

2 – ALVARÁ EXIGIDO:
- 1.ª subcategoria da Categoria 1 para Empreiteiros de Obras Públicas
- Categoria Única para Indústrias de Construção Civil
- Classe e Sub-Classe correspondente ao valor das propostas apresentadas.

3 – Data, hora limite e local para entrega das Propostas:
Até às 17.00 horas do dia 25 de Agosto de 1986, na Direcção de Habitação do Sul – Serviços Administrativos, Quinta da Vista Alegre, Lote 38 – 2.ª Fase em Évora.

4 – Local, dia e hora do acto público do Concurso:
No mesmo edifício, 1.º andar, pelas 10 horas do dia 26 de Agosto de 1986.

5 – Local e horário para exame de processo:
No mesmo edifício, 1.º andar, às horas normais de expediente.

Direcção de Habitação do Sul, em Évora, 1 de Julho de 1986

O DELEGADO DA C.L./F.F.H. NO SUL
M. Albuquerque e Sousa
Eng.º Civil

CINCO NOVAS CIDADES

ALBUFEIRA

Na grande montra do turismo cidade é apenas um título

Xavier Xufre: preocupação pelo futuro

Ramiro Santos
Serviço Noticiário de Portugal/«DL»

A elevação de Albufeira a cidade deixou a maioria da população na indiferença. De uma maneira geral, o novo estatuto foi recebido com um encolher de ombros dado que Albufeira há muitos anos era tida como a «grande capital» do turismo algarvio.

Considerada como a «Saint Tropez» de Portugal, Albufeira turística, nascida sobre uma pequena aldeia de pescadores, tem honras de figurar nos grandes roteiros do turismo internacional.

Com uma população residente de 30 mil habitantes, esse número no Verão sobe para os 200 mil, transformando-a na grande cidade algarvia com os benefícios e os problemas que isso acarreta.

O impacto do crescimento turístico verificado nos últimos 20 anos está patente, por exemplo, na rede das infra-estruturas básicas: o abastecimento de água e os esgotos, mal dimensionados, transbordam de problemas, as estradas não suportam o volume crescente de tráfego e a rede eléctrica, às vezes, deixa tudo às escuras.

É neste quadro que o presidente da Câmara, o socialista Xavier Xufre, refere que «a promoção é apenas um título».

Acrescentando que «a elevação de Albufeira a cidade seria mais oportuna quando fossem executadas algumas obras que temos vindo a reclamar há muito tempo».

«O futuro de Albufeira não está tranquilo», salienta o presidente para dizer que «se não forem ultrapassados alguns obstáculos, o crescimento turístico não terá continuidade».

Xavier Xufre defende para Albufeira a ideia de um programa especial de investimentos do Estado no domínio do saneamento básico, calculando que seriam necessários, pelo menos, cerca de 500 mil contos a aplicar nos próximos quatro anos.

«O abastecimento de água e o sistema de esgotos estão garantidos a curto prazo, mas ninguém pode assegurar que no futuro não venham a surgir problemas mais graves do que aqueles que já tivémos» — acentuou.

Em termos globais, o concelho de Albufeira regista no sector do turismo — segundo aquele autarca — um crescimento anual da ordem dos 20 por cento e relativamente ao abastecimento de água o consumo registado em Maio do ano em curso foi igual ao de Agosto de 1985, enquanto o número de processos de licenciamento de habitações no ano transacto duplicou, comparativamente a 1984.

As receitas provenientes do Imposto de Turismo forneceram, em 1985, cerca de 200 mil contos, prevendo-se para o ano em curso um acréscimo de 40 mil, constituindo valores que «não traduzem a realidade do turismo de Albufeira mas que dão uma ideia do potencial económico do sector neste concelho».

As repercussões que a actividade turística têm na população fazem-se sentir a vários níveis mas, na opinião do presidente da Câmara, «de um modo geral, o turista é bem aceite».

«O albufeirense não se sente estrangeiro na sua própria terra porque se é verdade que a actividade turística veio acentuar o fenómeno inflacionista, reflectindo-se na alta do custo de vida, por outro lado veio gerar um mercado consumidor muito importante provocando ainda efeitos multiplicadores no mercado de trabalho» — sublinhou Xavier Xufre.

Segundo disse, «não há desemprego no concelho de Albufeira e o nível do rendimento do cidadão médio é elevado».

Albufeira: uma «capital» turística

Os aspectos negativos fazem-se sentir, sobretudo no plano cultural, uma vez que não há uma política no sentido de divulgação dos valores tradicionais locais nem tão pouco parece haver a preocupação nacional de evitar a descaracterização contínua que o contacto permanente com a população estrangeira provoca naquela comunidade.

Para o presidente da Câmara, «trata-se de um aspecto que ul-

NAVOTEL
***
HOTEL DOS NAVEGADORES
****
HOTEL Rés. CATAVENTO
****
HOTEL Apt. ATLÂNTICO

FORMULÁRIO PARA OBTENÇÃO
FORMULARY FOR
VIP CARD
NAVOTEL

NOME (Name) _____ APELIDO (Surname) _____
MORADA (Address) _____
CÓDIGO POSTAL (Postal Code) _____ CIDADE (City) _____ PAÍS (Country) _____
B.I. N.º (Passport) _____ EMITIDO A.I. DE (Issued at) _____ DATA NASC. (Date of birth) _____
PROFISSÃO (Profession) _____ TELEF. N.º _____
PASSATEMPOS PREFERIDOS (Hobbies) _____

VISTO ASM CÓDIGO

(sede / siege / head office)
HOTEL DOS NAVEGADORES
8900 MONTE GORDO • ALGARVE
PORTUGAL
TELEF. 081 - 42490 / 1 / 2 – TELEX 56054 – TELEG. NAVEOTEL

M. De Olivier-Augusto
Director-Geral

Retrato histórico

Os Romanos estiveram em Albufeira e chamaram-lhe «Baltum». Mais tarde vieram os Visigodos e, no século VIII, os Árabes, que lhe mudaram o nome para «Al-Buhera» (Castelo do Mar).

Era então — segundo as crónicas — povoação próspera, sobretudo pelo comércio com o Norte de África.

Ocupada pelos cristãos em 1189, e perdida dois anos depois são os Cavaleiros de Santiago quem, em meados do século XIII, a reconquistam durante o reinado de D. Afonso III, que a doou à Ordem de Avis.

A perda de posições no comércio com Marrocos provocou a sua quase ruína. Terra de pescadores durante séculos, Albufeira foi elevada à categoria de vila, recebendo o foral de D. Manuel, em 1504.

O terramoto de 1755 arrasou praticamente a vila que, em 1833, foi incendiada pelos guerrilheiros miguelistas chefiados pelo célebre Remexido.

Estes dois acontecimentos talvez ajudem a explicar o facto de Albufeira não oferecer hoje um quadro rico em termos de património monumental.

Salientem-se, no entanto, os vestígios do antigo forte-castelo e a capelinha da Mi-

» turística

tivos
o no
não
o de
radi-
ouco
o nà-
teri-
tacto
ação
uela

nara.
e ul-

trapassa o poder da autarquia» que, pese embora uma ou outra iniciativa, tem tido como prioridade «responder às necessidades essenciais visando salvaguardar o futuro económico do concelho».

O fenómeno da droga, para Xavier Xufre, «é um flagelo nacional» e a prostituição «não existe em Albufeira».

Com o estatuto de cidade, Albufeira olha para o futuro «com preocupação» mas confiante em que, resolvidos os problemas do saneamento a longo prazo e garantido o abastecimento de água à região, através da construção de pequenas barragens ou de estudos científicos dos recursos aquíferos, o concelho poderá continuar a ser «uma fonte importante de divisas».

Investimentos no sector da saúde e do ensino, implementação de uma política de habitação virada para as populações mais carenciadas e a construção de um porto de abrigo para os pescadores, são outras das aspirações da população de Albufeira.

Em resumo: o futuro de Albufeira passa pela «criação de condições para o investimento turístico sem esquecer os que aqui nasceram e os que aqui trabalham todo o ano».

rico

na.
nte
ele-
re-
Ma-

rra-
ue.
ada
lis-
bre

tos
r o
re-
em
nu-

nto.
rte-
Mi-

sericórdia, enquanto que no Município são conservadas duas preciosidades: a antiga carta foral de D. Manuel, toda escrita em pergaminho, e o estandarte que a vereação de 1833 ostentou no acto da capitulação, tingido de sangue dos liberais chacinados.

Designada de «St. Tropez Portuguesa», Albufeira floresce hoje como o mais importae centro turístico nacional.

Situa-se no coração do Algarve, limitada pelos concelhos de Silves, Loulé e o mar. Tem uma superfície de 209,24 km2 e uma população residente de cerca de 30 mil habitantes.

PORTUGAL DESCOBRIU NOVOS MUNDOS
DESCUBRA AGORA VOCÊ
O HOTEL DOS NAVEGADORES
NA BAÍA DE MONTE GORDO / ALGARVE

M. De Olivier-Augusto
Director-Geral

Preços especiais para Grupos e COMPANHIAS
PEÇA JÁ O SEU CARTÃO DE MEMBRO VIP

RESERVAS PARA:

NAVOTEL
GRUPO HOTELEIRO

8900 MONTE GORDO • ALGARVE
PORTUGAL
TELEF.: 081 - 42490 / 1 / 2 – TELEX 56054 – TELEG. NAVEOTEL

OU CONTACTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

***
HOTEL DOS NAVEGADORES
****
HOTEL Res. CATAVENTO
****
HOTEL Apt. ATLÂNTICO

Cultura e Desporto: o pouco e o nada

Albufeira não tem cinema. O único que ali existia foi encerrado vai para cinco anos e transformado em discoteca.

Sem cinema, Albufeira não tem teatro, nem uma biblioteca ou uma associação de cultura. Em contrapartida, tem cerca de duas dezenas de discotecas, sem contar com os diversos bares de animação nocturna que lhe dão o ar de «cidade cosmopolita».

Nas ruas, a agitação fala todas as línguas em encontrões com o português. O corridinho dança-s no tapete alcatifado dos hotéis e o baile mandado surge quase sempre a par com o silêncio dos altifalantes do «disco-sound».

Corpos anglo-saxónicos, avermelhados por muito sol, ocupam preguiçosamente as esplanadas entre dois copos de «international drink» e a leitura das últimas do «Sunday Times» ou um romance de Agatha Cristhie.

O algarvio, habituado a este movimento desde há vinte anos, quase deixou de reparar em si. A cidade ganhou o ar dos grandes centros onde os valores da cultura tradicional se diluíram no internacionalismo descaracterizado.

Impotentes, as autoriddes autárquicas, sem ajudas e sem apoios, vão tentando o impossível. Espaçosamente, promovem-se iniciativas com o intuito, na maioria dos casos infrutífero, de marcar a presença da cultura local.

A Feira de Artesanato, realização iniciada há três anos, é um exemplo. Pretendia-se transformá-la na expressão viva dos valores tradicionais, mas hoje, pouco mais é do que uma «feira de artesanato sem artesãos».

«Albufeira cresceu excessivamente depressa», queixa-se o presidente da Câmara, para dizer que a ânsia do lucro rápido sobrepôs-se à defesa do património algarvio.

Conseguiu-se, contudo, apesar de alguns desvios, manter-se a estética urbanística, conservando Albufeira ainda hoje o ar típico de uma aldeia de pescadores.

As cabanas e barracas deram, em muitos casos, lugar a grandes hotéis mas o casario branco, «descendo em cascata até ao mar» soube resistir às pressões dos «especuladores gananciosos».

«Foi uma luta por vezes difícil», recorda Silvestre Roque, vereador da Câmara durante nove anos, acentuando que «mesmo assim e pese embora o ritmo do crescimento turístico, Albufeira é a terra algarvia melhor defendida em termos urbanísticos».

No campo da animação, as discotecas fizeram esquecer os bailes nas eiras e, no Verão, a baixa da cidade é o ponto de encontro para bandas e filarmónicas nas noites quentes de Agosto.

No que respeita a iniciativas culturais, Albufeira é o deserto. Sem cinema, sem teatro, o Centro Cultural António Sérgio é apenas um nome que lembra vagamente cultura.

A sua acção limita-se a algumas exposições esporádicas e a uma biblioteca com obras em inglês, enquanto o museu arqueológico localizado na igreja de S. Sebastião, está fechado.

Fortemente assolada pelo terramoto de 1755, do património monumental de Albufeira ficaram os restos de uma muralha de castelo, alguns edifícios religiosos e vestígios de uma ponte romana que, a cair aos pedaços, não consegue resistir à passagem dos tempos.

Em termos desportivos, o clube de Albufeira é o «Imortal». Fundado há mais de 60 anos, é a associação mais popular, com 1500 sócios. O futebol, o basquetebol e o atletismo são as modalidades praticadas por cerca de 800 atletas.

Silvestre Roque, vereador durante nove anos da Câmara de Albufeira e agora presidente do clube, lamenta-se pela falta de infra-estruturas desportivas.

Sendo um grande centro turístico, Albufeira não tem um complexo desportivo capaz e só há poucos anos passou a dispor de um campo de futebol.

Segundo disse, existe um projecto para a construção de um parque desportivo que, após concluído, «irá suprir uma necessidade sentida em todo o concelho e dar resposta às solicitações de equipas estrangeiras que aqui pretendem vir estagiar».

Com uma equipa de basquetebol na Primeira Divisão Nacional, o «Imortal» iniciou há alguns anos o lançamento da prática do atletismo, mas é nas Açoteias, um empreendimento privado, o centro de treinos para os «campeões do futuro».

Com largas dezenas de piscinas em todo o concelho, Albufeira não dispõe, todavia, de uma única piscina pública e os desportos náuticos (remo e vela) são ideias que vão ficando adiadas nos projectos amargurados dos sonhadores do impossível.

«Foi prematura a elevação de Albufeira a cidade», salientou o nosso interlocutor, concluindo que «era preferível dotá-la antes com tudo aquilo que lhe falta».

SONAE estrutura-se por áreas e cota acções na Bolsa de Lisboa

A «**SONAE» — Indústria e Investimentos, S.A.R.L.**», recebeu na passada 3.ª feira, no Porto, Sheraton Hotel, inúmeros convidados a quem apresentou a estrutura organizacional do Grupo, por áreas estratégicas de negócios.

O **grupo SONAE** resulta do antigo grupo **Pinto de Magalhães** e é, actualmente, dirigido por **Belmiro de Azevedo,** administrador-delegado, ocupando a presidência **Carolina Soares de Oliveira Magalhães.** A administração é composta por **Rodrigo Barros de Freitas,** António Correia da Silva, **Fernando Sousa Carvalho,** António Ferreira Vasconcelos, **Augusto Ramos de Sousa,** Jaime da Costa Teixeira e **Joaquim Guimarães dos Reis.**

A dinâmica empreendida nos últimos anos fez com que a **SONAE** se traduza hoje num dos principais grupos portugueses em termos de facturação. Saliente-se a entrada em novas áreas como a da biotecnologia e das comunicações.

Réfira-se, entretanto, que as 850 mil acções da **SONAE — Indústria e Investimentos** foram anteontem admitidas à cotação na **Bolsa de Valores de Lisboa,** depois de estarem apenas cotadas na **Bolsa do Porto.** Recorde-se que esta empresa realizou, no passado dia 23 de Junho um aumento de capital por subscrição pública, passando-o para 3,75 milhões de contos através da emissão de 2,9 milhões de acções de valor nominal de mil escudos.

A **SONAE** — facturou oito milhões de contos em 1985, tem 789 trabalhadores e dedica-se à construção civil e mobiliário exportando cerca de 30 por cento. Participa financeiramente na **Novopan — Empresa de Aglomerados de Madeira** com 43.007 contos, nos **Modelos Supermercados** com 1.115.864 contos, no **Modelo Continente Hipermercado** com 120 mil contos, no **GIC — Gestão Industrial e Comercial** com 6.200 contos, no **Microprocessador S. Digitais** com 9.510 contos, na **CISF — Companhia de Investimentos e Serviços Finaceiros** com 10 mil contos, no **World Trade Center** com 5 mil contos, na **SONAE UK,** a única sociedade limitada do grupo e com sede na Grã-Bretanha, participando com 1.824 contos, na **SONAE — Imóveis e Turismo** com 519 mil contos, na **SONAE Trading** com 20.810 contos, na **SONAE Agro-Indústria e Biotecnologia** com 186 mil contos e na SONAE distribuição com mil contos e na SONAE Espanha com 1880 contos na Sensus — Publicidade e Marketing e na SONAE Informática. Pertencem ainda ao **Grupo SONAE, a Sensus — Publicidade e Marketing,** a SONAE Informática e a **Solinca.**

Animação em Castelo de Vide e Albufeira

No próximo sábado, dia 19, o **Hotel Sol e Serra,** de Castelo de Vide **(Grupo Fernando Barata),** leva a efeito o terceiro dos seus espectáculos mensais «**A Alma na Voz**», iniciados em Maio. Depois da **Marina Mota** e de **Nuno da Câmara Pereira,** é de novo uma mulher — a conhecida **Luz Sá da Bandeira** — quem ali vai cantar, de resto não apenas Fado de Lisboa mas também Fado de Coimbra (ao arrepio de uma certa tradição que os «reserva» a intérpretes masculinos...) e, ainda, algumas das baladas tradicionais de embalar que constam do seu mais recente álbum, intitulado «**Amor Perfeito**».

A presença no **Hotel de Castelo de Vide** de **Luz Sá da Bandeira** — que acaba de obter assinalado êxito em Marrocos, a par de **Carlos Paredes,** no I Festival Internacional da Música e da Juventude de Marraquexe — está a despertar notável interesse no Alto Alentejo.

Entretanto, outras unidade deste **Grupo** dinamizam também actividades para melhor conforto e animação dos seus utentes como é o caso dos «**Garbecues**» que o «**Oleandro Country Club**», situado a 1 km do centro de Albufeira, na estrada para Ferreiras, organiza todos os sábados na ampla eira do seu típico «**Bolota Bar**».

Trata-se de festas do tipo arraial, em que este Aldeamento Turístico (com as suas 100 camas cheias até meados de Outubro de visitantes alemães, ingleses e suíços) proporciona, aos hóspedes como ao bom número de passantes que ali acorre, não apenas uma saborosa ementa em que pontificam o caldo verde, os pastéis de bacalhau, as sardinhas, as febras, o frango, as saladas e o

vinho da pipa, mas ainda música para ouvir e para dançar, ao som quer do organista e acordeonista prvativo **Manuel de Avelar** quer dos endiabrados ritmos africanos e brasileiros do **Trio Bayet,** já tradicional na casa, pelo Verão.

Por outro lado, duas outras unidades de **Fernando Barata,** na nova cidade algarvia, têm noites congéneres no seu calendário semanal de eventos: à 2.ª-feira (a partir de 28 do corrente) o **Hotel Sol e Mar,** com acompanhamento musical variável, e à 5.ª-feira o **Aparthotel Auramar,** em redor da sua piscina, com o organista **Carlos Coelho,** o Duo Luís & Dumas e o **Grupo Folclórico Infantil da Luz de Tavira.**

"Central de Cervejas" comemorou 52 anos

Mais de 7000 pessoas, de todo o país, comemoraram festivamente os 52 anos da **Central de Cervejas,** em Vialonga, no passado dia 12 do corrente. «**De Sagres sempre se parte**», slogan da Empresa, era a inscrição das bandeiras desfraldadas em Vialonga, fábrica donde partem para todo o país, por dia, mais de um milhão e quatrocentos mil litros de cerveja.

Filarmónicas, ranchos folclóricos, agrupamentos musicais, artistas de nomeada, foram sucessivamente preenchendo a animada tarde, enquanto todos petiscavam e se dessedentavam, irradiando a proverbial «Amizade Sagres».

Também as mais de mil crianças tiveram um programa festivo, com filmes adequados e brindes, brindes igualmente presentes em variadas tômbolas.

"Opus Ensemble" na Cervejaria Trindade

A fim de assinalar os 150 anos da sua fundação e abrir um novo espaço cultural dedicado à música, outras artes e à literatura, têm-se realizado concertos, sob a forma de convívio informal, no amplo salão da **Cervejaria da Trindade,** os quais têm atraído numeroso público. Hoje, às 18.30, um dos mais prestigiosos conjuntos portugueses, o «**Opus Ensemble**», interpretará obras de **Weber,** Donati e **Victorino d'Almeida.**

O ciclo, como habitualmente, é orientado artisticamente e comentado pelo maestro **José Atalaya** sob a designação «**Histórias da Música à Mesa da Trindade**».

Renault 4 festeja 25 anos

A **Renault Prtuguesa** comemorou no dia 5 de Julho o 25.º aniversário do lançamento mundial do **Reanult 4**, com um programa de confraternização — «A FESTA NA GUARDA». Destinado aos trabalhadores da **Renault**, foi organizado pelo **Centro Cultural e Desportivo da Fábrica da Guarda** com o apoio das edilidades locais, da Direcção da Fábrica e da Direcção de Comunicação e Relações Exteriores.

O programa incluiu um passeio turístico com provas de estrada e jogos mistério pela região da Guarda, região onde está instalada a unidade industrial pioneira da **Renault** em Portugal, que começou a laborar em 1964 montando justamente o **Renault 4**, e terminou com um jantar de confraternização e distribuição de prémios.

Universidade Livre forma professores de Informática

Teve início na segunda-feira, dia 14 de Julho, um curso de formação de professores de informática destinado aos professores efectivos do Ensino Secundário que leccionam os 10.ºs, 11.ºs e 12.ºs anos davia Técnico-Profissional. Este curso decorre nas instlações do **Centro de Informática da Universidade Livre**, na Rua das Flores, e resultou de um protocolo assinado entre a **Universidade Livre** e a **Direcção-Geral do Ensino Secundário** em virtude do qual ficou a **UL** encarregada de ministrar estas acções de formação aos professores efectivos do ensino secundário oficial. **A Universidade Livre** foi escolhida para a realização deste curso, de entre as diversas instituições oficiais e particulares interessadas, devido à elevada qualificação do seu corpo docente e aos importantes meios computacionais de que dispõe.

Tribunais de Trabalho afogados em quinze mil processos

O Tribunal de Trabalho tem, neste momento, pendentes cerca de 15 000 processos do foro laboral, a maior parte dos quais emergentes do contrato de trabalho, informou a Secretaria-Geral do Tribunal.

Este ano, foram distribuídos por cada uma das 30 secções do Tribunal cerca de 330 processos (200 emergentes do contrato de trabalho, 50 de acidentes de trabalho e os restantes de outras espécies), dos quais cerca de 40 por cento estão já concluídos, informou o responsável pela secretaria, Alberto Ferreira.

No primeiro semestre deste ano, o Tribunal de Trabalho sofreu uma redução no fluxo de processos instaurados e distribuídos da ordem dos 20 por cento (menos cerca de 1000 processos que em igual período do ano transacto), disse Alberto Ferreira, que salientou que «em 1985, foram distribuídos no Tribunal de Trabalho mais cerca de 2000 processos do que em 1984».

«Enquanto em 1977, cada secção tinha aproximadamente 2000 processos, actualmente tem cerca de 500», acrescentou.

O responsável pela secretaria-geral considerou que os principais estrangulamentos que se colocam ao funcionamento do Tribunal do Trabalho são a insuficiência de juízes, falta de cooperação entre magistrados e oficiais de justiça, os prazos legais — que em certos casos são demasiado longos —, a necessidade de intervenção do juiz em actos que são meramente técnicos e administrativos e a dificuldade de obtenção de exames médicos, factores que contribuem para a morosidade dos processos.

«Os processos emergentes de acidente de trabalho que revestem a forma de processo ordinário (sempre que o valor da acção ultrapasse a alçada da relação — 400 contos), que deveriam ser os mais rápidos, não demoram nunca menos de um ano», acrescentou Alberto Ferreira.

Alberto Ferreira defendeu que, à semelhança do que acontece noutros países da Europa (Alemanha Federal e Áustria, por exemplo), todos os actos considerados não jurisdicionais, actos administrativos não decisórios, deveriam ser praticados pelos funcionários do Tribunal, ficando reservado para o juiz a marcação e realização do julgamento e salientou que esta foi uma questão já analisada no Conselho Superior da Magistratura.

«Com a entrada em vigor do actual Código de Processo de Trabalho, as citações do réu e autor em processos emergentes de acidente de trabalho têm que ser antecedidas de despacho do juiz, o que torna mais moroso o andamento do processo», acrescentou o mesmo informador.

«Em países como a Colômbia, considerado do Terceiro Mundo, e em que um sexto da população está permanentemente em litígio, a duração máxima de um processo de trabalho é de 90 dias», disse a mesma fonte, que salientou que na Áustria, a duração máxima de um processo de trabalho, incluindo a interposição de recursos, é de 80 dias.

Alberto Ferreira considerou «absolutamente necessário» rever a tabela nacional de incapacidades, que, «ao inverso do que acontece na generalidade dos países europeus, reduz para dois terços o vencimento dos sinistrados, num momento em que mais necessitam».

Tarefeiros e contratados a prazo também os há na Função Pública

Em Portugal, um em cada cinco trabalhadores da Administração Central não tem vínculo à Função Pública, o que significa que não tem garantia de emprego — revelou o Sindicato da Função Pública do Sul e Açores.

Dirigentes do Sindicato garantiram que muitos dos cerca de 76.000 trabalhadores sem vínculo à Função Pública, vêem os seus direitos limitados, nomeadamente por não descontarem para a ADSE ou Caixa de Aposentações (ficando sem direito a assistência na doença ou reforma). Além disso muitas mães tarefeiras são obrigadas a ir trabalhar oito dias após o parto, verificando-se, assim, «que é o próprio Estado a não cumprir as leis de protecção à maternidade».

Estes tarefeiros têm designações diferentes, como colaboradores eventuais, assalariados, jornaleiros, avençados e outros, conforme o serviço em que trabalham.

Afirmaram os sindicalistas que «no próximo ano lectivo deverá haver cerca de 6.500 contratados a prazo em escolas do ensino básico e secundário» e que «no Instituto Nacional de Investigação de Pescas (INIP) a investigação è feita por «colaboradores», havendo nessa instituição trabalhadores a ganhar abaixo do mínimo nacional».

O sindicato propõe, para resolver o problema daqueles trabalhadores, que «se vêem privados de direitos humanos fundamentais, como o direito ao trabalho, que por via legislativa seja decidida a integração no quadro de todos os trabalhadores que prestem serviço na Função Pública há mais de um ano, a tempo completo e com funções permanentes.

Para os dirigentes sindicais, a contratação de pessoal, sem vínculo, mostra que não há um excedente de funcionários mas sim funcionárioos a menos para assegurar os serviços.

Afirmaram que na área da cultura, «onde a lei tem sido cumprida», o não alargamento dos quadros provoca a falta de pessoal em museus, palácios e na Torre do Tombo, que levarão à degradação do património se a situação se prolongar.

Relativamente ao descongelamento de admissões, salientaram que em 1986 foram descongeladas 51 admissões no Ministério da Agricultura, onde há cerca de 4 000 tarefeiros, o que significa que, não aumentando o seu número, «a este ritmo só ao fim de 80 anos passariam todos aos quadros».

Porque "a inflação deixou de ser problema"

Cadilhe diz que a guerra é agora ao desemprego

O Governo considera «arrumado» o problema da inflação e vai «apontar baterias» para o «grande objectivo» da redução do desemprego — anunciou ontem o ministro das Finanças, Miguel Cadilhe.

O responsável pelas Finanças anunciou esta nova orientação numa conferência de Imprensa, em Lisboa, em que fez o ponto da situação relativamente aos resultados da política macroeconómica seguida pelo Executivo e em que estiveram também presentes o secretário de Estado para os Assuntos Fiscais, Oliveira Costa, e o secretário de Estado do Orçamento, Rui Carp.

O ministro foi categórico em afirmar que «a inflação deixou de constituir preocupação» para o Governo.

Sublinhou que «pela primeira vez nos últimos 10 anos o País tem uma expectativa de desinflação» e assegurou que a média anual de inflação, que em 86 será de 12 por cento, descerá para 8/9 por cento em 1987 e para 4/6 por cento em finais de 1988, «ficando encostada à média da inflação nos países da CEE».

«Vamos agora apontar baterias para um outro grande objectivo social e económico — a redução do desemprego em Portugal» — anunciou, apontando, no entanto, diversos pressupostos que condicionarão a realização deste objectivo.

Entre estes, salientou um crescimento anual do produto de 4 a 6 por cento ao ano e um aumento do investimento de 8 a 10 por cento, em termos reais, nos próximos anos.

Afirmou a sua «confiança» na possibilidade de concretização destes pressupostos e adiantou que dessa forma será possível reduzir a taxa de desemprego — que actualmente se situa nos 10/11 por cento — para uma «taxa natural» de 4 por cento em 1992/1993, depois de um aumento do emprego de 1,5 por cento em 1987 e 1988 e de 2 a 2,25 por cento nos anos seguintes.

Em matéria de investimento, condição indispensável ao aumento do emprego, o ministro das Finanças fez um balanço das medidas de incentivo já tomadas e anunciou dois novos incentivos fiscais, o Crédito Fiscal por Investimento (CFI) e a Dedução de Lucros Retidos e Investidos (DLRR).

O Crédito Fiscal por Investimento é um desconto concedido às empresas que invistam, a abater na contribuição industrial, igual a uma certa percentagem do investimento efectuado.

O outro incentivo faculta, na determinação da matéria colectável da contribuição industrial, a dedução de lucros retidos e reinvestidos.

Respondendo a perguntas dos jornalistas que lhe referiram algumas críticas feitas à actuação do Governo em matéria económica e ao incumprimento de objectivos anteriormente anunciados, concretamente o de um crescimento do investimento produtivo de 10 por cento em 1986, Cadilhe considerou ser ainda «cedo» para determinar se o investimento está ou não a reagir em termos positivos.

O responsável pelas Finanças respondeu, ainda, a críticas que lhe têm sido dirigidas relativamente a decisões recentes do seu ministério que têm afectado os novos bancos privados.

Entre estas, destacam-se a proibição de remuneração dos depósitos à ordem acima dos 4 por cento e o aumento do capital social mínimo dos bancos de 1,5 para 2,5 milhões de contos.

Cadilhe frisou, nomeadamente, que permitir taxas de juro sobre depósitos à ordem que poderiam ir até 10 por cento seria «inverter por completo a lógica fiscal e de taxas dos depósitos».

Isto abriria a possibilidade — disse — de os depósitos à ordem, que para mais estão isentos de imposto de capitais, virem a ser remunerados a taxas superiores aos dos depósitos a prazo.

Segundo a Comissão Parlamentar de Integração Europeia

EPAC tinha direito a concorrer à importação de milho e o concurso deve ser repetido

A Comissão Parlamentar de Integração Europeia recomendou ao Governo que volte a repetir o concurso para importação de 75 000 toneladas de milho uma vez que a EPAC foi impedida pelo Executivo de participar no primeiro concurso.

Uma resolução da Comissão Parlamentar de Integração Europeia aprovada com os votos do PS, PRD, PCP e MDP e com os votos contra do PSD e CDS, condena o facto de o Ministério da Agricultura, por despacho, ter proibido a empresa pública de abastecimento de cereais (EPAC) de concorrer à importação das 75 0000 toneladas de milho.

A nota do Governo, assinada pelo secretário de Estado da Alimentação, Amaro de Matos, justificava a proibição pelo facto de a Comissão das Comunidades Europeias estar a invocar uma disposição do tratado de adesão segundo a qual a importação de cereais em Portugal devia ser imediatamente liberalizada.

Essa disposição do tratado de adesão invocada pela Comissão das Comunidades e agora negada pela Comissão Parlamentar de Integração Europeia que defende que «a EPAC tem o direito de concorrer em simultâneo com os demais operadores económicos nos contingentes progressivamente liberalizados».

«O Governo português deverá rejeitar qualquer tipo de negociação sobre a matéria em apreço já que o tratado de adesão nada prevê», diz a resolução da Comissão Parlamentar.

O concurso já foi realizado e atribuídas a três empresas a adjudicação para importação de 75 000 toneladas de milho que constituem a primeira compra de cereais que Portugal faz em 1986.

Pela legislação actualmente em vigor, o monopólio da EPAC para a importação de cereais será desmantelada até 1990 através de um regime que prevê a atribuição aos operadores privados de percentagens progressivamente maiores do volume total de importação.

Em 1986, de acordo com a lei, a EPAC deve deixar para os operadores privados 20 por cento do total do mercado de importação de cereais.

"Stock" de casas para venda ainda não esgotou

No primeiro semestre deste ano, o aumento dos créditos concedidos para aquisição de habitação própria não foi suficiente para compensar a quebra verificada na procura de fogos motivada pela suspensão do sistema poupança-crédito para emigrantes, anunciou a AECOPS.

Em carta enviada ao Primeiro-Ministro, a Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul salienta que apesar de terem sido tomadas com «rapidez e oportunidade» algumas medidas essenciais para o sector, «o relançamento da indústria ainda não se iniciou».

A Associação informa que o número de contratos de empréstimo para compra de habitação, celebrados de Janeiro a Abril deste ano, cresceu apenas 11 por cento, relativamente a igual período de 1985, acréscimo que considera insuficiente para escoar o «stock» acumulado de fogos.

Além disso, segundo a Associação, este acréscimo «é claramente insuficiente para compensar a quebra repentina e brutal da procura de habitação, resultante da suspensão do sistema poupança-crédito, o qual representou, nos últimos dois anos, cerca de 50 por cento das vendas efectuadas».

«Não existindo ainda outros mecanismos alternativos que viabilizem o escoamento da produção — investimentos para arrendamento, fundos de investimento imobiliário, entre outros — os industriais não vêem motivos de confiança para iniciarem novos empreendimentos...», lê-se na missiva enviada a Cavaco Silva.

A comprovar a «falta de confiança» está o facto de o número de licenças para a construção de habitações novas ter registado, no primeiro trimestre deste ano, um decréscimo de 12,8 por cento, relativamente a igual período de 1985.

As medidas tomadas pelo governo com vista ao relançamento do sector da construção — redução das taxas de juro, reforço das verbas globais para investimentos em obras públicas, facilidades no acesso ao crédito, publicação da lei das rendas, entre outras — embora importantes, segundo a AECOPS, «ainda não encontraram expressão prática na situação das empresas devido a certos constrangimentos».

Entre os constrangimentos, salienta, além dos motivados pela suspensão do sistema poupança-crédito, o facto de se verificarem importantes distorções na canalização de verbas para investimentos públicos, quer quanto ao seu destino, quer quanto ao seu «timing».

Assim, a Associação considera haver uma excessiva concentração dos investimentos públicos nas vias de comunicação, em detrimento de todas as outras áreas do sector.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	43$05	49$05
ALEMANHA FED. (marco)	68$25	69$45
ÁUSTRIA (xelim)	9$65	9$85
BÉLGICA (franco)	3$148	3$348
BRASIL (cruzado)	4$00	6$50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	106$55	109$05
(notas de 5 a 1000)	107$05	109$55
DINAMARCA (coroa)	18$25	18$65
ESPANHA (peseta)	1$042	1$162
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	146$65	150$25
(notas de 5 a 100)	147$25	150$75
FINLÂNDIA (marka)	28$95	29$55
FRANÇA (franco)	21$10	21$80
HOLANDA (florim)	60$55	61$65
IRLANDA (libra)	205$00	209$00
ITÁLIA (lira)	$091	$101
JAPÃO (iene)	$903	$938
NORUEGA (coroa)	19$65	20$15
REINO UNIDO (libra)	222$60	227$10
SUÉCIA (coroa)	20$80	21$30
SUÍÇA (franco)	84$80	85$90
VENEZUELA (bolívar)	6$10	7$10

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-E.P., Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.° 1/3135, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de S. Lourenço, concelho de Portalegre, de uma linha aérea a 30 KV, com 216 metros, do poste n.° 197 da linha Bruceira – Portalegre ao PT do Monte da Penha de Francisco Manuel Baptista Fino.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 11 de Julho de 1986

Pel'O Engenheiro Director de Serviços,
Joaquim Gonçalves dos Santos

TURISMO SOCIAL

CONHEÇA MELHOR O PAÍS QUE VISITA
... E VIAJE MAIS BARATO

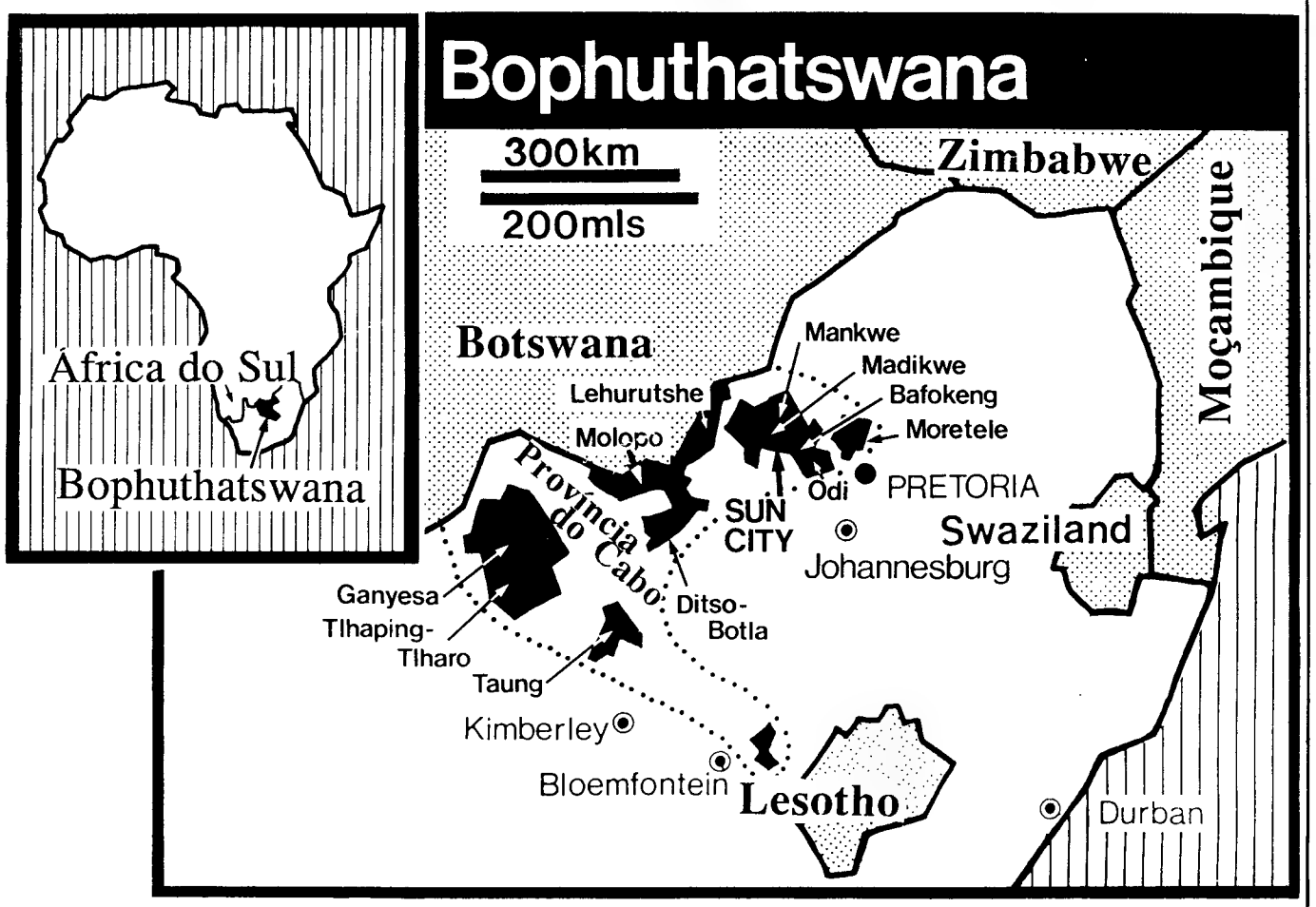
• Bulgária	(15 dias) 21/7, 14/8, 28/8	99 500$00
• Checoslováquia	(8 dias) 8/7, 19/8	90 000$00
• Checoslováquia	(15 dias) 5/8	105 000$00
• Hungria	(11 dias) 13/7, 8/8, 4/9	102 500$00
• Repúblicas Bálticas	(14 dias) 15/7	115 000$00
• Cáucaso	(14 dias) 29/7	120 000$00
• Mar Negro	(14 dias) 2/9	115 000$00
• URSS	(11 dias) Jul., Ago., Set.	102 500$00

Os preços já incluem pensão completa, taxas, excursões locais, um espectáculo, jantar de despedida

Peça programas detalhados
AGITURISMO

Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv. Op 414

Insistentes denúncias sobre a existência de uma campanha de terror policial nos «bantustões» de Bophuthatswana e Lebowa – territórios criados pelo regime de Pretória – têm sido negadas pelas respectivas autoridades. Correndo sérios riscos de se tornarem as próximas vítimas, algumas testemunhas contaram ao repórter de Gemini News Service histórias que por si só dão bem a dimensão de uma horrenda brutalidade.



Nuvens de violência escurecem Sun City

Marimuthu Subramoney Veralam
Serviço Gemini News/DL

Misture-se um punhado de casinos, alguns pares de Stripeteasers, uma piedosa carta de direitos humanos e uma rede de televisão, junte-se um regime fantoche e aí está o bantustão de Bophuthatswana – a resposta da África do Sul à formação de um governo negro verdadeiramente responsável. Mascarado de país independente, o que acontece é que, com a ajuda de um exército de bandidos e marginais, os cidadãos têm sido arrastados para a mais absoluta indigência. Com efeito, oito anos depois da chamada independência, o Bophuthatswana está na bancarrota e a atmosfera que se respira é de tal forma opressiva como nem sequer o novelista Joseph Conrad alguma vez ousou imaginar nos seus livros.

Depoimentos recentemente ouvidos no tribunal de Mmabatho, a capital do bantustão, não deixaram quaisquer dúvidas de que depois do «hop» do ano passado, os cidadãos estão à mercê de uma força policial de psicopatas. Esses depoimentos referem o espancamento de pessoas nuas em cemitérios, obrigadas a acariciar os cadáveres; falam de raptos, tortura e morte. Documentos fotográficos mostram em pormenor todo o horror dos corpos maltratados cobertos de feridas depois de um desses «típicos» actos de flagelação.

Freiras, sindicalistas, trabalhadores, religiosos, estudantes, um magistrado negro, pessoas que usam sapatos de ténis (sinal de uma perigosa simpatia pela esquerda) ou que tentaram construir parques – eis algumas das vítimas desse jogo macabro.

A experiência de Lazarus Mandlazi, um rapaz de 18 anos, é perfeitamente exemplar. Em Janeiro passado despediu-se da mãe para ir ao OK Bazar de Garankuwa, uma cidade perto de Pretória, a capital da África do Sul. Mas a deslocação à loja transformou-se num autêntico pesadelo para o jovem estudante liceal.

«Seis polícias pararam o táxi em que eu viajava e perguntaram-me que tipo de sapatos é que eu usava. Depois disseram que os meus sapatos eram iguais aos dos membros do Congresso dos Estudantes Sul-Africanos (COSAS) e prenderam-me. A caminho da esquadra, dois polícias bateram-me com os cassetetes. Quando lá chegamos meteram-me numa sala com outros presos e fizeram explodir lá dentro uma granada de gaz lacrimogéneo. Cerca de 15 minutos mais tarde tiraram-nos de lá e obrigaram-nos a pular enquanto cinco polícias munidos de bengalas nos espancavam. Mesmo quando já estávamos completamente exaustos e a sangrar eles não nos largaram.

À noite fui acordado e levado para um cemitério. Tive de cantar músicas sobre Mangope (o chefe do bantustão). Então obrigaram-me a beijar os cadáveres.»

Relatos de outras vítimas testemunharam experiências similares. Sete homens que alegadamente tentaram «construir parques» no bantustão foram atirados para uma cela sem tecto que estava cheia de água. Aí os espancaram até as suas costas ficarem em carne viva.

Uma freira identificada como «Madre Superiora» descreveu como é que oito polícias tinham pontapeteado um jovem, aparentemente até à morte. Atiraram-lhe um balde de água e deixaram-no estendido no chão.

Outra freira, Victoria Dlamini, foi várias vezes esmurrada na cara, enquanto um sindicalista, Andrew Molopyane, foi de tal forma espancado que teve de ser tratado na unidade de tratamentos intensivos num hospital de Johannesburgo devido a graves lesões renais e a rupturas musculares.

Despir as vítimas e espancá-las em massa no cemitério, era um passatempo vulgar para os agentes de autoridade da esquadra de Garankuwa.

Assim conta Lucas Mfamane, de 19 anos. Ele e mais 45 detidos foram levados para a esquadra. Aí foram despidos e chicoteados sem interrupção durante cerca de seis horas. No dia seguinte foram levados para o cemitério governamental, despidos outra vez e espancados no meio dos cadáveres.

Gideon Tsie, um magistrado negro de Garankuwa (onde ao que parece ocorreram a maior parte destas torturas) foi assaltado e atirado para dentro da bagageira de um carro da polícia quando regressava do trabalho. Foi libertado e poupado ao pior porque alguns polícias se deram conta de que ele era o magistrado local. Mas mesmo assim, o sr. Tsie ainda teve que estar hospitalizado durante 15 dias.

Mas além desta campanha de terror que se pensa ter causado 80 mortos e, pelo menos, mil feridos graves, as autoridades do bantustão revelam um comportamento absolutamente fora da lei. Assim, o Supremo Tribunal acabou por emitir um mandato judicial contra o chefe Lucas Mangope antes da polícia arranjar testemunhas fictícias.

A situação não é diferente em Lebowa. O reverendo Stephen Mafokodane, um pastor luterano do distrito de Motetema, disse no Supremo Tribunal, em Março, que as prisões e a tortura eram o pão-nosso de cada dia na região.

Por outro lado, crianças testemunharam que foram forçadas a lavar o seu próprio sangue das paredes depois de terem sido agredidas pela polícia. O dr. Piet Kgapole afirmou ter tratado pessoalmente 18 vítimas, incluíndo um homem com 77 golpes no corpo e três mulheres sangrando depois de terem sofrido violentos pontapés no sexo.

Agora que todos estes acontecimentos são do domínio público – ainda que sejam apenas a ponta do «iceberg» – o chefe Mangope do Bophuthatswana adoptou uma outra atitude.

Numa desastrada imitação dos seus patrões sul-africanos, apareceu na televisão prometendo manter a lei e a ordem: «Eu fui desafiado e estou a levar a sério esse desafio», disse.

Analistas políticos sul-africanos dizem que a ideia de que os bantustões estão dominados pelas forças da anarquia não passa de balela.

Mewlallal Ramgobin, doutorado em ciências políticas e um dos responsáveis da Frente Democrática Unida (UDF), disse: «Há sinais de descontentamento, os estudantes estão infelizes, os sindicatos tentam ganhar terreno. Mas isto são protestos absolutamente legais e constituem liberdades consignadas na Carta de Direitos do Bophuthatswana.

«Mas a verdade é que nós vivemos sob o domínio de uma administração absolutamente paranóica e que, sob pressão, pode agir de maneira mais mórbida. Só assim se explica que crianças sejam torturadas por professarem a fé católica».

No caso do Bophuthatswana a insegurança é agravada pelo facto de estar na bancarrota. No ano passado, a administração admitiu um saldo negativo de 300 milhões de rands, – num orçamento total de 850 milhões – mas fontes independentes garantiram que a quebra real pode ascender a 800 milhões.

Em comparação, os impostos resultantes do mais famoso complexo de casinos do bantustão não ultrapassou os 10 milhões de rands.

Mas apesar da evidente corrupção que grassa nos mais altos postos da administração, o bantustão continua a gastar dinheiro em faustosos complexos desportivos e em aeroportos internacionais. Isto pode não ter nada a ver com desenvolvimento económico, mas faz parte dos planos da administração criar um gigantesco império de diversão para adultos numa zona selvagem. Isto com a ajuda do empresário sul-africano Sol Kerzner e da sua «Sun International Corporation».

É uma situação absolutamente surrealista: a burocracia oferece aos brancos sul-africanos prazeres absolutamente proibidos no seu próprio país enquanto os cidadãos do bantustão morrem de fome.

No entanto, para Pretória e para a «Sun International» o Bophuthatswana é absolutamente perfeito – uma gigantesca sala de visitas em que a Carta dos Direitos Humanos foi deitada pela janela fora.

24 HORAS

Freiras libertadas nas Filipinas

DEZ freiras católicas raptadas sexta-feira por guerrilheiros muçulmanos das Filipinas foram hoje libertadas no sul do país, de boa saúde, tendo sido entregues de novo ao convento a que pertencem, em Marawi. O comandante militar da região, general Rodrigo Gutang, afirmou que a libertação se verificou sem que qualquer resgate tenha sido pago, mas um ex-governador provincial declarou que as freiras foram devolvidas em troca de 200 mil pesos (cerca de 1500 contos) duas espingardas automáticas M-16, dois Walkie-Talkies e uma promessa de amnistia.

Polícia condenado à morte

LUC Desyr, 61 anos, chefe da Polícia secreta do antigo presidente François Papa Doc Duvalier, foi ontem condenado à morte sob a acusação de tortura, detenções ilegais e assassínio. A decisão unânime do júri de 12 membros seguiu-se ao depoimento de Emmanuel Ambroise, 74 anos, que afirmou ter sido pessoalmente submetido às atrocidades de Desyr.

"Eleições livres" no Chile

O comandante-chefe da Força Aérea do Chile e membro da junta governamental, general Matthei, admitiu a possibilidade de «se modificar a Constituição para que haja eleições directas e livres». Em declarações exclusivas ao diário chileno «La Segunda», Fernando Matthei recusou comentar quarta-feira recentes afirmações do general Augusto Pinochet de que se propõe «continuar» na presidência para além de 1989.

Indemnizações por estragos dos 'contras'

A Nicarágua convocou quarta-feira um encontro com os Estados Unidos a fim de chegarem a acordo sobre o montante que Washington deve pagar a Manágua, na sequência de uma disposição do Tribunal Internacional. O vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Victor Hugo Tinoco, afirmou que o governo sandinista solicitou a realização do encontro com funcionários governamentais de Washington para discutir a questão dos prejuízos causados pelas operações dos rebeldes, apoiados pelos Estados Unidos.

UNITA acredita na vitória

O porta-voz da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), Jeremias Chitunda, afirmou que a recente ajuda militar do presidente Reagan à sua organização pode significar uma futura colaboração com os dirigentes do MPLA. Chitunda disse aos jornalistas que a ajuda norte-americana poderá levar os altos dirigentes do MPLA a compreender que não podem ganhar a guerra e que uma estreita colaboração com a UNITA, é a chave.

Compromisso histórico

OS democratas-cristãos e os comunistas do pequeno Estado de São Marino chegaram ontem a um acordo sobre a formação de um governo de «compromisso histórico», sem precedentes naquele país. A DC e o PC, que detêm respectivamente 26 e 15 lugares entre os 60 do Parlamento local e que já concordaram sobre os princípios fundamentais do seu programa de governo, dividirão em proporção igual os cargos à disposição: os dos três secretários (equivalentes ao de primeiro-ministro) e os dos sete deputados (equivalentes a ministros).

TVE não vai a Santiago

A Televisão espanhola anunciou que não participará no Festival OTI-86, que este ano se celebra em Santiago do Chile, informou o gabinete de Imprensa da TVE. A direcção da televisão espanhola enviou um telegrama à organização da Televisão Ibero-Americana em que afirma que decidiu não participar na próxima edição do festival, por «motivos óbvios».

Estados Unidos reatam negociações sobre desarmamento

Dois anúncios ontem feitos em Washington e em Londres apontam para uma mudanca do actual cenário de negociações entre os Estados Unidos e a União Soviética, com a realização de conversações sobre o acordo Salt II e o reatamento das negociações sobre um tratado de proibição de testes nucleares. Os anúncios foram rapidamente saudados pela Alemanha Federal, enquanto em Moscovo Richard Nixon e Anatoly Dobrynin debatiam as relações entre os dois países.

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, afirmou ontem em Londres que a União Soviética e os Estados Unidos reatarão em Genebra as negociações sobre testes nucleares. Shevardnadze anunciou o acordo em conferência de imprensa realizada ontem de manhã na embaixada da URSS em Londres, no final de sua visita oficial de três dias ao Reino Unido.

O governo de Washington abandonou em 1980 as conversações sobre provas nucleares que mantinha com Moscovo e Londres, com o argumento de que seria muito dificil verificar a aplicação de qualquer acordo.

O ministro soviético revelou também que prosseguem os preparativos para a realização de uma próxima cimeira entre o Presidente norte-ameroicano Ronald Reagan e o lider máximo soviético, Mikhail Gorbachev. « Há preparativos sérios em doze áreas , designadamente armamento, problemas regionais e questões bilaterais. Estamos interessados numa cimeira construtiva , não numa cimeira vazia», disse Shevardnadze.

No mesmo dia, o porta-voz da Casa Branca, Edward Djerejian, confirmou que a administração Reagan aceitou a proposta soviética para realização de uma reunião especial sobre o Tratado Salt II. Nessa reunião, que poderá realizar-se a partir de data proposta por Moscovo, no dia 22, a administração Reagan dispõe-se a responder a quaisquer perguntas do Kremlin sobre a sua recente decisão em repudiar o acordo.

« Esperamos que, no contexto desse debate, a União Soviética esteja também disposta a esclarecer as preocupações norte-americanas sobre o não-cumprimento, por parte dos soviéticos, de acordos sobre a limitação de armamento», acentuou Djerejian.

A proposta soviética para realização de uma sessão especial das negociações foi provocada pela decisão, anunciada a 27 de Maio último pelo presidente norte-americano, de que se sentia desvinculado do Tratado Salt II (sobre a limitação de armas estratégicas), assinado em 1979, mas que nunca chegou a ser ratificado pelo Senado norte-americano.

Reacções

A Alemanha Federal saudou rapidamente os anúncios ontem feitos pelos Estados Unidos e a URSS considerando ambas as decisões de grande significado. O comentário foi feito pelo ministro dos Negócios Esytrangeiros, Hans -Dietrich Genscher, minutos depois das notícias terem sido divulgadas.

Entretanto, em Moscovo, o ex-Presidente norte-americano Richard Nixon esteve ontem reunido com Anatoly Dobrynin, secretário do Comité Central do Partido Coumista da União Soviética. De acordo com a TASS, Nixon e Dobrynin conferenciaram sobre o actual [illegible] das relações sovieto-[illegible] americanas.

Nixon chegou a Moscovo no sábado para uma visita privada de seis dias a convite de Dobrynin, que foi embaixador soviético em Washingtin durante a sua presidência . Antes da sua partida para Moscovo, Nixon foi recebido pelo actual presidente dos Esatdos Unidos, Ronald Reagan. Recorde-se que Richerd Nixon resigou em 1974 devido ao processo das escutas telefónicas conhecido por « escândalo Watergate».

A propósito do não presidencial às privatizações

Chirac acusa Mitterrand de se opor à vontade popular

O primeiro-ministro francês, Jacques Chirac, anunciou quarta-feira através da televisão que o seu governo «não se desviará da sua linha», após a negativa do presidente Mitterrand em assinar o decreto de «privatização» de 65 empresas públicas.

O chefe do governo e líder conservador acusou formalmente o presidente socialista de «opor-se à vontade popular claramente expressa nas urnas em 16 de Março», em que a maioria parlamentar socialista cedeu terreno à coligação de liberais e conservadores que integra o actual executivo francês.

A negativa de François Mitterrand em assinar os decretos mais controversos do programa do governo foi tornada pública na passada segunda-feira, por ocasião da tradicional entrevista do presidente da República — também televisionada — por motivo da comemoração do 14 de Julho, o dia nacional de França.

Na sua alocução televisiva e utilizando um tom intencionalmente firme e solene, o chefe do executivo francês replicou ontem que as reservas do presidente à assinatura do decreto-lei governamental — as mesmas que recentemente foram alegadas pelo Conselho Constitucional para este decreto de «privatização» das empresas estatais «rentáveis» — não tem «qualquer fundamento» no que concerne à sua possível venda «abaixo do seu preço real» ou acesso de capitais estrangeiros a «interesses nacionais essenciais».

Perante a negativa do presidente em subscrever o primeiro dos decretos que considerou «inaceitáveis», o governo deverá agora reenviar o texto à Assembleia Nacional francesa — na qual dispõe de escassa maioria — para que esta adopte a condição de projecto de lei votado em trâmito de urgência, a partir de quarta-feira da próxima semana, ultrapassando assim a necessidade de ratificação presidencial.

Grã-Bretanha poderá aplicar sanções à África do Sul

O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros disse ontem que o seu governo deverá concordar com novas sanções contra a África do Sul se a sua próxima missão de paz em Pretória falhar. Howe, que na próxima semana visitará a África do Sul integrado numa missão de paz de CEE, disse ao Parlamento: « se a missão não alcançar progressos palpáveis considero ser provável um acordo para outras medidas».

Dirigentes negros sul-africanos disseram qoe não se encontrariam com ele durante a sua visita ao país, na proxima semana, mas Howe incitou-os a recinsiderarem as suas posições e a aceitarem como honrosas e sinceras as suas intenções. Howe tem dois encontors marcados com o presidente Pieter Botha.

Entretanto, o Palácio de Buckingham recusou-se a comentar rumores de uma crise constitucional na Grã-Bretanha, entre a rainha e a primeiro-ministro, por divergências em relação à imposição de sanções económicas à África do Sul.

Tatcher tem-se oposto à imposição de sanções a Pretória, posicão essa que foi mal recebida por alguns membros da Comunidade Britânica, que decidiram não comparacer nos jogos da Commonwealth. Fontes não oficiais referem que a rainha teria ficado preocupada com a questão, mas um porta-voz do Palácio recusou-se a tecer comentários sobre uma possivel mediação de Isabel II.

Entretanto, o Supremo Tribunal da Africa do Sul considerou legal a declaração pelo governo do estado de emergência, mas abrandou algumas das medidas tomadas.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

Proc.º N.º 2467/85

2.º Juízo – 2.ª Secção

Por este Juízo e Secção, nos Autos de Acção Especial de Divisão de Coisa Comum, em que são AA. Armando da Silva Rocha e mulher Ilda da Rocha Silva, e Réus: – JOSÉ TEIXEIRA MARTINS e mulher ALMERINDA DA SILVA MARTINS, AMANDINO MARTINS TEIXEIRA e mulher ELVIRA DUARTE DE SOUSA, todos com última residência conhecida na Travessa de Santo António, à Graça, n.º 33-A-Porta 5, em Lisboa e ANTÓNIO RODRIGUES MAGINA, com última residência conhecida na Rua Penha de França, N.º 2 [illegible] em Lisboa, todos actualmente ausentes em parte incerta, correm éditos de 30 dias, a contar da [illegible] última publicação do respectivo anúncio, CITANDO os RR., para, no prazo de 10 dias, sequente ao dos éditos, contestarem, querendo, o pedido feito pelos AA., sob pena de se proceder à nomeação de peritos e o seu acto ser homologado por sentença determinando a divisão do «Lote de terreno, para exploração agrícola, com a ára de 5000 m², sito nos Casais de Câmara, da freguesia de Belas, concelho de Sintra, a confrontar de Norte e Sul com os vendedores, e do nascente e poente com caminho público, terreno, este, a destacar do prédio descrito da Conservatória de Sintra sob o n.º 5022, e do art.º Um – Secção A-1 e A-2, da respectiva matriz cadastral», na proporção dos respectivos direitos.

Sintra, 4 de Julho de 1986

O Juiz de Direito,
a) Jorge Ramos Silva

O Escrivão Adjunto,
a) Silvino Branco Martins

"D.L." – 17/7/86 – 1.ª PUb.

Estados Unidos preparam comandos para novas guerras

Frederico Maza
Serviço Espacial EFE/dl

As forças especiais, pequenas unidades militares escolhidas a dedo, de grande mobilidade e treinadas para o segredo e para o golpe rápido e inesperado sobre a retaguarda do inimigo, são hoje, nos Estados Unidos, alvo de aturados debates em que se entrecruzam jogadas estratégicas, razões burocráticas e tendências políticas. Esses comandos, que operam preferencialmente à noite e que inspiram a ficção cinematográfica, desde o «boinas verdes» de John Waine até ao «Rambo» de Stallone, são uma peça fundamental nos planos estratégicos do presidente Reagan. Porém, surgem normalmente alguns generais e almirantes que as criticam, sobretudo porque escapam, amiúde, ao controlo hierárquico.

Guerras sujas

A Imprensa norte-americana noticiou recentemente as acções das forças especiais na América Central, acções estas que, anteriormente, estavam reservadas à CIA. Para os grupos de opinião que nos Estados Unidos se opõem à escalada militar na América Central e, em geral, para os partidários do desarmamento, o propósito da administração Reagan de reorganizar e modernizar os equipamentos das forças especiais tem de se interpretar como o preâmbulo de mais «guerras sujas».

O Pentágono, por seu lado, prefere falar de «conflitos de baixa intensidade» que excluem o emprego de armas pesadas e tropas convencionais, constituindo-se, na opinião de Ronald Reagan e dos seus colaboradores, no tipo de «batalhas» que os Estados Unidos hão-de travar na fase crítica a que se chegou com a tão falada «paz nuclear».

A inclusão da luta antiterrorista neste tipo de acções faz com que o projecto de Reagan tenha o apoio da opinião pública. As modernas forças especiais, existentes em quase todas as Forças Armadas ocidentais e mesmo nos países de Leste, tiveram uma espectacular apresentação internacional há quase 10 anos, quando uma força de elite israelita conseguiu no Uganda, resgatar vários civis prisioneiros dos «piratas do ar».

Tempos depois, contudo, fracassou estrondosamente a tentativa de resgate dos reféns norte-americanos retidos pelos iranianos na Embaixada americana em Teerão. A operação foi preparada pela Delta Force, uma das três forças especiais do Pentágono e, segundo informações posteriores, os comandos estariam mal equipados e confusamente apoiados: recorde-se que um helicóptero e um avião de transporte escalados para a operação chocaram sobre uma zona desértica iraniana, gorando, decisivamente, todo o plano de resgate.

Falta de equipamento

De momento, Reagan conseguiu aumentar em 800 milhões de dólares o orçamento dessas unidades especiais, as quais têm, agora, um orçamento de 1200 milhões de dólares. De igual modo se aumentou o número de soldados que as integram, atingindo-se já os 15.000. No entanto, o seu equipamento não é tão completo como o desejariam o presidente Reagan e o seu secretário de estado da Defesa.

A frustrante experiência iraniana faz com que os congressistas torçam um pouco o nariz à reorganização das forças especiais, apoiados também pelo semifracasso que constituiu a invasão a Granada. A Delta Force, do Exército de terra e a Seals e a First Sow, respectivamente da Marinha e da Força Aérea, contribuíram com efectivos para a invasão da ilha, em Outubro de 1983. Embora a oposição às tropas norte-americanas — constituída, segundo o Pentágono, por trabalhadores cubanos mal treinados e com pouco armamento — fosse rapidamente vencida, o que é certo é que as forças especiais não conseguiram atingir os objectivos delineados nem conseguiram sequer, empregar os seus recursos específicos.

As tropas estavam preparadas para atacar de noite, silenciosamente, e foram enviadas à luz do dia, como combatentes tradicionais, restringindo-se-lhes, assim, a sua eficácia.

O Departamento de Defesa utilizou as informações do Pentágono sobre a intervenção militar em Granada, para reclamar mais autonomia na organização das forças especiais. Os responsáveis pela Defesa norte-amercana dizem que é imprescindível colocar as tropas especiais sob um comando único e conhecedor do tipo de luta a que, prioritariamente, se destinam.

Segundo os comentaristas da Imprensa, o que está em jogo é a aplicação do novo «globalismo», definido por Ronald Reagan. As forças especiais têm, assim, uma acção importante no declarado propósito do presidente, de proteger os interesses norte-americanos, de qualquer tipo, em qualquer parte do mundo. O que, sendo assim, será de esperar um reacender das tensões nos diversos focos de conflito internacionais.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se público que no Conselho Administrativo desta Direcção – Av. Infante Santo, 49, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

CONCURSO PÚBLICO N.º	DESIGNAÇÃO	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS
44/86-Mat	AQ. CERCA DE 10 VIAT. 9 TON	2,5% do valor da v/propostas	11SET86 16H30

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 às 17 horas. As propostas devem ser entregues até às 17 horas do último dia útil anterior ao da abertura de propostas.

O PRESIDENTE DO C.A.
FERNANDO JOAQUIM SILVA PONTES
Major de A.M.

Futebol: por todo o lado se afina o pontapé

Elvas: grande ambição

O Elvas está a estabelecer contactos para a aquisição de dois brasileiros, tendo em vista o reforço da sua equipa de futebol para a próxima temporada, em que volta a disputar o nacional da 1.ª divisão. O clube alentejano tomou esta decisão depois de inviabilizada a hipótese de adquirir um avançado internacional hondurenho, que actua em Espanha, e com quem manteve negociações. Tal como aconteceu com o jogador das Honduras, também os nomes dos atletas brasileiros não são divulgados pelo clube.

A possibilidade de um jogador benfiquista (Rui Humberto ou Nelo) vir a ingressar no clube elvense, está dependente das negociações que decorrem com os futebolistas brasileiros.

O Elvas inicará os trabalhos de preparação para a próxima temporada em 21 do corrente, seguindo-se um estágio em Castelo de Vide e a sua participação no Torneio Internacional da cidade espanhola de Vigo, em Agosto.

Entretanto, o Estádio Municipal de Elvas está a ser ampliado e a receber outros melhoramentos. Segundo o município, as obras irão permitir que o estádio atinja uma lotação para 25 mil espectadores e constam da ampliação do topo norte, construção do topo sul, aumento da actual bancada e construção de camarotes na bancada coberta existente.

A construção de uma sala de Imprensa, arrecadações e sanitários, são outros melhoramentos previstos, assim como a melhoria das instalações destinadas à Comunicação Social e a ampliação das bilheteiras, portões de acesso e parques de estacionamento.

A Câmara de Elvas, que está a executar estas obras com a comparticipação de outras entidades, pretende dotar aquele estádio de instalações ao nível da 1.ª divisão nacional.

Tonanha: lesão

Nas férias, o brasileiro Tonanha (Boavista) contraiu uma rotura na coxa esquerda, não podendo assim iniciar a normal preparação da turma axadrezada, embora se encontre no estágio, na Guarda.

Porto apresenta-se

Já definido: o encontro de apresentação da turma das Antas aos seus adeptos será efectuado a 2 de Agosto, perante o Marítimo, que estagia em Mafra. O jogo terá lugar no Estádio Municipal da Maia.

Carraça rescinde

De comum acordo, Carraça deixa o Vitória de Setúbal, podendo ainda esta semana firmar compromisso com o Varzim, Farense, Elvas ou Rio Ave.

Braga: «mister» Humberto Coelho comandando os novos pupilos

Ovarense: apetrechamento

Francisco Nóbrega, antigo «internacional» do F. C. do Porto, vai treinar a equipa da Ovarense, que participa no «Nacional» de Futebol da 2.ª Divisão. Nóbrega orientou, na época passada, o Feirense, que disputou até quase à última jornada a subida à 1.ª Divisão.

Para a próxima época, a Ovarense fez 13 aquisições, que se somam aos seis futebolistas que transitam da época passada: Amândio (ex-Lamego), Torres (ex-Trofense), Flávio, Machado e Ramalho (todos ex-Feirense) são alguns dos reforços ovarenses. A direcção do clube continua à procura de mais um defesa e um avançado, para completar o «plantel».

Brasileiros esperam João Rocha

O representante do Sporting no Brasil (Palmeira Branco) terá já chegado a acordo com os futebolistas Mário e Silvinho para o seu ingresso no grémio de Alvalade, todavia, para formalizar as contratações, aguarda-se a ida de João Rocha àquele país. Quanto a Marinho e Josimar, que constavam da lista elaborada por Manuel José, tudo indica que não virão, por os seus «passes» custarem verbas incomportáveis, porquanto o Bangu pede 250 mil dólares por Marinho, enquanto o Botafogo não cede Josimar por menos de 600 mil.

Pietra recuperado

Totalmente recuperado de uma lesão no tendão de Aquiles, o «internacional» Pietra regressou esta manhã aos treinos do Benfica.

Mapuata: chegou, viu e partiu

Finalmente, chegou ontem a Lisboa o zairense Mapuata, que alinhava no Standard de Liège, passando agora a representar o Belenenses.

Mapuata, que conta 21 anos de idade, nem teve tempo para conhecer o Bairro do Restelo, já que esta tarde, partirá com os seus novos companheiros para o estágio que irão fazer a Ardenas (Bélgica), estando previsto que os azuis realizarão três encontros com uma selecção de jogadores estrangeiros a actuar na Bélgica (dia 20), Avennir Beggen (dia 26) e La Gantoise (dia 29).

Sporting da Covilhã: reforço

Fabião (ex-Paços de Ferreira) assinou contrato com o Sporting da Covilhã para a próxima época futebolística. O compromisso foi estabelecido após indicação daquele jogador por Rui Barros, que já jogou na equipa covilhanense.

Juvenis: «Nacional»

O Sporting venceu o Marítimo, por 8-0, em jogo da 3.ª fase do Campeonato Nacional de Juvenis, no Estádio Pina Manique, em Lisboa. A competição termina no domingo, com o encontro F. C. do Porto -Marítimo, decisivo para a atribuição do título.

Varzim solta N'Habola

O executivo do Varzim dispensou o futebolista N'habola, sendo provável que este dianteiro regresse ao Rio Ave.

Guilherme Cossoul: futebol de salão

A secção desportiva da Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, associando-se às festividades dos 101 anos da colectividade da lisboeta Avenida D. Carlos I, vai promover, em Outubro, o 1.º Torneio «Guilhas», em futebol de salão. Serão 16 as turmas participantes na competição, onde haverá taças para distinguir as formações e os jogadores mais disciplinados.

Olarticoechea no Nantes

O «internacional» argentino Julio Olarticoechea assinou contrato de transferência do Boca Juniores para o Nantes (de França) contra o pagamento de 450 mil dólares (cerca de 67 mil e 500 contos). Olarticoechea militará no clube francês ao lado do seu companheiro da selecção Jorge Burruchaga.

Bingham na selecção irlandesa

A Federação de Futebol da Irlanda do Norte confirmou a recondução do técnico Billy Bingham no cargo de seleccionador. Cavan adiantou que a recente assinatura de um contrato válido por um ano entre o técnico e um clube da Arábia Saudita continha uma cláusula de libertação para os jogos internacionais da Irlanda do Norte. Bingham assumiu a responsabilidade da selecção irlandesa em 1980 e, através da sua acção, atingiu duas fases finais do «mundial».

Escócia muda o rumo

Andy Roxburgh, que nunca treinou uma equipa de futebol, foi a escolha da Federação Escocesa para o cargo de seleccionador daquele país. A Federação de Futebol da Escócia preferiu Roxburgh às hipóteses de Billy McNeill (treinador do clube primodivisionário inglês Manchester City) e Jim McLean, responsável pelo Dundee United (vencedor do campeonato escocês). Roxburgh (de 42 anos) substitui o treinador do Aberdeen (Alex Ferguson) que se demitiu logo após o «mundial» no México.

Polacos na RFA

O FC Homburg, recém promovido à 1.ª divisão alemã-federal, asseegurou o concurso dos futebolistas «internacionais» polacos Andrzej Buncol e Roman Wojcicki. Buncol alinhava no Legia de Varsóvia e Wojcicki no Widzew Lodz. A transferência dos dois polacos ronda um milhão e 200 mil marcos (cerca de 80 mil contos).

Santiago do Cacém: o União a seu dono

Por lapso de que nos penitenciamos, no calendário ontem publicado pelo «DL», referente aos jogos do campeonato nacional de futebol da 2.ª divisão (Zona Sul) está incluído o nome do União de Montemor, quando deveria inscrever-se o do União de Santiago do Cacém, dada a despromoção dos montemorenses. Com as nossas desculpas, repetimos o calendário no tocante ao clube afectado:

1.ª jornada: União de Santiago do Cacém — Esperança de Lagos; 2.ª Atlético-Santiago do Cacém; 3.ª S. Cacém-Cova da Piedade; 4.ª Barreirense-S. Cacém; 5.ª S. Cacém-Montijo; 6ª Lusitânia-S. Cacém; 7.ª S. Cacém-Oriental; 8.ª Nacional-S. Cacém; 9.ª S. Cacém-Olhanense; 10.ª Estoril-S. Cacém; 11.ª S. Cacém-Estrela da Amadora; 12.ª Samora Correia-S. Cacém; 13.ª S.Cacém-Vitória de Setúbal; 14.ª União da Madeira-S. Cacém e 15.ª Santiago do Cacém-Sacavenense.

Fica assim rectificado e em perfeita ordem o mapa de jogos do campeonato da 2ª divisão, inserido no «DL» de 16 do corrente.

Futebol: Federação castiga Benfica

Por **distúrbios provocados por adeptos do clube, no Jamor, no dia da final da Taça de Portugal**, o Conselho de Justiça da Federação de Futebol castigou o Benfica com um jogo de interdição do Estádio da Luz, a cumprir no 2.º dia do campeonato nacional.

Polónia: resultados por "encomenda"

Seis clubes de futebol da primeira divisão da Polónia e respectivos jogadores foram penalizados por arranjos de resultados na última época, refere a Imprensa de Varsóvia.

A Federação de Futebol impediu jogadores dos seis clubes de assinarem contratos com clubes ocidentais durante dois anos, determinação prejudicial aos interesses económicos dos futebolistas abrangidos. A disposição na Federação polaca impede ainda o Clube Ruch Chorzow de disputar jogos internacionais durante um ano.

Um porta-voz da Federação polaca justificou que os clubes castigados eram acusados de «arranjos de resultados e inexplicável variação de rendimentos».

A decisão sucedeu após críticas da Imprensa estatizada sobre os padrões de jogo nos campeonatos polacos, concretizados no viciamento das actuações, e os seis clubes afectados pela determinação federativa são o Ruch Chorzow, GKS Katowice, Lechia Gdansk, Baltik Gdynia, Motor Lublin e LKS Lodz.

O GKS Katowice terminou a última época na quinta posição e representará a Polónia na Taça das Taças, enquanto o Baltyk Gdynia foi despromovido da primeira para a segunda divisão por ter concluído na 15.ª posição entre 16 participantes.

A Federação polaca adiantou não ter «descoberto casos de suborno ou conspiração entre clubes», mas, uma análise dos respectivos jogos, encobria «casos contraditórios ao espírito desportivo».

Antoni Piechniczek, antigo seleccionador polaco referiu terça-feira que o baixo nível do campeonato contribuiu para a desapontadora actuação no «mundial» do México, salientando que, além da modificação nas normas da competição interna, o futebol polaco carecia de melhores métodos de treino, outro controlo sobre a actuação de jogadores em clubes estrangeiros e maior selectividade na escolha de jogadores para a selecção.

As novas disposições da competição aumentam de dois para quatro o número de clubes a enfrentarem a despromoção, prevenindo eventuais arranjos de resultados. «Com tantos clubes a serem ameaçados pela despromoção, será quase impossível falsear resultados», vaticinou Edward Brzostowski, presidente da Federação de Futebol da Polónia.

As alterações incluem a atribuição de três pontos aos clubes vitoriosos (em vez dos habituais dois) no caso de obterem pelo menos três golos no referido jogo. «Os nossos jogadores têm de aprender a marcar golos», frisou Brzostowski. «A nossa má actuação no México justificou-se essencialmente na baixa competitividade.»

O escândalo no futebol atingiu tais proporções no final da última época que o jornal desportivo «Przegald Sportowy» se recusou a publicar os resultados nas derradeiras jornadas, como forma de protesto.

"Commonwealth" não quer jogos com Zola Budd e Annette Cowley

Os organizadores dos Jogos da Comunidade Britânica, enfrentando um boicote de cinco Estados africanos, anunciaram que as atletas de origem sul-africana Zola Budd e Annette Cowley não poderão participar na competição.

A Federação dos jogos da Commonwealth decidiu que aquelas duas atletas não podem participar em representação da Inglaterra, no âmbito da constituição da comunidade britânica.

Os jogos, que durarão dez dias, começarão no próximo dia 24, em Edimburgo.

A decisão da Federação dos Jogos seguiu-se ao anúncio da Tanzânia de que não participará na competição, seguindo o exemplo do Gana, Quénia, Uganda e Nigéria, como protesto contra a decisão da Grã-Bretanha de recusar aplicar sanções económicas contra o regime de segregação racial da África do Sul.

A Federação anunciou a sua decisão após uma reunião de seis horas num hotel de Edimburgo.

Um porta-voz federativo referiu que Zola Budd (actual detentora do recorde mundial dos 5000 metros) e Annette Cowley (uma nadadora) não possuem os documentos de residência necessários para participar nos Jogos da Comunidade Britânica.

Budd e Cowlet nasceram na África do Sul, mas têm passaportes britânicos. Zola Budd que recebeu o seu passaporte em Abril de 1984, para poder concorrer pela Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, tem sido alvo de manifestações contra a política de segregação racial na África do Sul. Annette Cowley tem um passaporte britânico, porque a sua mãe é inglesa.

Governo inglês contra vandalismo

As autoridades do futebol inglês reuniram-se com o primeiro-ministro ,Margaret Tathcher, para discutir esforços contra o vandalismo que afecta a modalidade.

«Parte da reunião respeitou ao elogio da federação, jogadores e da polícia pelos esforços empreendidos na última época contra o fanatismo das multidões», referiu Tathcher.

Bert Millichip, secretário-geral da Federação de Futebol Inglesa frisou o seu empenho na luta contra o fanatismo.

«Tivemos uma actuação modesta nesse sentido no México e durante a última edição das competições internas mas não descansamos enquanto não estivermos livres dos vândalos que insistem em nos rodear».

Atletismo: Portugal modesto entre os juniores

António Abrantes qualificou-se para as meias-finais dos 400 metros planos, com 47,91 segundos, durante os campeonatos mundiais de atletismo (juniores) em Atenas. O melhor tempo das séries foi obtido pelo norte-americano Clifton Campbell, com 46,60 segundos. As meias-finais dos 400 metros realizam-se hoje.

Na corrida na de 10 000 metros o português João Lopes classificou-se nesta prova em 16.º lugar, com o tempo de 20.47,99. Participaram na corrida 22 atletas.

Maria Virginia : pela boca pode perder a campeã.

Desporto e Pedagogia

No desporto «a psicologia é tão importante como a fisiologia do corpo, o treino, as técnicas ou a saúde e alimentação» — afirmou o professor norte-americano Robert Singer durante uma conferência realizada em Lisboa.

Robert Singer, presidente da Sociedade Internacional de Psicologia Desportiva, que falou no Instituto Nacional dos Desportos a convite da Sociedade Portuguesa de Psicologia Desportiva, sublinhou que «todos estes aspectos influem nas capacidades dos atletas em alcançarem bons resultados».

Segundo o especialista norte-americano, a psicologia desportiva tem em vista «a melhoria das relações treinador-atleta e atleta-atleta, a resolução de problemas pessoais dos desportistas» e o desenvolvimento de «técnicas que permitam optimizar as 'performances' ajudando os atletas a atingir um ponto máximo durante a competição». «Outras das nossas preocupações — acrescentou o professor Singer — é que, mediante a psicologia desportiva, os atletas se sintam realizados pessoalmente, além dos bons resultados que obtenham».

Durante a conferência, Robert Singer lamentou que a psicologia «não seja entendida por muita gente ligada ao desporto», pois a sua aplicação pode «proporcionar aos atletas o máximo das suas potencialidades».

Para o professor norte-americano, é importante que os atletas sejam acompanhados por especialistas em psicologia desportiva, que se queixam muitas vezes de os treinadores não lhes darem a atenção de que necessitam, nomeadamente quando atravessam problemas pessoais. «Normalmente, os treinadores gostariam de se preocupar mais com os seus desportistas, mas por vezes não têm tempo. O treinador tem muitos atletas com quem falar, pelo que estes recorrem muitas vezes ao massagista, pessoa com quem se sentem mais identificados, nomeadamente nos momentos maus» — referiu Robert Singer.

A psicologia desportiva é também de grande utilidade na criação de um clima harmonioso quando entre vários elementos se tem que seleccionar um para representar a equipa e ainda durante longos estágios.

No primeiro caso, «pode acontecer que, devido aos longos e intensos treinos, os melhores amigos dos atletas sejam os seus mais directos adversários, pelo que há que ter um especial cuidado em manter a harmonia sem que a competitividade seja prejudicada». No segundo, em que há que manter uma certa disciplina entre todos os elementos da equipa em estágio, Robert Singer defendeu uma reunião entre todos os elementos do conjunto, em que seja feita uma abordagem clara dos mais variados problemas, de forma a «definir um padrão que todos aceitem e que vigore durante todo o tempo em que estiverem juntos».

O psicólogo norte-americano, que falava para cerca de cinco dezenas de pessoas, em especial técnicos e desportistas, abordou aspectos relacionados com o treino intensivo de crianças, o abandono precoce do desporto pela mulher e a violência nos recintos desportivos.

Referindo-se aos prolongados treinos a que são submetidos os jovens atletas, Robert Singer disse não ser ainda possível «determinar os efeitos de uma preparação intensa» e defendeu que aqueles devem ser acompanhados por técnicos responsáveis, que controlem bem a sua actividade, de forma a reduzi-la ou mesmo suspende-la ao mínimo problema. «Há jovens que podem treinar duro durante muito tempo e ter satisfação, mas há muitos outros com quem acontece o contrário, pois treinar 4 ou 5 horas por dia é muito difícil» — considerou o psicólogo norte-americano.

Sobre o abandono do desporto pelas mulheres quando ainda jovens, nomeadamente após a obtenção de bons resultados, Singer referiu que ele se deve em grande parte ao papel da sociedade, que não as encoraja. «Actualmente, a imagem da mulher desportista é boa, as raparigas são motivadas pelas próprias famílias e, no futuro, o abandono das mulheres será muito menor», acrescentou.

O professor norte-americano debruçou-se também sobre a violência desportiva, considerando que uma das formas de a evitar «é não pagarmos para a ver».

«O desporto é aquilo que nos deixamos ser. Criámo-lo e podemos modificá-lo — sublinhou Robert Singer.

Lisboa e Algarve mais próximos

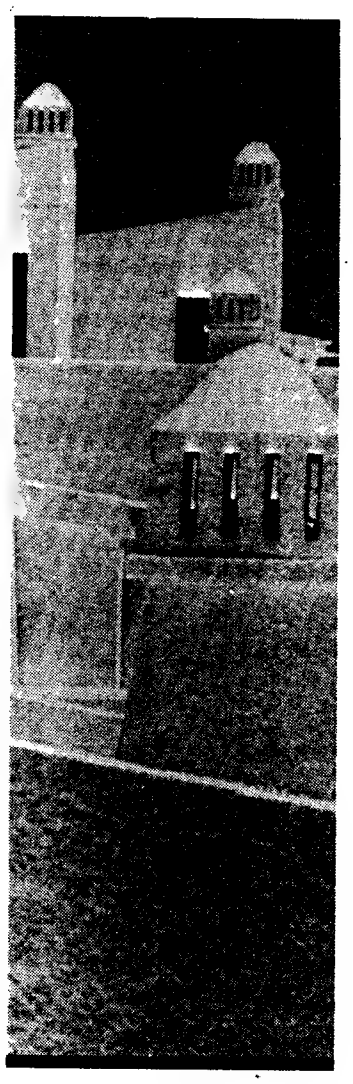
Mais dois comboios directos Diários!

A CP oferece-lhe agora mais e melhores serviços diários entre Lisboa e o Algarve.
Trata-se de 2 comboios directos com reserva de lugar, ao mesmo preço dos comboios normais, e mais rápidos do que estes 40 minutos.

Consulte as Secções de Informações ou o seu Agente de Viagens

Dê um mergulho no Algarve
Ou venha almoçar a Lisboa
De comboio, claro.

Comboio, a opção dinâmica



1886 • 1986
CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO

«CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO, POR VENDA, DO FOGO SITO RUA DA FONTE, LOTE 7 – R/C - ESQ.º S. SEBASTIÃO DE GUERREIROS - LOURES»

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto **CONCURSO POR SORTEIO,** em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 14 a 28 de Julho de 1986), para atribuição por venda, de 1 fogo-T2, sito na Rua da Fonte, Lote 7-R/C-Esq.º, S. Sebastião de Guerreiros, pelo preço de 2 488 120$00.

1. O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr. Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.
2. Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal:

N.º de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (per capita)	Rendimento máximo mensal (per capita)
1	33 750$00	90 000$00
2	22 500$00	56 250$00
3	18 000$00	39 375$00
4	16 200$00	33 750$00
5	13 500$00	28 125$00
6	12 375$00	27 000$00
7	11 250$00	24 750$00

3. O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

Loures, 7 de Julho de 1986

O Vereador do Pelouro
Duarte Nuno Alves Climaco Pinto

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

Microscópio—

«Mundial» de tiro

Na sequência dos trabalhos de preparação do 26.º Campeonato do Mundo de Tiro que, em Agosto próximo, sob a égide do Conseil International du Sport Militaire, se realizará na Base Aérea da Ota, foram já recebidas as inscrições definitivas da Bélgiea, da Espanha, dos Estados Unidos da América, da Finlândia, da França, do Koweit, da Noruega, da Holanda, do Qatar, da RFA, da Suíça e de Portugal.

A Bélgica, EUA, França e Portugal concorrerão às provas de pistola para senhoras e, a França (na equipa de espingarda) concorrerá com uma senhora.

O Conselho Internacional do Desporto Militar far-se-á representar, em Portugal, pelo seu presidente, general Jean Duguet, do Exército francês.

Deficientes: os nossos irmãos

Neves de Sousa

Desde os meus tempos de serviço militar num (então) Portugal longínquo, lá pelas Índias, habituei-me a respeitar (quase colocar no trono da minha admiração) quantos cidadãos deficientes comigo se cruzavam a cada esquina.

Sou da época (vejam bem o calendário) em que os garotos paravam um rigoroso desafio de futebol para irem ajudar uma senhora idosa a atravessar uma rua: sobretudo se arrimada a uma bengala, triste jus de idade provecta e dignamente oferecida à continuidade do mundo, em filhos e netos.

Também me recordo (notem a poeira do tempo!) de um guarda da Polícia travar o trânsito em avenida de primeira e correr a dar o braço a um invisual que estava na outra fronteira da travessia. E ainda não há muito sol escondido, também era usual, deficientes ou idosos, terem o privilégio das próximas futuras mamãs: poderem usufruir de lugares sentados em tudo o que eram transportes públicos, mesmo que viessem a regorgitar, rebentando pelas costuras.

Creio que todas essas manifestações de amor ao próximo, de veneração pela idade, de cortesia por obra feita, se estão esfumando nos ares: atravessamos um ciclo de vida que, como na selva, não se compadece com o leão ferido de morte, com o cavalo de perna partida, com o imenso paquiderme que já dobra as pernas e procura solitário refúgio para que ninguém note como foge deste mundo um rei sem trono.

Por isso, dei por mim meio embalado em triunfo e outro tanto embandeirado em arco: em Bruxelas, os nossos doze portugueses que participaram em Jogos Olímpicos Especiais sobressaíram entre os 1800 corajosos que estiveram presentes no Centro Desportivo Saint-Pierre: uma medalha de ouro, duas de prata e cinco de bronze marcam uma embaixada que se comportou (a todos os títulos) em galeria de notáveis.

É momento de todos nós, os verdadeiros portugueses, endereçarmos um bonito parabém ao esforço da Associação Portuguesa de Pais e Amigos de Crianças Diminuídas Mentais: com a colaboração do Centro Regional de Segurança Social de Lisboa, do Governo Civil e de algumas empresas privadas que têm na devida conta o que pode (sempre) valer um diminuído físico ou um deficiente mental, se devidamente enquadrado em todo o esquema global da sociedade corrompida em que vegetamos, por vezes indiferente a quem passa na margem da estrada.

Policiamento no desporto custará 30 mil contos

Uma verba máxima de trinta mil contos vai ser colocada à disposição das autoridades para o policiamento das competições desportivas, de acordo com o despacho publicado no «Diário da República».

O despacho determina que o Fundo de Fomento do Desporto passa a ser «desde já» o organismo responsável pelos encargos no policiamento das competições desportivas, substituindo as anteriores entidades promotoras das provas, de âmbito federativo ou associativo.

A verba máxima concedida para o efeito é de 30 mil contos, a qual, afirma o despacho conjunto dos Ministérios da Administração Interna e da Educação e Cultura, será colocada «à disposição do Ministério da Administração Interna — ou da GNR e da PSP» até ao fim deste mês.

O despacho considera que a verba a atribuir é «suficiente» para remunerar os serviços de policiamento, nos meses de Junho a Setembro, inclusive.

A gestão da referida verba fica a cargo do Ministério da Administração Interna, «tendo em conta o limite agora estipulado» — sublinha o despacho.

O documento surge na sequência de uma alteração legislativa, que se encontra ainda em estudo, e que visa «atribuir ao Ministério da Administração Interna ou a serviços dele dependentes a responsabilidade pelas decisões relativas ao policiamento das competições desportivas». Acrescenta ainda que a alteração em estudo procura igualmente fazer com que o Estado passe a suportar os encargos financeiros decorrentes das competições do «desporto organizado».

Ténis: nacional de juniores atinge os quartos de final

Marcos Faria (Torres Novas), que afastara o cabeça de série número um, foi derrotado nos oitavos de final do campeonato nacional de ténis em juniores, que decorre nos «courts» do Jamor. Marcos, a sensação da 1.ª jornada, foi eliminado ao perder com Gonçalo Pinheiro Torres (Foz) por 3-6, 3-6. A outra surpresa da jornada foi a eliminação de um cabeça de série (o número 7, Carlos Rogério) pelo seu conterrâneo Nuno Delfino (Faro) pelos parciais de 6-0, 6-0.

Outros resultados dos oitavos de final: Ricardo Costa-Lino Silva (Funchal), 6-3, 6-4; Rui Sousa-Vasco Vaz Pinto, 6-0, 6-1; Paulo Coelho-Paulo Machado, 6-3, 6-4; José Nunes-Manuel Pedroso, 6-1, 6-1; Gonçalo Magalhães-Nuno Reis, 6-1, 6-2 e José Mário Silva-Diogo Gonçalves, 6-1, 6-2.

Os quartos de final disputam-se hoje, tal como na competição feminina, para que se qualificaram Sofia Loja, Marta Peralta, Marta André, Raquel Pereira, Patrícia Valadas, Bárbara Corte Real e Susana Carvalho Silva.

McEnroe regressa

O ex-número um do ténis mundial, o norte-americano John McEnroe (27 anos) anunciou a intenção de regressar às competições depois de um interregno de quase seis meses. Em conferência de Imprensa (que decorreu em Los Angeles) McEnroe afirmou estar apto a defrontar, no dia 26, o checoslovaco Ivan Lendl (actual número um do «ranking» mundial) numa partida de exibição cujo prémio ascende a 100 mil dólares (cerca de 15 milhões de escudos).

McEnroe adiantou estar nos seus planos jogar em Wimbledon na próxima temporada, sendo de recordar que o tenista norte-americano ganhou aquele torneio por três vezes nos últimos cinco anos.

MODALIDADES

Basquetebol: mundial

O grego Gallis comanda a lista de melhores encestadores do campeonato mundial de basquetebol, cuja fase final se inicia hoje em Madrid. Gallis soma 248 pontos, seguido pelo brasileiro Óscar (240) e pelo jugoslavo Petrovic (198).

Estados Unidos e Brasil, União Soviética e Jugoslávia defrontam-se hoje (na capital espanhola) e os vencedores vão discutir no domingo o título mundial de basquetebol sénior masculino.

Andebol: Taça «Sport Goofy»

Prosseguiu a disputa da Taça «Sport Goofy», em andebol, para selecções distritais e regionais de iniciados e juniores, e que decorre no Pavilhão do ISEF, no Jamor.

Resultados registados em iniciados (rapazes): Açores -Madeira, [illegible]-23; Lisboa - Beja, 22-[illegible]4; Aveiro - Porto, [illegible]7-[illegible]7; Aveiro - Açores, [illegible]3-[illegible]; Porto - Beja 20-[illegible]4; e Madeira - Lisboa, [illegible]-[illegible]0. Juniores (raparigas): Madeira - Leiria, 2[illegible]-[illegible]3; Madeira - Braga, 33-[illegible]3; e Braga -Porto, [illegible]-27.

Motonáutica na Figueira da Foz

Manuel Alves Barbosa (classe ON), José Carolo (SE), Pedro Viegas (TI), Mário Martinho (T2), João Fadigas (TD) e Vítor Rodrigues (TE) foram os vencedores do 8.º Grande Prémio da Figueira da Foz, em motonáutica. Os primeiros lugares da classificação geral do campeonato nacional são ocupados por José Carolo, Pedro Viegas, Mário Martinho e Vítor Fortuna.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 29, DE 20 DE JULHO DE 1986

o Diário: 211 1X1 21X X21X; Diário de Lisboa: 2X1 X11 111 X111; Panorama Desportivo: 2X2 1X1 1X2 XX11; Fim-de-Semana Desportivo; 11X 11X 212 1212; Correio do Vouga: 212 11X 212 1121; A Defesa: X11 XX1 11X 1121; No Estúdio e no Estádio: 2X2 11X 1X1 1211; Jornal do Fundão: 211 X11 121 XX12; Rádio Totobola: 21X 212 X22 1212; Linhas de Elvas: 1XX 111 2X1 X111; Defesa de Espinho: X12 111 211 22XX; O Jornal de Amarante: 211 111 211 1X12; RD-Rádio Guarda: 11X 211 1X2 111X; Maria da Fonte: 211 111 111 1112; Jornal da Beira: 221 111 111 X211; A Voz do Domingo: 111 111 111 1112; Rádio Altitude: 11X X12 11X 1X12; Jornal de Sintra: 2X1 111 1XX 2X22; Voz de Lamego: 211 X12 111 2X22; Folha do Domingo: X1X 111 121 1211; Notícias de Guimarães: X11 1X1 1XX 2121; Correio de Coimbra: 21X X11 1X1 1111; Ecos de Cacia: X11 11X 111 X11X; O Jornal da Lixa: X11 111 2X1 1112; Notícias do Douro: 11X X21 122 X111; Clube da Manhã: 221 111 211 X21X; Gazeta das Caldas: 222 111 11X X11X; O Jornal de Felgueiras: 2XX 1X1 2XX 1211; Notícias de Felgueiras: 22X 1X1 2XX 221X; O Algarve: 111 12X X11 12X1; Reconquista: 112 211 111 1X11; Diário de Viseu: 111 112 XX2 211X; Jornal do Sul: 221 1X1 2X2 1X22; Notícias de Viseu: X11 11X XX2 21XX; Gazeta de Felgueiras: X21 1X1 111 X2XX; Litoral: XX2 121 1X1 11XX; Guia do Apostador: 212 112 2X1 1X12; O Mensageiro: 111 XX2 122 X122; Notícias de Gouveia: 11X 121 211 2111; Penalti: 221 111 1X2 1211; Jornal de Santo Tirso: 2X1 11X 1X1 212X; Voz do Ave: 111 11X 1X1 1111; Rádio Sports: X11 X12 111 1212; Jornal 1X2: 212 112 X12 1X22; O Comércio de Leixões: 21X 111 X11 XX11; De Tudo um Pouco: 21X 111 X21 1X1X; Jrnal de Gaia: 21X 1X1 221 1X21; Jornal da Graça: XX2 112 112 1212; Jornal de Notícias: X1X 111 X1X 2211; O Primeiro de Janeiro: 221 1X1 111 1X11; Quadrante Norte: 2X2 111 X11 111X;

Repórter do Dia: X11 X12 X1X 121X; Resenha Desportiva: X12 111 11X XX22; Alvo Desportivo: X11 X2X 111 2X11; Rádio Alvo: 1X2 111 122 XX11; Alvo: 112 2X1 112 X111; Alvo Suplemento: 112 2X1 112 X111; A Voz dos Ridículos: 11X 111 111 1X1X; Rádio Placard: 221 111 111 11X1; Estúdio 64: 2XX 111 111 111X.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (a) 1	BOLAS (a) X	BOLAS (a) 2
1. Nimega-Dusseldorf	16	15	29	3	3	6
2. U. Berlim-St. Liège	39	12	9	8	2	2
3. Lausana-B. Uerdingen	28	17	15	6	3	3
4. Malmö-Gornik	44	11	5	9	2	1
5. Kalmar-Witoscha	42	13	5	9	2	1
6. Lillestrom-Erfurt	41	9	10	8	2	2
7. Legia Varsóvia-Hannover	36	10	14	7	2	3
8. Admira Viena-Aarhus	34	18	8	7	3	2
9. Grasshopper-Ujpesti	33	11	16	7	2	3
10. W. Lodz-Magdeburgo	32	17	11	7	3	2
11. Zurique-Gotemburgo	25	18	17	5	4	3
12. Sturm Graz-Lucerna	43	6	11	9	1	2
13. Ferencvaros-Slavia Praga	26	17	17	6	3	3

a) – Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:
211 111 111 1111

Sócrates transgrediu regulamento

Sócrates usou fitas dizendo «paz para o mundo» e «pão para os famintos» antes dos jogos do México-86 e por isso poderá ser castigado — admitiram fontes da Confederação Brasileira de Futebol.

Sócrates e Leandro, este por ter recusado integrar a selecção minutos antes da partida para o México, poderão ser submetidos a processos disciplinares da Confederação, a pedido da Confederação Nacional dos Desportos.

Um dirigente deste último organismo, Henri Aidar, afirmou que vai solicitar à CBF a abertura de processos. No caso de Sócrates o motivo é o uso de «inscrições políticas» antes dos jogos.

Dirigentes da CBF responderam já que a atitude de Sócrates deverá estar fora do alcance do organismo brasileiro, pois os actos foram cometidos sob jurisdição da FIFA, que admoestou o jogador.

Sócrates foi também advertido pela FIFA por ter feito no México declarações políticas relativas aos dinheiros do mundial e foi também proíbido pela CBF de prosseguir com tais comentários porque «o Brasil foi ao México jogar futebol e não fazer política».

Peruanos criticam árbitros do 'Mundial'

Uma conferência sobre futebol organizada pela Federação Peruana de Futebol e por um clube da primeira divisão local concluiu que a inexperiência de árbitros que dirigiram jogos do «Mundial-86» influenciou directamente o resultado de 18 encontros.

De acordo com as conclusões da conferência, as selecções mais afectadas foram as da União Soviética, eliminada pela Bélgica com dois golos em fora de jogo, Inglaterra, afastada pela Argentina, com um golo de Maradona marcado com a mão, e espanha, com um golo não validado frente ao Brasil ainda na fase inicial da competição.

Os conferencista consideraram que o baixo nível da arbitragem se ficou a dever ao facto de mitos juízes serem oriundos de países onde o futebol não tem grande expressão, não estando, por isso, habituados a arbitrar encontros de nível mundial.

Segundo estatísticas da FIFA, dos 36 árbitros presentes no México apenas seis tinham dirigido encontros da fase final do Mundial de 82, em Espanha.

Até este campeonato, entre 50 e 60 por cento dos árbitros nomeados pela FIFA para uma fase final transitavam da edição anterior do Mundial.

Ainda segundo as conclusões da conferência, doze dos árbitros presentes no México não tinham mais de três anos de experiência de direcção de um encontro de futebol e destes, oito são juízes apenas desde o ano passado.

Ciclismo: "GP" Costa Azul

Carlos Santos (Lousa) de amarelo em Almada

Se o Lousa não tivesse comparecido neste Grande Prémio de Setúbal, a prova seria cancelada, segundo referiu ontem Edgar Costa da organização, e isto porque a falta das equipas do Sporting e do Boavista já retiram muito valor competitivo a esta competição que antecede a realização da Volta a Portugal. Segundo referem os organizadores existirá um «contencioso» entre o presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo (Henrique Castro) e Aristides de Almeida da Associação de Ciclismo de Setúbal e daí haver resultado que a Federação apenas tenha permitido a realização do Grande Prémio nesta data agravado pela circunstância de ter sido antecipado o calendário da Volta. Trata-se de uma situação que carece de algum esclarecimento já que não se nos afigura correcto que por questões pessoais possa ser prejudicada uma provba oficial.

Ontem, em Almada, realizou-se o prólogo na distância de 4,5 quilómetros no sistema de contra-relógio por equipas tendo-se verificados seguintes tempos (Carlos Santos, do Lousa, enverga a camisola amarela):

1.º LOUSA 21 m (Carlos Santos, 7 m; Américo Silva, m.t.; Fernando Carvalho, m.t.);

2.º TOREENSE, 21 m 02 s (José Santiago, 7 m; Benedito Ferreira, 7.01; Alberto Leal , m.t.);

3.º TAVIRA 21 m 13 s (Luís Cruz, 7.03; Luciano Soares, 7.05; João Carvalho m.t.);

4.os SANGALHOS e AJACTO, 21 m 30 s (no Sangalhos, Carlos Marta, Manuel Vilar e Manuel Augusto Gomes, todos com 7 m 10 s; na Ajacto Fernando Almeida, José Fernandes e José Leite, também todos com 7.10);

6.º OLHANENSE, 21 m 37s (Raul Terebentino, 7.11; Hélder Domingos, 7.12; Júlio Cepas, 7.14);

7.º GARCIA JOALHEIROS, 21 m 54 s (o trio Marino Fonseca, Joaquim Salgado, Joaquim Fernandes com 7.18);

8.º LOULETANO, 22 m 30 s (Nictélio Cavaco, Leonel Tomás e Alfredo Gouveia, todos com 7.30);

9.º SELECÇÃO DE SETÚBAL, 22 m 36 s (Eduardo Madeira, Luís Farófia e Vital Simões, todos com 7.32).

Seis etapas

Hoje, a primeira etapa em linha, de Sesimbra para o Seixal, terá 172 km com duas contagens de segunda categoria para o prémio da montanha.

Amanhã, das 9 h até cerca das 13 h, 152,5 km entre Tróia e Sines; e à tarde, a partir das 17 h 30 m, contra-relógio individual (21 km, de Sines para Santiago do Cacém).

No sábado a 4.ª etapa: das 14 h 15 m, às 18 h, 147 km entre Santiago de Cacém e Grândola.

No domingo, último dia deste Grande Prémio, mais duas etapas: às 9.30 h (apenas 35,5 km, em linha, Torrão-Alcácer do Sal); das 14.30 às 18.30 h Alcácer do Sal-Setúbal, os 154 km da «etapa rainha».

«Nacional» de seniores disputa-se no domingo

Organizado pela Federação Portuguesa de Ciclismo, realiza-se, no próximo domingo, o campeonato nacional de seniores (contra-relógio por equipas) a disputar entre Samora Correia e Alpiarça na distância de 49 quilómetros com partida pelas 9 horas e passagem por Benavente. Benfica do Ribatejo, Almeirim, Alpiarça, Vale de Cavalos e Chamusca.

●

«Tour»: Fignon desiste e Acácio sobe três degraus

O norte-americano Greg Lemond reduziu a 40 segundos a diferença em relação ao líder da volta a França em bicicleta, Bernard Hinault, ao vencer isolado a 13.ª etapa, disputada na distância de 186 quilómetros.

Lemond isolou-se a cinco quilómetros da meta deixando o seu mais directo perseguidor (o inglês Robert Miller) a 1 minuto e 12 segundos enquanto o camisola amarela concluiu na 11.ª posição a quatro minutos e 39 segundos do vencedor.

O bicampeão da prová Laurent Fignon, França, foi forçado a abandonar pouco antes do início da tirada por padecer de febre, confirmando o azar que o tem impedido de disputar a maioria das provas na corrente época.

Doze ciclistas, incluindo Hinault, Lemond, Zimmermann e Herrera fugiram do pelotão ao 50.º quilómetro e mantiveram-se juntos até ás montanhas intermédias com um avanço sobre os mais directos perseguidores de cerca de 15 minutos, mas, na última subida, Zimmermann, Herrera e Lemond atacaram, com Millar e Hapstein a seguirem-lhes na roda. Pouco depois da junção entre os cinco ciclistas Hampstein imprimiu um ritmo a que somente Lemond respondeu e, a cinco quilómetros da meta, foi a vez do norte-americano lançar o último e vitorioso ataque.

Acácio Silva subiu três lugares na classificação geral, o ciclista luso, que na véspera havia descido 19 lugares e que se encontrava em 73.º lugar, está agora no 70.ª posição com mais 59,17 minutos que o camisola amarela.

Classificações (na etapa):
1.º Greg Lemond, EUA seis horas e 6,37 minutos; 2.º Robert Millar, Inglaterra, a 1,12 minutos; 3.º Urs Zimmerman, Suíça, a 1,15; 4.º Luís Herrera, Colômbia, 1,51; 5.º Andrew Hampsten, EUA, a 2,20; 6.º Thierry Claveyrolat, França, a 2,43; 7.º Steven Rooks, Holanda, a 3,47; 8.º Álvaro Pino, Espanha, 3,55; 9.º Samuel Cabrera, Colômbia, a 4,05:10.º Pedro Degado, Espanha, a 4,30 e 65.º Acácio Silva, a 31,29

Geral: 1.º, Bernard Hinault, 57 horas e 47,45 minutos; 2.º Greg Lemond, EUA, a 40 segundos; 3º Urs Zimmerman, Suíça, a 2,50 minutos; 4.º Robert Millar, Inglaterra, a 3,32; 5.º Pedro Delgado, Espanha, a 6,40; 6.º Andy Hampsten, EUA, a 8,26; 7.º Lucho Herrera, Colômbia, a 9,00; 8.º Steven Rooks, Holanda, a 12,55; 9.º Claude Criqielion, a 13,00; 10.º Peter Winnen, Holanda, a 15,19; 70.º Acácio Silva, a 59.17.

Caminhos de Ferro Portugueses - E. P.

12/86

Aviso ao Público
CONCURSO

Até às 17 horas do dia 5 de Agosto de 1986, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão no apeadeiro de Barcarena.

A anuidade mínima a oferecer é de 80 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da CP, a quantia de 13 400$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— **Cacém**
— **Barcarena**
— **Região Suburbana de Lisboa**
— **LISBOA (Rossio)**
— **Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA**

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

"Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão no apeadeiro de Barcarena."

ANTÓNIO GONÇALVES JANEIRO

MISSA DO 30.º DIA
E
AGRADECIMENTO

A sua família participa que amanhã, dia 18, sexta-feira às 19.30 horas, na Igreja dos Jerónimos, será celebrada Missa pelo seu eterno descanso.

A sua esposa, filho, pais, cunhada, irmãos e sobrinhos agradecem muito reconhecidamente a todas as pessoas que, por variadas formas, lhes testemunharam o seu pesar e comungaram na sua dor.

ALFREDO MAGRO & JAIME GOMES LDA.
Av.ª Almirante Reis, 129-A
Telef.: 57 15 96

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA – 1.º JUÍZO

Arrematação 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 28 de Julho de 1986, às 15 horas, neste Tribunal – R. Braamcamp, n.º 5 – Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados penhorados a FERNANDO MORAIS SARMENTO, LDA. com sede na Praça do Areeiro, n.º 1-Lisboa, no proc.º executivo n.º 74/78, por dívida à Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 – O direito ao trespasse e arrendamento do estabelecimento (Restaurante) sito na Pr. Areeiro, n.º 1-Lisboa, tornejando para a Av. Alm. Reis, n.º 247-D-Lisboa, sendo paga renda mensal de 14 425$50, a que se atribui o valor de 6 000 000$00.

Verba n.º 2 – Um balcão frigorífico em inox, c/5 metros, no valor de 100 000$00.

Verba n.º 3 – Uma máquina de café marca PAVONI, fabrico italiano, a que se atribui o valor de 25 000$00.

Verba n.º 4 – Uma montra expositora firgorífica FRIZAIRE, em estado nova, no valor de 100 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 14 de Julho de 1986

O Juiz de Direito,
João Cordeiro Dias

O Escrivão,
José Henriques

"D.L." 17/7/86 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR ANTÓNIO LUÍS SOARES DE ANDRADE, JUIZ DE DIREITO DO NONO JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA:

Faz saber que pela 1.ª Secção deste Juízo correm seus termos uns Autos de Arresto, registados com o N.º 3/84, em que é Arrestante Eugénio Tavares Cardoso e Arrestado M.A. Tavares Júnior, Lda., com sede na Rua de S. Paulo, N.º 9-1.º Dt.º em Lisboa, e neles correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para no prazo de dez dias a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzir os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código Processo Civil.

E, para constar se passou o presente que será devidamente publicado.

Lisboa, 7 de Julho de 1986

O JUIZ DE DIREITO,
a) ANTÓNIO LUÍS SOARES DE ANDRADE

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) ALBERTINO FARINHA PEREIRA

"D.L." 17/7/86 – 1.ª Pub.

Lisboa é sua
não deite lixo na rua

CRÓNICA DE TOUROS

De Bierce a Ojeda com paragem em António Telles

Solilóquio

Praça de Touros de Santarém. Domingo, 8 de Junho de 1986. Touros da Herdade Torre de Onofre e de João Moura, para João e António Ribeiro Telles, forcados amadores de Santarém, Paco Ojeda e Vitor Mendes.

Ambrose Bierce, a quem chamavam «o Amargo», foi um escritor americano dos fins do século passado. Sua vida, cheia de macabras atribulações, acabou não se sabe como, em terras mexicanas, onde se fora alistar nas tropas de Pancho Villa. Sua obra, que no enredo não podia ultrapassar o torvelinho fantástico da própria existência, ficou marcada por uma ironia cáustica e provocadora, representada nas páginas do «Dicionário do Diabo», em cujas definições a Paz é apenas «uma pausa de engano entre duas épocas de luta», e o Egoísta não passa de «pessoa de mau gosto, que se interessa mais por si mesma do que por mim». O Homem, esse, era para Ambrose Bierce um «animal tão mergulhado na contemplação estética daquilo que acredita ser, que esquece aquilo que indiscutivelmente deveria ser».

O velho Bierce, se tivesse assistido à primeira corrida da Feira do Ribatejo, havia de sorrir com um arzinho cínico, vendo o Zé Pagante a levantar-se dos assentos, todo entusiasmado com a faena que Paco Ojeda instrumentava ao sobrero da ganadaria de João Moura, saído no lugar do seu segundo, que partira uma mão ao revolver-se num dos capotazos com que na arena o receberam. O matador famoso mostrava finalmente, em Portugal, essa forma sua, exclusiva, de se pôr quieto a ligar passes que, antes de vistos, se diriam impossíveis: o tal passo em frente do toureio, de que escrevi a propósito daquela faena espantosa de Málaga, no ano passado. Só que, em Santarém, o que aconteceria era apenas uma demonstração virtuosa de estilo. Como um nadador olímpico bracejando veloz em seco, sem a resistência da água. Ou como um Gigli que tivesse vindo para um recital ao São Carlos, e lhe dessem por partitura a Maria Cachucha. Porque o tal sobrero tinha um ar inconfundível de bezerro desmamado. E com as pontas cortadas ainda por cima, como manda a praxe nacional. Mas o público, e era muito o que acorreu à praça, estava tão submerso na contemplação estética do que acreditava ser um touro, que esquecia como aquilo não era o touro que indiscutivelmente deveria ser.

Quanto aos outros menos aplaudidos do festejo, não será descobrir a pólvora dizer que Vitor Mendes, hoje em dia um dos cinco matadores que mais toureiam em Espanha, teve uma tarde sem pena nem glória, dessas que são já seu costume em Portugal: alguma azarina nos lotes, é certo; mas principalmente porque com o novilhote de pontas cortadas não pode transmitir emoção num toureiro todo-o-terreno, assente no poderio, matador de Miuras e Victorinos.

Os irmãos Telles, que nas cortesias tinham introduzido a variante de as fazerem percorrendo os quartos de círculo ao lado um do outro, sem se separarem, como bons manos, também compenetrados a duo lidaram o quinto, da Torre de Onofre como os restantes para cavalo, um touro malhado e excelentíssimo, que colaborou em todas as sortes e fantasias em que os dois Telles se adornaram, com remates diversos, e ferros de palmo e violino, sem contar com a música da banda, que em Santarém continua a meter os anti-taurinos altifalantes, numa execrável chinfrineira. Para fecho das fraternais alegrias houve a pega, de largo e bem rija, do Vitor Ribeiro, a última das três caras com que os amadores escalabitanos foram profetas em sua terra.

Já na lide solitária dos Telles, ao João saiu-lhe na rifa um touro sonso e desluzido; para alguma alegria conseguir, teve o cavaleiro de puxar das suas reservas de toureira graça, que outros bem gostariam de ter; mas de que seu irmão António não precisou desta vez para triunfar, merece parágrafo à parte.

***

Parágrafo à parte porque no segundo da tarde, um touro que vinha de largo, António Telles esteve um senhor toureiro. O prólogo foi um ferro à gaiola, emotivo porque o touro o viu, carregou com pata, e ele ainda teve tempo para meter no cite uma pirueta de volta completa.

Depois veio o Bacatum com a templada elegância de uma verónica, a mostrar que estava ali, toureiro para o que fosse preciso. Não foi, que já António Telles abria o livro.

Tourear a cavalo, aceitando como tourero a versão portuguesa, que com os embolados nos custa a engolir, é isso. Tem de ser isso. Primor na arte de cavalgar, cumprindo as regras básicas, com garbo, medida, ligação e inteligência. Querem que lhes diga uma coisa? António Telles chegou a lembrar-me o senhor João Núncio. Primeiro, naquele ferro chamando de praça a praça, fazendo o touro sair a pouco e pouco, até se quedar no terreno justo do cite final, para a arrancada que o cavaleiro mandava: parecia-me estar a ver o Califa, no «Temporal», naquela tarde de Vila Franca. Depois, um curto em que António citou com a garupa do cavalo, virou-se ao partir o touro, entrou de frente numa sorte digna dessa outra, inesquecível, com que a juventude do velho Califa, montando o «Ferrolho», surpreendeu meio mundo na tarde de Maio de 1973 em que, no Campo Pequeno, comemorava os 50 anos da sua alternativa.

Ovacionado com calor foi António Telles. Não com o calor bastante para quem toureara assim, elevando-se a alturas donde se avistava, ao longe, a recordação do Mestre. E toureando naturalmente, sem propósito de imitação, lograra o quase milagre de dar sentido à tourada portuguesa. O selo próprio lhe bastou para vencer a definição de Bierce: o público mergulhava na estética daquilo que acreditava ser — e aquilo em que acreditava era o que indiscutivelmente devia ser, e na arena acontecia.

Moura e Ojeda esta noite no Campo Pequeno

João Moura e Paco Ojeda, considerados por muitos as primeiras figuras mundiais do toureio (a cavalo e a pé, respectivamente), constituem o cartaz que a empresa do Campo Pequeno montou para esta noite e a que chama «corrida dos génios».

Ambos são sobejamente conhecidos da «afición»: o português João Moura é, desde 1976, indiscutível triunfador tanto no nosso País como em Espanha, enquanto o espanhol Paco Ojeda é considerado actualmente 1.ª figura da lide apeada.

Serão lidados na nocturna de hoje, que terá início às 22 horas, seis touros: 3 de St. Estêvão, para João Moura, outros 3 de Palha e Palmo para Ojeda.

Para pegar os touros da lide a cavalho, estará em praça o Grupo de Forcados Amadores do Aposento da Moita.

RTP e TVE realizam programa luso-espanhol

As televisões de Portugal e Espanha vão colaborar e co-produzir uma série de programas especiais sobre a realidade luso-espanhola com temas de interesse comum que contribuam para um melhor conhecimento dos dois povos, informaram fontes da TVE.

Os programas, que começarão a ser emitidos provavelmente em Outubro, foram iniciativa da televisão portuguesa e serão dirigidas e apresentadas pelo jornalista Joaquim Letria.

Joaquim Letria e Fernando Lopes, director do departamento de co-produções internacionais, estiveram em Madrid em reuniões de trabalho para preparar a série de programas.

Alguns pormenores serão apenas concretizados depois de prováveis alterações na direcção da televisão espanhola.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA E IMPOSTOS DE LISBOA
1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO
1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa — no dia 28 de Julho de 1986, pelas 10 horas neste Tribunal — R. Braamcamp n.º 5-4.º — Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a TRANSPORTES FIGUEIREDO, LD.ª com sede na Rua Eduardo Coelho, 26-r/c esq. Lisboa, no proc.º executivo n.º 3020/84.

BENS PENHORADOS

Verba única — O direito ao trespasse e arrendamento do 6.º andar — núcleo 4 — do prédio sito no Campo das Cebolas n.º 47 — Lisboa, pelo qual é paga a renda mensal de 2000$00, e o respectivo recheio composto por 4 secretárias metálicas, 5 cadeiras metálicas forradas a napa preta, 1 máquina de calcular eléctrica SILVER REED – 122 PD, n.º 97911571, uma máquina fotocopiadora XEROX 3107 n.º 2201542637, uma máquina de escrever Messa 6000 n.º C 69257458, no valor total de 1 500 000$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 14 de Julho de 1986

O JUIZ DE DIREITO
João Cordeiro Dias
O Escrivão
José Henriques

«DL» — 17/7/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA – 1.º JUÍZO

Arrematação **1.ª Praça**

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 28 de Julho de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal – R. Braancamp, n.º 5-4.º – Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos penhordos a SOREVIM – Revestimentos Interiores, com sede na Av. Conselheiro Barjona de Freitas, 3-A-Lisboa, no proc.º executivo n.º 528/85.

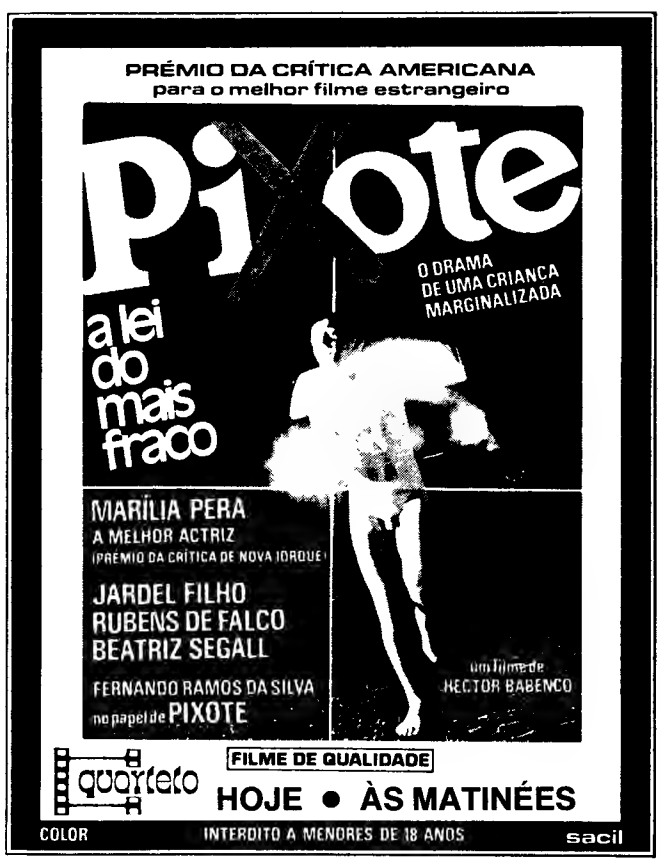
BENS PENHORADOS

– Uma máquina de escrever IBM n.º 0695.0651986.
– Duas secretárias metálicas.
– Três armários metálicos de 2 portas.
– Uma mesa de reuniões castanha c/ 3 cadeiras.
– Duas divisórias em alumínio madeira e vidro.
– Uma máquina de calcular BROTHFOR P 340032-PGD 1200
– Uma máquina de calcular OLIVETTI 2275661-LOGOS-45PD.
Aos bens indicados foi atribuído o valor total de 50 000$00.
São citados quaisquer credores inscritos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 14 de Julho de 1986

O Juiz de Direito,
João Cordeiro Dias
O Escrivão,
José Henriques

"D.L." 17/7/86 – 1.ª Pub.



TEATRO NACIONAL D. MARIA II
e novo Grupo apresentam

ÚLTIMOS DIAS
SÓ ATÉ DIA 27

(Teatro encerra para férias mês de Agosto)

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
DOMINGO ÀS 16

MÃE CORAGEM E OS SEUS FILHOS
de
BERTOLT BRECHT
Encenação: João Lourenço

Com (por ordem de entrada em cena): Carlos Daniel – Orlando Costa – Mário Pereira – Eunice Muñoz – Irene Cruz – Francisco Pestana – Jorge Gonçalves – Rui de Carvalho – Carlos Fonseca – Rogério Paulo – Ruy de Matos – São José Lapa – Artur Mendonça – Carlos Costa – João de Carvalho – Igor Sampaio – Barroso Lopes – Carlos Duarte – Manuel Cavaco – António Banha – Madalena Braga – António Anjos – Catarina Avelar – Nuno Franco

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA – TEL. 32 22 10

MARGUERITE YOURCENAR
A primeira mulher a entrar na Academia Francesa de Letras (4)

Yourcenar é um anagrama do nome de família Crayencourt, que ela e o pai descobriram enquanto faziam jogos de letras e ela quis conservá-lo desde muito novo, pois não se sentiria bem com outro.

Marguerite tinha dezasseis anos quando escreveu e editou o seu primeiro livro, «Le Jardin des Chimères», um pequeno poema sobre Ícaro, «muito ambicioso, muito longo e muito maçador», segundo a crítica e da qual ela não discorda. O pai, generosamente, gastara três mil francos da época para o publicar, por conta do autor, evidentemente. Nesse livro, Ícaro era visto não como o precursor da aviação, mas sim como símbolo da ascenção do absoluto. O nome da escritora surgiu nessa altura. Yourcenar é um anagrama do nome de família Crayencourt, que ela e o pai descobriram depois de uma noite divertida, fazendo jogos com as letras. Foi o primeiro nome e ela quis conservá-lo, pois não se sentiria bem com outro. Além disso, o nome agrada-lhe porque não pertence a qualquer época ou a qualquer classe: «Era um nome de rainha, agora é um nome de camponesa». Este exemplo é bem significativo da sua rejeição a qualquer preconceito de classe. Apesar da sua riqueza, da educação, de certo modo burguesa e das suas origens aristocráticas, Marquerite não tem qualquer sentimento dessa natureza. Para sua convivência, pode dizer-se que escolheu os equivalentes contemporâneos daquelas pessoas que a cercavam no Mont-Noir. Ela não faz a menor distinção entre um pedreiro, um varredor de ruas, os seus vizinhos, os jardineiros ou o Presidente da República. O que vale para ela, é a simpatia humana e não o nível cultural ou social das pessoas. Se faz alguma distinção, é no sentido inverso da maior parte das pessoas: pode dizer-se que prefere as pessoas erroneamente consideradas simples.

Mas voltemos ao tempo da sua adolescência e percorramos, através dos olhos azuis de Marguerite, os caminhos que confirmariam a sua paixão por Adriano, cuja semente já começava a germinar na sua imaginação.

Aos dezasseis anos estava diante das ruínas romanas da Provença, das arenas de Frejus, Arles, Alycamps. Aos dezoito veria a Itália e a vila Adriana. Estes caminhos deveriam estar determinados de alguma forma, por uma espécie de velho conhecimento ancestral da Antiguidade, ou por uma tradição humanista. Por pouco não foi para a Índia. O seu Ícaro, com pretensões ao absoluto, tinha agradado a um grande escritor hindu, que a convidou para visitar a sua Universidade, na Índia.

Assim, desde os vinte anos, existiam os projectos de «Adriano» e de «A Obra em Negro», esta sob o título de «Remous». Algumas versões de «Adriano» aproximaram-se do romance histórico, outras, de um diálogo ao estilo de Gobineau. «Iniciado em 1924 e concluído nerca de vinte e sete anos depois, em 1951, «Adriano» teve diversos manuscritos destruídos ou desaparecidos, outros, interrompidos para pesquisas mais profundas e outros ainda, abandonados no meio de crises de desânimo, diante da magnitude da obra», conta um seu crítico.

Artesanato: uma actividade principal nos Açores

Trezentos habitantes dos Açores têm o artesanato como actividade principal, trabalhando, sobretudo, em tecelagem, olaria e osso de baleia.

Esta informação foi fornecida pelas secretarias regionais do Comércio e Indústria, e Educação e Cultura, entidades responsáveis nas ilhas pela atribuição do cartão de artesão.

Segundo estes dois departamentos do executivo açoriano, o artesanato tende a crescer localmente, assumindo-se já como uma importante fonte de rendimentos.

Nas três feiras de artesanato realizadas o ano passado em Ponta Delgada, Angra do Heróismo e Horta foram facturados 15 000 contos, cifra considerada expressiva pelas autoridades regionais, dada a dimensão insular.

Além de se vender em feiras anuais, o artesanato açoriano é comercializado em estabelecimentos e nas oficinas dos próprios artífices, não sendo fácil contabilizar o rendimento global da actividade.

Fomentar a produção de artesanato nas ilhas é um dos objectivos do Governo Regional, mas o executivo pretende que o aumento da produção não signifique «massificação».

António Maria Mendes, secretário regional da Educação e Cultura, sustenta que «o artesanato é uma forma de expressão que evolui, mas a sua massificação e produção em série devem ser evitadas».

Para o executivo açoriano, a actividade dos artífices na região «não deve perder a perspectiva cultural», embora nesta área haja possibilidade de criação de novos postos de trabalho.

Uma das formas com que o Governo pretende concretizar os seus objectivos nesta área é a da promoção de cursos, estando previstas para este ano acções de formação em olaria e tecelagem.

A produção do artesanato dos Açores, que é regulamentada por lei regional de 1982, destina-se principalmente ao mercado exterior.

Embora a exportação directa não represente somas elevadas, a compra de objectos de artífices da região por turistas e emigrantes de visita às ilhas faz com que o exterior seja o mais importante destino do produto dos artífices ilhéus.

O artesanato açoriano é bastante variado, integrando trabalhos em vimes, miolo de figueira, bordados, tecelagem, osso de baleia, marfim e olaria, entre outros.

Quase todas as ilhas têm uma produção artesanal específica ainda que utilizando materiais semelhantes.

Memorial Chaliapine abre em Moscovo

Um memorial dedicado ao cantor russo Chaliapine (1873-1938) vai abrir brevemente na capital soviética. O monumento recorda aquele que foi um dos maiores intérpretes do canto lírico de todos os tempos cuja actividade, iniciada no Teatro Mariinski de São Petersburgo (actual Teatro Kirov de Leninegrado), representou uma importante etapa no desenvolvimento da ópera mundial.

Fiodor Chaliapine tornou-se conhecido em toda a Europa depois de se ter exibido durante as célebres «Temporadas Russas», promovidas em Paris nos anos 10 e 20 por Diaguilev. Grande divulgador da ópera e da música do seu país em todo o mundo, revelou-se também um notável intérprete das obras de autores franceses, nomeadamente de Gounod e Messenet. «A Elegia», deste último compositor, foi considerada uma das suas maiores interpretações.

Chaliapine, condecorado com a «Legião de Honra» da França, fixou-se em Paris, a partir de 1925, com a família. A sua casa era frequentada por grandes figuras da cultura russa como Korovine, Bunine, Rakhmaninov e Stanislavski.

Atingido por uma doença incurável, Fiodor Chaliapine morreu em Paris em 1938. Em 1984 os seus restos mortais foram transladados do cemitério de Batignoles para o de Novodevitchi, em Moscovo, conforme vontade expressa pelo cantor.

(NOVOSTI)

Jovens portugueses participam no Encontro de Teatro Europeu

De 13 a 26 de Julho estarão na Dinamarca dez crianças portugueses, dos 11 aos 14 anos, em representação de Portugal no 3.º Encontro Europeu de Teatro Jovem.

Este Encontro é organizado por diversas entidades culturais dinamarquesas, sob os auspícios do Conselho da Europa, e nele participam crianças de quinze países europeus.

A presença da delegação portuguesa, organizada pela APTA (Associação Portuguesa do Teatro de Amadores), foi possível graças ao apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, Governo Civil de Santarém, Câmara Municipal de Sintra e TAP — Air Portugal. Os jovens portugueses participantes pertencem aos grupos de teatro «Teatrinho» de Santarém «Leal da Câmara» da Rinchoa e «Infantil de Rio de Mouro».

ROTEIRO CULTURAL

O guitarrista Tommy Halferty actua esta semana no Hot Club de Portugal

Música

• Durante esta semana, se gosta de jazz, aproveite para ir até ao **Hot Clube de Portugal**, na Praça da Alegria. Com um programa dividido em duas partes, aquele espaço apresenta, pelas 22.30 horas, Tommy Halferty e amigos. Mais tarde, pelas 0.30 horas, o guitarrista actua com o seu trio, do qual fazem também parte David Gausden (contrabaixo) e Luigi Waites (bateria). Entretanto, a Orquestra do Hot Clube de Portugal está a acompanhar a Companhia de Dança de Lisboa, nos espectáculos nos Jardins da Gulbenkian. Da Orquestra fazem parte os melhores músicos de jazz portugueses além de, precisamente, Luigi Waites.

• **«Homenagem a Emílio Pujol»**, pelo guitarrista Alberto Ponce, é o espectáculo que pode ver esta noite, a partir das 21.30 horas, no Teatro Gil Vicente, em Cascais. O concerto integra-se no «XII Festival de Música da Costa do Estoril».

• **Manuel Freire** actua amanhã, pelas 22 horas, no café-concerto «os Infantes», em Beja, por ocasião do seu 3.º aniversário. Paralelamente, **Ana Paula Guedes Lebre** inaugura, no mesmo espaço e à mesma hora, a sua exposição de pintura, que ficará patente ao público até 8 de Agosto.

Exposições

• A exposição de pintura de **Maria do Carmo Figueiredo** é inaugurada hoje, no Palácio das Galveias. A mostra fica patente até ao fim do mês, das 9 às 12h e das 13.30 às 19 horas.

• A exposição de pintura e desenho de **Fernanda Birrento** continua patente no bar-restaurante «O Camarim» (R. Heliodoro Salgado, 47-A, em Lisboa) até ao fim do mês. No catálgo, Eurico Gonçalves escreveu, em relação a esta mostra: «répteis, moluscos tentaculares, felinos, animais fabulosos, ondulantes e alados. Animais ambíguos, gordos e viscosos, repelentes e sedutores, que circundam o espaço, enlaçados em corpos de mulheres, lascivos e sensuais, desenhados com leveza e minúcia, a traço finíssimo de caneta de tinta-da-china, suavemente coloridos a aguarela». Fernanda Birrento nasceu em Samora Correia, em 1946. Trabalhou em animação cultural, investigação a recolha de artesanato. Pinta temas de mitologia popular e expõe desde 1981.

Teatro

• A «III Festa de Teatro de Almada» prossegue esta noitecom dois espectáculos: pelas 21 horas, Joaquim Pessoa lê **poesia** no palco da Esplanda. Às 21.45 horas, no Pátio do Prior do Crato, o grupo «Borda D'Agua», da Charnusca, interpreta a peça **«A Ilha dos Escravos»**, de Marivaux, numa encenação de Joaquim Benite.

• Por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa o **«Grupo de Teatro das Quatro Estações»** leva à cena, com entrada gratuita, nas Ruínas do Carmo, às 21.30 horas, a peça «Retábulo da Peste» de Ingmar Bergman. Com encenação de Andrzej Kowalski e um elenco de treze pessoas, «Retábulo da Peste» tem a duração de 70 minutos e a sua apresentação pelo «Teatro das Quatro Estações», nas Ruínas do Convento do Carmo, corresponde ao objectivo do grupo em ocupar espaços diferentes daqueles onde habitualmente o teatro acontece, espaços que cristalizem as suas próprias capacidades de serem espectaculares.

Uma cena do filme «Nova Iorque fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização/Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa 2

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
13.30, 16.15, 18.45, 21.30 e 00.15 h

Alfa Club
T. 763319

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

PLENTY – UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

VIVER EM MORRER EM LOS ANGELES
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Ávila
— T. 539930

007 — ORDEM PARA MATAR
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

VIVENDO E AMANDO
(porno)
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358

A FILHA SEXY DO SENADOR
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A FRONTEIRA
(int. a men. 13 anos)
24.00 h

Cinebolso

SEXO AO VIVO
(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194

O TIGRE ATACA DE NOVO
(int. men. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

ENCERRADO PARA FÉRIAS

Cine 222
— T. 579460

ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(não acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
REVOLVER
(maiores 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Amália

TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

VAMPIROS EM FÚRIA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.15 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

APOCALIPSE NOW
(não acons. men. 18 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h
O REI DA COMÉDIA
(maiores 6 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

O VIGILANTE
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1

CÓDIGO DE SILÊNCIO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037

O LUGAR DO MORTO
(maiores 12 anos)
16.00, 19.00 e 21.30 h

Gemini
— T. 734009

CONAN — O DESTRUIDOR
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

A EXPERIÊNCIA DE FILADÉLFIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30, e 24 h

Império
— T. 555134

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

ABSOLUTE BEGINNERS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

ABSOLUTE BEGINNERS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

OS DEZ MANDAMENTOS
(m. 13 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362

O ROMANCE DE MARTHY
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

ORCA — A FÚRIA DOS MARES
(int. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309

TAXI GIRLS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

POLÍCIAS E LADRÕES
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
O EXORCISTA II
24.00 h

Politeama
T. 326305

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

AS BICICLETAS SÃO PARA O VERÃO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
1900 (2.ª parte)
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

«PSICO»
(maiores 17 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O ÚLTIMO FOLEGO
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 3

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h
VERÃO INDIANO
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 4

PIXOTE A LEI DO MAIS FRACO
(int. a men 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
O FANTASMA DO PARAÍSO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Restelo
T. 610375

ENCERRADO

Cinema Rex

CONSTANCE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma
T. 889192

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

HERCULES E O MONSTRO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3

OS DIAMANTES SÃO ETERNOS
(n/ acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

GENTE GIRA N.º 2
(maiores 6 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480

A EXPERIÊNCIA DE FILADELFIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

O PREÇO DO PECADO
(n. acons. men. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «O regresso da selva», às 21.30 h (maiores 16 anos)
AMADORA — Cinestúdio – «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Rosa Purpura do Cairo», às 15 e 21.30 h (todos)
Babilónia, «Os implacáveis extreminadores», às 15.15, 18.30 e 21.30 h
MEM MARTINS — Cineteatro Chaby — Descanso
Estúdio Dois Eme — «O justiceiro de Nova Iorque», às 21.30 h (maiores 16 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — «Loucas Aventuras de Amor e Sexo», às 17.00 e 21.15 (m. 16 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Pela noite dentro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Era uma vez na América», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 6 anos)
Sala 2 — «O casamento de Maria Beaun», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 16 anos)
CASCAIS – Miramar/Sala 1 — «África Minha», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «A última reportagem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS – Atlântida Cine — «Daryl», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Oxford — «Juventude inquieta», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «O fio da navalha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
ALMADA — Academia — «África minha», às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos)
ALMADA — Cinestúdio Almada — «África minha», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 6 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano – Sala 1 – «O Ano do Dragão», às 15.45 e 21.30 h (maiores de 12 anos).
Sala 2 – «Gremlins, pequeno monstro», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CRUZ DE PAU – LORD – «Loucas aventuras de amor e sexo», às 16.00 e 21.00 h (maiores 16 anos)
BARREIRO – Cinestúdio Barreirense – «O justiceiro de Noca Iorque», às 15.00 e 21.15 h (m. 16 anos)
LINDA-A-VELHA – CINE-TROPICAL — «Gente gira n.º 2», às 16.00 e 21.30 h (n. acons. men. 13 anos)
MOSCAVIDE – STOP – «Tentações sexuais», às 15.30 e 21.30 h (int. 18 anos)
ODIVELAS – Cineodivel — «O Sol aos quadradinhos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Cineoceano – «Rocky IV», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
TRAFARIA – PAVILHÃO JARDIM — «Ashanti», às 16 e 21.30 h (n. acons. a men. 13 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — BAIRRO AMÉRICA: Costa Ferreira, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448); **BAIXA: Durão**, R. Garrett, 92 (T. 324166); **CAMPO DE OURIQUE: Condestável**, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 666206); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **ESTEFÂNIA: Morgado Lourenço**, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808); **ESTRELA: Martins**, C. da Estrela, 165-167 (T. 660823); **JOÃO XXI: Onilda**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **MARQUÊS DE POMBAL -PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **SANTO AMARO: Correia Azevedo**, R. Luís de Camões, 42-B (T. 67[illegible]25); **ODIVELAS: Catela Ta[illegible]s**, R. Prof. Dr. Augusto Ab[illegible]pes, 29-A (T. 9815446); [illegible]**NHA: Pontinha**, E. de S[illegible]i, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — AJUDA: Lídia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); **ALVALADE: Cartaxo**, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS: Valle**, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA -IGREJA: Marques**, E. de Benfica, 648 (T. 700096); **CAMPOLIDE: Pátria**, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); **HOSPITAL DE SÃO JOSÉ - DESTERRO: Silmar**, R. de São Lázaro, 128 (T. 542829); **INFANTE SANTO - PAMPULHA; Infante Santo**, R. do Olival, 290 (T. 661003); **PALÁCIO DE SÃO BENTO: Micael**, R. de São Bento, 380-382 (T. 662162); **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha**, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia**, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **BRANDOA-AMADORA: Brito**, R. do Colégio, lote 32 (T. 993351); **BURACA -AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Cristo Rei, Av. de Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, R. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão:**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Piçarra**, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José J. Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Bocageana**, R. do Romeu (T. 23425). Permanente; **Oliveira**, Vale das Cerejeiras, lote 11 (T. 31567). Permanente; **Louro**, R. Frei António das Chagas (T. 24491). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Alemida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco, (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, R. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Permanente; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 4932485). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ: Pereira Dias**, Monte Abraão (T. 4375566). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Guerra Rico**, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS; Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 926006). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

Porto

DE DIA E TODA A NOITE — VITÍLIA, P. da Liberdade, 34; **CONFIANÇA**, R. de Santa Catarina, 960; **NÁU VITÓRIA**, R. de Náu Vitória, 723, ao Semide; **MENEZES DE LIMA**, P. Dr. Teotónio Pereira, 227; **COSTA LIMA**, Av. da Boavista, 855.

TEATROS

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 372246 **Sala Garrett**

De 3.ª a sáb. às 21.30; dom. às 16.00

«**MÃE CORAGEM E OS SEUS FILHOS**», de Bertold Brecht. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Encenação de João Lourenço. Interpretado por: Eunice Muñoz, Irene Cruz, Rui de Carvalho, Rogésio Paulo, Francisco Pestana, São José Lapa, Carlos Daniel, entre outros.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 (Tel. 686300)
De 3.ª a sáb., às 21.30. Sáb. dom. às 16.00

«CLAMITY JANE» uma mulher de armas ou o Monólogo da Vaqueira. Dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretada por Maria do Céu Guerra.

Teatro Oficina

R. S. Mamede (ao Caldas), 19
Sexta, sábado, doming. e seg., às 21.30

«COMANDO PARA A MORTE» de Alfonso Sastre, com prólogo de Fernando Dacosta. Encenação de João Barros.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00

«AVAREZA, LUXURIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados e domingos, às 16.30

A RUA DOS FANTASMAS, de Javier Villafañe. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkvn. Intérpretes: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Bettencourt (Tel. 734309)
Sábado e de segunda a quinta às 21.30
Domingos às 15.00

«**O FIM**» de António Patrício. Encenação de Jorge Listopad. Cen/Fig. de Nuno Carinhas. Música de Paulo Brandão. Intérpretes: Carmen Dolores, Carlos Wallenstein, Filipe Ferrer, Isabel Alarcão, José Wallenstein, Luís Silva, Maria Amélia e Ricardo Rosa.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 16.00

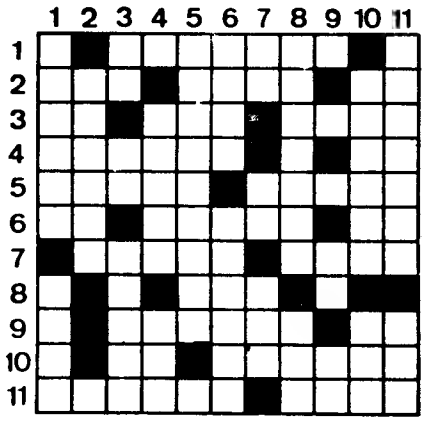
«**VOLPONE**», de Ben Jonson. Pelo Novo Grupo. Direcção e encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 776

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Pena.
2 Pátria. Gorgulho tropical. Aqui.
3 Quarto. Olá. Artérias.
4 Desafrontas. Vossa alteza.
5 Igualmente. Combinar.
6 Lantânio (s.q). Rio da Rússia. Vê.
7 Espécie de forragem (Bras). Sadios.
8 Ilha e porto do distrito de Goa, na Índia.
9 Ver com antecipação. Ouro (s.q).
10 Alternativa. Árvores de flores rosáceas que aparecem antes das folhas, na Primavera.
11 Seduzes. Freguesia do concelho de Arouca.



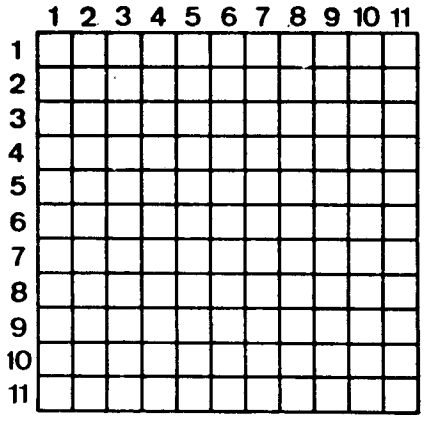
VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia. Caminha.
2 Prevenir.
3 Crómio (s.q). Nosso Senhor. Pof em cima.
4 Figura formada por dois arcos que se cortam na parte superior. Artéria.
5 Freguesia do concelho de Vieira do Minho.
6 Freguesia do concelho de Armamar. Nódoas.
7 Distar. Prata (s.q). Vadiagem.
8 Mamíferos antropomorfos. Título honorífico na Índia.
9 Prefixo que designa afastamento. Distar.
10 Cancro sifilítico. Rio da Suíça.
11 Ligares pelo casamento. Costume.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

HORIZONTAIS: NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 614

1 Moeda de cinco reis (ant). Na Índia, negociante de cereais, tendeiro.
2 Líquido gorduroso. Que se consorciou.
3 Cunho. Hindú, geralmente da casta dos sudras, que vive isolado da família e se entrega a penitências.
4 Duas vogais desiguais. Lusitana.
5 Praia. Dádiva.
6 Emprega. Palmatoada.
7 Crómio (s.q). Tamanco. Raer.
8 Donzela de Orleães. Cidade da Turquia no delta do rio Mariza.
9 Filtrarei. Imposto de transmissão.
10 O que ajuda à missa e auxilia o sacerdote nos ofícios divinos.
11 Estima. Gorgulho tropical. Abreviatura de Santíssimo.



VERTICAIS:

1 Reprovação em exame (Bras. gir). Nome de uma ave de São Tomé.
2 Pronome pessoal. Freguesia do concelho de Arouca (Aveiro).
3 Que são do ar. Vivenda.
4 Tangeras. Batráquio.
5 Romancista português autor de «Os Maias».
6 Soldado armado de lança.
7 Cidade da Pérsia, porto no mar Cáspio. Em o (inv). Caminhar.
8 Pegas. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais.
9 Trabalhador de enxada. Item.
10 Nome de mulher. Untuosas.
11 O lado do vento. Afecto. Preposição e artigo (pl).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 775

HORIZONTAIS:

1 O. Juá. TEMPO.
2 Taís. Carear.
3 Alba. In. RDA.
4 Riam. Agitar.
5 Cremona.
6 Oc. Pá. Lg.
7 Riam. Fá.
8 Tangará. Co.
9 Uva. Rei. Rum.
10 Dachau. Odra.
11 Orou. Som. Ar.

VERTICAIS:

1 Otário. TUDO.
2 Ali. Cravar.
3 Jibão. Inaco.
4 Usam. Pag. Hu.
5 Câmara.
6 Ciar. Réus.
7 Tânger. Aí.
8 Er. Im. Om.
9 Mértola. Rd.
10 Padang. CURA.
11 Orara. Tomar.

PROVÉRBIO: O tempo tudo cura.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 613

HORIZONTAIS:

1 Zarelha. Zea.
2 Ural. Ateu.
3 Remoera. Lar.
4 Caã. Casca.
5 Ad. Ocaram.
6 Atar. At. Ba.
7 Olearas.
8 Odeia. Ena.
9 Dá. Amaria.
10 Empar. Osa.
11 Aio. Sus! Uma.

VERTICAIS:

1 Zurca. Côdea.
2 Areada. Dami.
3 Rama. Toe. Pó.
4 Elo. Dalila.
5 EC. Rea. Rs.
6 Harão.
7 Atascaremos.
8 Catanas.
9 Zular. Sarau.
10 Ab.
11 Arremangara.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Selecção da ópera «Palhaços», de Leoncavallo; **17.00**: Integrais; **17.33**: Sonatas, para instrumentos diversos; **18.00**: Concerto, em fá maior, de Telemann; **18.40**: Os grandes intérpretes; **20.40**: Música de câmara; **21.30**: A ópera «Zaide», de Mozart; **23.15**: Música sinfónica; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **17.00**: A feira mágica; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MYz)

15.00: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Diário do desporto; **22.30**: Clube dos coleccionadores; **23.30**: A vez e a voz; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.30**: Diversos.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

TELEVISÃO

RTP/1

15.00 — Desenhos animados
«Corridas Loucas»

15.30 — Inventário Musical
(2.º programa) «Bonecos de Santo Aleixo — II»

16.00 — Retalhos da Vida de um Médico
(2.º episódio) — um começo de vida
ALDEIA (1930)
O dr. Passos vivia os dias cinzentos da sua velhice, esperando a morte na quinta de uma das filhas. Recusava os medicamentos que Pedro lhe propunha, mas apreciava muito a conversa, desfiando um sem número de recordações.

16.55 — Basquetebol — Campeonato do Mundo (finais)
Transmissão directa via Eurovisão

18.25 — Desenhos Animados

18.45 — País, País

19.15 — XXVII Festival Internacional de Folclore de Santarém
(3.º programa): participação de grupos da Checoslováquia, Glória do Ribatejo e de Espanha (Canárias).

19.55 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo
(93.º episódio):
Raul, Teresa e Rogério são os réus do processo. Lúcia visita Amauri e aproveita para conversar com Virgínia sobre Rafael e Bia. Um almoço, combinado para mais tarde, fornecer-lhe-á outras informações.
Lúcia pede a Amauri que a leve ao restaurante onde Cláudio e Sónia se vão encontrar para poder confirmar o namoro dos jovens.
Eloá pede a Cláudio que se encontre com ela pois quer trocar com ele algumas impressões sobre a fazenda Santa Cecília.
Sónia é convidada por um cliente para almoçar.
O juiz pede que se restabeleça a ordem no tribunal para proferir a sentença do julgamento.

21.30 — Europa

22.00 — Hill Street
(5.º episódio):
La Rue fica perplexo ao tomar conhecimento de que uma mulher atraente o indica como envolvido no assassínio do marido.
Washington, por sua vez, apresenta o seu pedido de demissão, quando um colega ainda novato a quem ele encorajara é afastado do serviço.
Intérpretes: Daniel J. Travanti, Veronica Hammel, Charles Haid, Kiel Martin, Taurean Blacque.
Realização: Rick Wallace

22.55 — 24 Horas

23.25 — Volta a França em Bicicleta

RTP 2

16.30 — Indicativo do «Europa TV»
O tempo

O tenor Luís Madureira e o pianista Nuno Vieira de Almeida preenchem o «Encontros» da RTP-2

Durante a tarde, na RTP-1, é exibido o 2.º episódio da série portuguesa «Retalhos da Vida de um Médico»

16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos
«Tic-Tac» e «O Mundo Maravilhoso de Gigi»

17.05 — Count Down

17.50 — Documentário
«O Mar»

18.20 — O Mundo Amanhã

18.30 — Euro-repórter Especial

19.00 — Musical
«Ópera: «Il Tabarro»

20.00 — Notícias

20.05 — Caminhos do Eterno
O dr. Álvaro Manuel vai hoje falar sobre o Museu de Arte Sacra de Braga.

20.30 — Amor e Compaixão
(Último episódio)

21.25 — Notícias

21.30 — Encontros Com...
«Luís Madureira (tenor) e Nuno Vieira de Almeida (piano)»

22.15 — Últimas Notícias

22.20 — Vereda Tropical
(64.º e 65.º episódios)

Amanhã

RTP/1

11.00 — Sumário
11.07 — Documentário
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Vereda Tropical
13.15 — Jornal da Tarde
15.00 — Desenhos Animados
15.35 — Espaço Visual
16.00 — Entre Marido e Mulher
16.30 — O Mar e a Terra
16.35 — Ontem Viu?
17.30 — Se Bem me Lembro
18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Recriar o Espaço
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.40 — Corpo a Corpo
21.30 — Alô, Alô!
22.00 — Mátria
23.05 — 24 Horas
23.30 — Volta a França em Bicicleta

RTP 2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — Basquetebol
21.30 — Notícias
21.35 — Adágio
22.00 — Museu do Cinema
22.25 — Últimas Notícias
22.30 — Vereda Tropical.

AOS PAIS

"Transporte sempre as crianças no banco de trás"

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

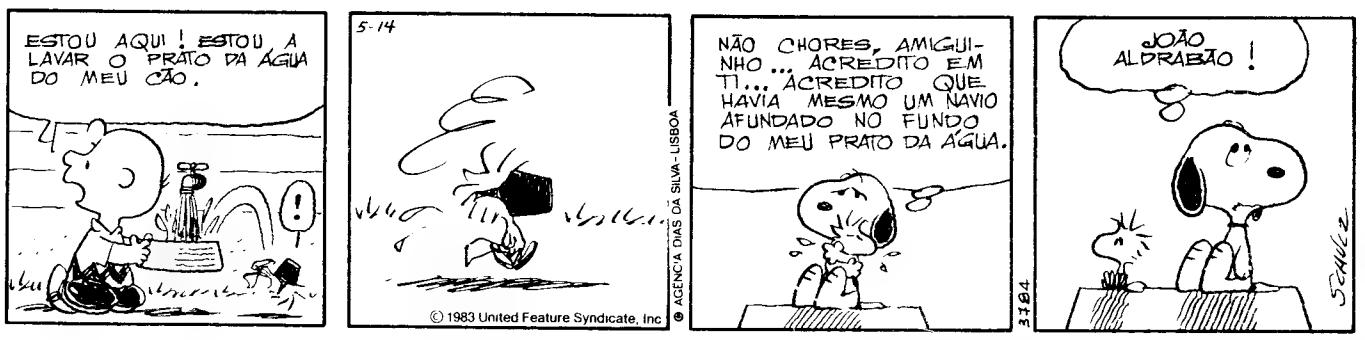
RTP/1
22.00 — Hill Street

RTP 2
22.20 — Vereda Tropical

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

Corpo a Corpo

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso
Director A. Ruella Ramos
Propriedade: Fernando Pereira Santos



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
11.08 **3,50 m**	04.33 **1,40 m**
23.42 **3,50 m**	17.08 **1,40 m**
Dia 18	
	05.39 **1,30 m**
12.18 **3,60 m**	18.14 **1,20 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

BRAGANÇA	17.º
VIANA DO CASTELO	14º
VILA REAL	19º
PORTO	15º
COIMBRA	16º
CABO CARVOEIRO	17º
CASTELO BRANCO	24º
PORTALEGRE	28º
LISBOA	20º
ÉVORA	23º
BEJA	19º
FARO	21º
SAGRES	18º
PONTA DELGADA	21º
FUNCHAL	20º

PREVISÃO DO TEMPO PARA HOJE

Continuação do tempo quente com céu pouco nublado. Vento fraco soprando moderado de noroeste na litoral oeste, durante a tarde.

Penas dos 12 réus terão sido comutadas

Continuação da pág 1

Em contacto esta manhã com Bissau não nos foi possível, contudo, confirmar a notícia divulgada pela NP. As fontes por nós contactadas foram unânimes em afirmar que se espera uma comunicação do Conselho às 13 horas locais (14 de Lisboa). No entanto, divergiram qunnto à reunião do Conselho de Estado: da Procuradoria-Geral da República e da Assembleia Nacional Popular informa - ram-nos que decorre ainda , enquanto do jornal Nô Pintcha nos disseram que esta terminara ontem. Este último infor - mador acrescentou que Vasco Cabral, secretário do Conselho de Estado e ministro da Justiça, estaria a redigir o co - municado que será lido na rádio às 13 horas.

O Conselho de Estado da Guiné- Bissau , a que preside Nino Vieira, esteve a analisar , nos dois últimos dias, os processos con denatórios dos implicados na tentativa de golpe,e, também, os numerosos pedidos de clemência provenientes de vários quadrantes.Entre os ape los de clemência contaram-se os do Presidente da República, Mário Soares, do primeiro-ministro, Cavaco Silva, do li - der do PS, Vitor Constâncio,e de numerosas per so - nalidades da vida nacional.

Segundo a NP, que cita fontes oficiosas em Bis - sau, os advogados de defesa entregaram ao Con selho de Estado os pedidos dos 12 réus con denados à morte para a concessão de graça das suas pe nas. As mesmas fontes reafirmaram que um co munica - do sobre o assunto deverá ser ainda hoje emitido.

Entre os condenados à morte, figuram dois membros do Conselho de Estado: Pau lo Cor - reua,ex-número dois do regime de Nino Vieira, e Beate N´Batcha.

Comunistas acusaram RTP de discriminação

O Conselho de Comunicação Social (CCS) recomendou, na sua última reunião, que a RTP, «ao recolher imagens» dos trabalhos parlamentares, deve fazê-lo sem «discriminar nenhuma das diversas bancadas parlamentares». Nesse sentido, «deve aRTP aproveitar as possibilidades de coocação de câmaras de filmar que os serviços da Assembleia da república lhe asseguram ou podem assegurar».

O Conselho de Comunicação Social assinala que tomou esta posição depois de ter sido apresentada uma queixa do Grupo Parlamentar do PCP «contra a forma como a RTP tem vindo a recolher imagens televisivas dos trabalhos parlamentares na Assembleia da república, que considera assumir carácter discriminatório no tratamento das diversas bancadas parlamentares».

O CCS frisa que a sua recomendação «foi aprovada por unanimidade

D/E/C/A/R/A/S/

GARCIA LORCA, o grande espanhol cuja obra foi interrompida pela tragédia da sua morte na fúria odienta da guerra civil, vai ser recordado em Lisboa, na Biblioteca Nacional, numa exposição, que tem o patrocínio do Ministério da Educação e da Cultura e da Secretaria de Estado da Cultura, amanhã, 18 de Julho, pelas 17 horas. A exposição «A Guerra Civil de Espanha e a Morte de Federico Garcia Lorca (19-8--1936)» evoca os trágicos acontecimentos ocorridos há meio século.

CESÁRIO VERDE: um prémio com o nome do poeta foi instituído pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, com o apoio do Instituto Português do Livro, destinado a originais inéditos de poesia em português ou galego. Os trabalhos concorrentes deverão ter um mínimo de 20 páginas e um máximo de 25 e ser remetidos para a associação até 30 de Agosto, sendo o prémio constituído por cem contos em dinheiro, um diploma e 50 exemplares da obra, que será imediatamente editada.

PEREZ DE CUELLAR, secretário-geral da ONU, terminou ontem uma visita de 24 horas a Marrocos, onde foi recebido pelo rei Hassan II. O Sara Ocidental, a situação no Médio Oriente e os problemas financeiros da ONU foram os principais temas abordados durante o encontro.

PETRA KELLY, um dos dirigentes do Partido Pacifista Ecologista Verde da Alemanha Federal, processou a revista norte-americana «Penthouse», pela publicação de uma caricatura sua, no ano passado, pedindo uma indemnização de cerca de 5400 contos, que reverterá para a organização de auxílio às crianças cancerosas que fundou. A caricatura em que Petra posa, «vestida» apenas com revólveres e botas, apareceu num dos calendários da colecção que a revista dedicou a figuras destacadas.

RAÚL ALFONSIN e José Sarney, presidentes da Argentina e do Brasil, vão encontrar-se três vezes, para conversações reservadas, durante os três dias da visita do chefe de Estado brasileiro a Buenos Aires, no fim deste mês. A chegada de Sarney à capital argentina está prevista para a manhã do dia 28, ficando hospedado ho Hotel Plaza.

MICHAEL MANNICHE, que hoje festeja o seu 27.º aniversário em Copenhaga, assegurou ao jornal «A Bola» de que estará em Lisboa, no próximo fim-de-semana, para conversar com o presidente do Benfica, naturalmente, para discutir as condições para continuar a representar o clube lisboeta ou talvez para confirmar o abandono do futebol profissional de acordo com propósitos recentemente formulados. «Quero continuar no Benfica não sei é se o presidente concorda». Esta sua afirmação parece indiciar de que a questão se resumirá a números. Entretanto, os benfiquistas não gostarão de ver sair este futebolista «alto, tosco e louro» dos seus quadros.

Assaltavam à mão armada

Duas quadrilhas desmanteladas pela Judiciária

Com a prisão de sete indivíduos e a identificação de mais quatro, ainda a monte, a Polícia Judiciária de Lisboa através da 12.ª Secção a cargo do Inspector Fernando Gomes acaba de desmantelar duas quadrilhas, que embora distintas actuavam de modo semelhante: assaltos à mão armada em ourivesarias e a ourives na via pública, por vezes com recurso a violências físicas nomeadamente disparos de armas de fogo.

Algumas das vítimas foram abandonadas em perigo de vida e por vezes os rubos atingiram valores de elevada importância.

Segundo a PJ os assaltos eram perpetrados após prévia planificação com base em informações recolhidas nos locais ou recorrendo à cumplicidade de pessoas que conheciam as vítimas.

Até ao momento os investigadores recuperaram seis quilos de ouro, bem como outros artigos rubados e apreenderam oito armas de fogo, sendo seis pistolas de calibre 9mm, 7,65mm e 6.35mm e dois revólveres de calibre 32.

Os quatro assaltantes ainda em liberdade, considerados pela Polícia como perigosos, são todos evadidos de estabelecimentos prisionais onde cumpriam penas por roubo e homicídio e contra os quais se encontram pendentes mandados de captura.

São eles: Carlos José Figueiredo da Silva (O Rio Maior), Virgílio Trindade (o Gil), António Mateus Correia de Pina (o Pina Preto) e José António da Silva Oliveira (o Castanho).

Choque fez cinco feridos

Duas carrinhas, que esta manhã se dirigiam para o Mercado da Ribeira, em Lisboa, chocaram sobre o ponte de Loures, tendo ficado feridos os cinco ocupantes de uma das viaturas, todos membros da mesma família, que deram entrada no Hospital de S. José.

São eles Mário dos Santos Viegas, de 38, e os filhos do casal Carlos Alexandre da Silva Viegas, de 16, Marco Paulo da Silva Viegas, de 17 e Ana Cristina da Silva Viegas, de 16.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI AS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72. TELEX: 12363

N.º 261

Dumézil

Ele lamenta não se ter tornado físico em 1913 mas é o maior especialista de mitologias comparadas do nosso século

Págs. 4 e 5

Malraux

A entrevista que concedeu ao seu tradutor romeno manteve-se inédita durante mais de vinte anos. O LerEscrever publica-a

Págs. 6, 7 e 8

Saga cabo-verdiana nos 50 anos de «Claridade»

EM Março de 1936 apareceu, na cidade do Mndelo, ilha de São Vicente, arquipélago de Cabo Verde, uma revista de cariz cultural chamada **Claridade.** Foram seus fundadores e animadores os poetas e romancistas Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes.

Da **Claridade** saíram, ao longo de vários anos, nove números — mais do que o suficiente para terem fi na história da literatura cabo-verdiana como agrande pedrada no charco, o grande ponto de viragem, um marco fundamental, Manuel Ferreira, romancista, professor e estudioso da literatura cabo-verdiana, diz mesmo que esta se divide «em dois períodos fundamentais: antes e depois de **Claridade».**

Foi, pois, há meio século que **Claridade** apareceu, estando agora esses cinquenta anos a ser comemorados em Cabo Verde e em Portugal.

Naquele país irmão, as comemorações começaram em Março, no Mindelo, e vão prolongar-se até Novembro, mês em que se realizará um simpósio internacional sobre cultura cabo-verdiana, numa iniciativa da Fundação Amílcar Cabral.

Em Portugal, para além de numerosas iniciativas, a que se revestiu até agora de maior significado e impacto foi a edição, recente, de um volume com toda a colecção de **Claridade** fac-similada, antecedida por um estudo de 60 páginas de Manuel Ferreira.

«Sabe» — disse ao 'DL' este escritor — «como as tiragens da revista foram limitadas, ao longo destes cinquente anos, os exemplares foram desaparecendo e desde há muito que **Claridade,** na sua globalidade, de encontra completamente esgotada. Sabe-se apenas da existência de três ou quatro colecções completas espalhadas por esse mundo de Cristo — talvez umas duas aqui em Portugal e outras tantas em Cabo Verde. Ou nem isso...»

Claro: nestas circunstâncias, tanto se falou da e na revista durante este tempo todo — **«quase sempre a partir de textos em segunda mão e não com o conhecimento directo da«Claridade»** — que esta, disse ainda Manuel Ferreira, 'de facto histórico transitou para fenómeno mítico'. Isto é: «a **Claridade,** para generalidade das pessoas não será bem aquilo que ela foi, mas aquilo que a imaginação de gerações sucessivas quis que ela fosse».

Agora, porém, as coisas modificaram-se: o célebre textos cabo-verdiano, a mítica revista na sua globalidade, aí está para quem a quiser ler e estudar, disponível para todas as leituras ou consultas que se quiserem.

Uma sensação de espanto

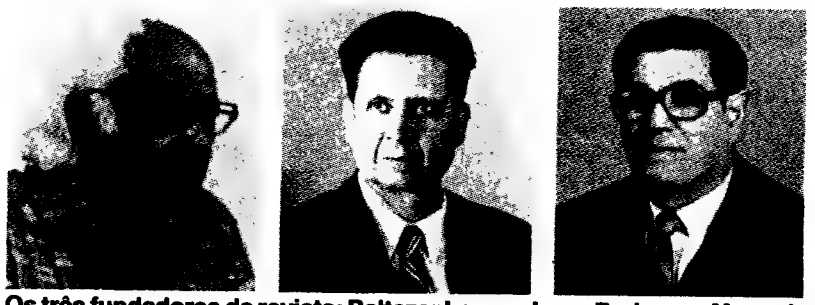
Logo no início do estudo que fez para esta magnífica edição fac-similada de **Claridade,** Manuel Ferreira interroga-se:- «Se atendermos ao momento histórico, ao contexto político, e social; se tivermos presente que Cabo Verde era uma colónia; que eram ilhas isoladas do resto do mundo; que se vivia em regime de censura, sendo vedada a liberdade de expressão; que a sua tradição literária scrita em língua portuguesa acusa uma quase total dependência do texto português — uma sensação de espanto nos percorre ao lermos as páginas da **Claridade.** Como fora possivel nessas paragens isoladas, e em tal época, surgir uma revista moderna, em todos os seus aspectos, vincadamente nacional, capaz de suportar o cotejo com outras publicadas no espaço da língua portuguesa?».

Óbvio: a pergunta, tendo embora forte razão de ser, tem igualmente resposta. É o próprio Manuel Ferreira que levanta o véu:

«De facto, a patir do início da década de 30, e mercê de circunstâncias de natureza política, social, histórica e literária, a que não é alheia a influência da literatura brasileira, há uma tomada de posição de consciência regional (nacional) muito precisa, por parte dso escritores de Cabo Verde, que então decidiram romper com os arqutétipos europeus e orientar a sua actividade criadora para as motivações de autêntica raiz cabo-verdiana. O que passa a ocupá-los é a real significação das estruturas sociais cabo-verdianas.

Ora, é neste contexto que aparece e se explica a **Claridade,** como, de resto, se entende no depoimento de Baltasar Lopes, um dos seus fundadores ainda vivos, feito propositadamente para esta edição fac-similada. Diz o romancista a certa altura:

«A data de publicação do primeiro número de **Claridade,**propriedade do grupo com a mesma designação, é apenas uma efeméride a marcar uma conjuntura que se situava num tecido de preocupações longamente alimentadas pelo grupo. Essas preocupações tinham a sua fonte principal na situação desastrosa, principalmente no domínio político-económico, em que o nosso arquipélago estangnava nos anos da década de 30 (...) Tinhamos de intervir. Mas, na óbvia impossibilidade do emprego de meios de acção directa, que opção nos restava? Também obviamente, seria a imprensa a nossa arma. Todavia, para nós não existia em Cabo Verde imprensa no sentido jornalístico da palavra. Nestes termõs, o caminho possível seria criarmso a imprensa, mediante a fundação de um jornal, que seria o nosso órgão de combate. Opção, porém, impossivel. não me recordo bem se com a invocação justificativa da Carta Orgânica do Império Colonial Português, fomos informados de que teríamos de fazer um depósito prévio de cinquenta mil escudos, quantia avultada, principalmente nos idos de 35/36, que, por isso, estava muito além das possibilidades da nossas bolsas.



Os três fundadores da revista: Baltazar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes

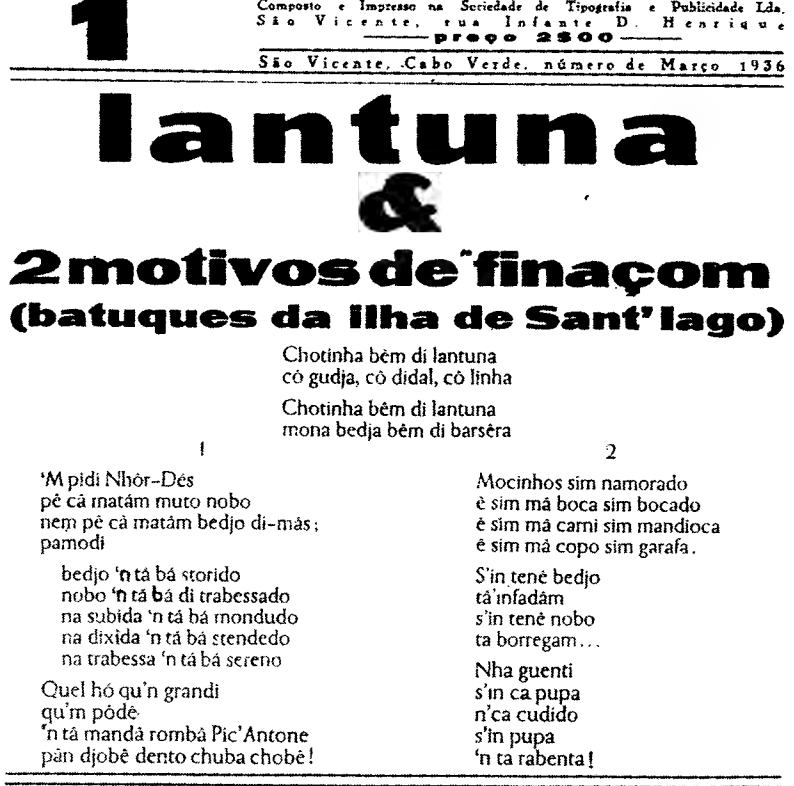
Mas nem por isso resolvemos desistir: travaríamos o combate por um meio que nos fosse permissível, embora de uma eficácia menos directa do que um jornal periódico. Daí o nascimento da revista **Claridade.**

As coisas, no entanto, não foram fáceis nem simples. Muitas foram as vicissitudes — mas como Baltasar Lopes sublinha, não obstante tudo isso, «a revista, como veículo do pensamento do grupo que a laçou, assumiu uma importância e um papel de ordem não apenas literária mas também política, que em várias oprtunidades e por diversos autores foram reconhecidos. Pela militância, expressa ou latente nas suas páginas, a acção da revista, e com ela, do grupo, configura-se bem como um movimento precursor da independência política, na medida em que, como foi notado por vozes estranhas insuspeitas, ela revelou que Cabo Verde possuía uma personalidade autónoma bem caracterizada e diferenciada, que merecia um tratamento e um atendimento específicos».

Por tudo isto se entende a importância que a revista **Claridade** tem — como se compreende igualmente o interesse e empenho que as próprias autoridades cabo-verdianas puseram nas comemorações do seu cinquentenário.

E nessas comemorações, como já aqui se disse, assume especial relevo a edição fac-similada da **Claridade,** agora aparecida em Portugal, numa iniciativa, nunca é demais louvar, da ALAC— África, Literatura, Arte e Cultura, editora dirigida por Manuel Ferreira. Por uma questão de justiça é também de referir que a edição de **Claridade** foi patrocinada pelo Instituto Português do Livro.

Ribeiro Cardoso



Propriedade do Grupo "Claridade"
Director: Manuel Lopes = Administração em S. Vicente, Cabo Verde
Composto e Impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade Lda.
São Vicente, rua Infante D. Henrique
preço 2$00
São Vicente, Cabo Verde, número de Março 1936

1

lantuna

&

2motivos de finaçom

(batuques da Ilha de Sant'Iago)

Chotinha bêm di lantuna
cò gudja, cò didal, cò linha
Chotinha bêm di lantuna
mona bedja bêm di barsêra

1

'M pidi Nhôr-Dés
pê cà matâm muto nobo
nem pê cà matâm bedjo di-más;
pamodi

bedjo 'n tá bá storido
nobo 'n tá bá di trabessado
na subida 'n tá bá mondudo
na dixida 'n tá bá stendedo
na trabessa 'n tá bá sereno

Quel hó qu'n grandi
qu'm pôdê
'n tá mandá rombá Pic'Antone
pàn djobê dento chuba chobê!

2

Mocinhos sim namorado
è sim má boca sim bocado
è sim má carni sim mandioca
è sim má copo sim garafa.

S'in tenè bedjo
tá'infadâm
s'in tenè nobo
ta borregam...

Nha guenti
s'in ca pupa
n'ca cudido
s'in pupa
'n ta rabenta!

CLARIDADE

A capa do primeiro número de «Claridade», datada de S. Vicente, Cabo Verde, Março de 1936

Estante infantil

TÍTULO — O Grande Lagarto da Pedra Azul
AUTOR — Papiniano Carlos
Ilustrador — Henrique Cayate
EDITOR — Editorial Caminho

PAPINIANO CARLOS é autor de uma já apreciável obra no campo da literatura infantil. Outras actividades literárias o solicitavam, mas a sua especial sensibilidade acabou por prendê-lo, em definitivo, à literatura para crianças. Um seu livrinho terá tido grande influência nessa determinação: A MENINA GOTINHA DE ÁGUA, que tanta aceitação obteve.

Surge-nos agora com O GRANDE LAGARTO DA PEDRA AZUL o qual, se no aspecto formal não tem qualquer relação com a GOTINHA DE ÁGUA, mantém o mesmo vínculo de amor à natureza.

Não se trata de uma qualquer espécie de reportagem sobre a vida selvagem, ou sobre as espécies de animais em vias de extinção. Não se trata, nem isso, como de um poeta se esperaria, de um apelo ao amor pelas pedras — que, coitadinhas, também são filhas de Deus.

Estamos em presença de uma representação simbólica. Aquele monólito imenso, condenado a produzir brita para a construção de uma estrada, é a figuração de toda a vida sobre a terra e não de um outro elemento diferenciado. Nele também está representada a própria vida humana.

Para isto, Papiniano Carlos utiliza toda uma panóplia de figuras de violência, de domínio sobre os homens, que vão desde Zeus até Hitler.

O emprego pode parecer um tanto confuso e creio que as crianças vão sentir dificuldades em se situarem neste domínio. Mitologia é coisa que elas há muito não praticam e com respeito a Hitler tudo tem sido feito para que a sua imagem, e tudo o que ela representa, seja banida do horizonte infantil e juvenil.

É aqui que entra em acção o trabalho do educador. Este deverá acompanhar a leitura de modo a torná-la esclarecida naqueles pontos onde não chegue o conhecimento do receptor legítimo. Este livro é um daqueles em que a leitura se enriquecerá na medida em que for uma actividade colectiva.

A edição da CAMINHO fica enriquecida com as ilustrações de Henrique Cayate. Trata-se, além do mais, de uma edição cuidada como um todo, estudada nos mais pequenos pormenores.

Repare-se, por exemplo, na construção de cada página elaborada com elementos gráficos e com a mancha de escrita, de modo a permitir que esta ocupe dimensões apropriadas a uma boa leitura.

Mário Castrim

Tutti!

Pobre Marx

Há mais de três anos, quando do centenário da morte de Karl Marx, publicou o «Diário de Lisboa» uma crónica do seu colaborador J.P. Martins Barata, intitulada «Pobre Marx». Foi a 28 de Março de 1983.

Vicissitudes da vida política e intelectual portuguesa fazem-nos ressuscitar aqui esse texto datado; os leitores verão como é justo o provérbio alemão «uma vez é de menos», «uma vez é nada». Não somos defensores acérrimos do eterno retorno, mas também nos parece injusto o lema «ninguém duas vezes»... em casos especiais.

NO centenário da morte de Marx, numerosas pessoas têm escrito neste jornal e noutros, com saber e erudição indiscutíveis.

Mas neste mesmo centenário, como é curioso ver a quantidade de análises superficiais, abusivas e tendenciosas: é, por assim dizer, a confirmação pela negativa da importância iniludível e permanente do velho patriarca barbudo. Há uma moda, que é uma certa confissão implícita de impotência não isenta de raiva em renegá-lo, mesmo por parte dos que se reclamavam da sua ascendência intelectual.

Eu cá, apenas observo os aspectos laterais desta circunstância, porque não me sinto capaz de ir ao fundo da questão (ah! mas ao menos confesso-o logo à partida!).

E que uma certa pressa leva agora pessoas, grupos e partidos a dizer que «Marx morreu!» com um arzinho do nietzchiano «Deus morreu!». Assunto melindroso, portanto.

Lembro-me de que, há umas duas dezenas de anos, ainda fervilhava grande debate em torno das ideias económicas de Keynes nos meios académicos ocidentais. Um economista, creio que sueco, opositor dessas ideias em teoria, teve um desabafo amargo mas admirável: «Agora, no fundo, somos todos já keynesianos!...»

Ora, observo que me parece espúria a preocupação de alguns em se afirmar livres da herança judeo-cristã, helénica, renascentista, eu sei lá! de tudo. Podem dizê-lo, podem desejá-lo, podem pensá-lo — **mas não o são**. As fortíssimas ideias que inflectem a evolução do pensamento, inflectem-no arrastando todo o mundo intelectual ou não, deixando nas suas franjas só os redíduos das ortodoxias estritas e inadaptadas — das ortodoxias novas, tanto como das que preexistiam.

Privei em certa altura, profissionalmente, com um senhor, importante, legionário, capitão de indústria, que frequentemente me expunha os seus conceitos de economia e de política: «Sabe, dinheiro só se ganha fazendo trabalhar os outros — esse é que é o nosso trabalho!»; «Isto, o capital quer-se a girar. Quanto mais girar mais acumula, e para se formar riqueza é preciso acumular»; «A política, meu caro, é uma treta; é só a economia que é real, percebe? Governa tudo: é a História que o mostra, estude a História, estude a História e veja o que é que fez a História».

«Mesmo a religião, meu amigo, faz falta para ajudar a funcionar bem a sociedade. A padralhada é chata (olhe que eu cá sou muito religioso, ouviu? apesar de dizer isto...), a padralhada é chata mas faz falta». Dizia-se um antimarxista feroz! Não seria possível insinuar-lhe, sem que explodisse, que encontraria as suas ideias expostas com muito mais clareza em certos textos... certos textos que nunca tinha lido, nem leria nunca, «et pour cause»...

Vá lá! compreende-se.

Mas os novos antimarxistas (que nunca admitiriam ignorar a matéria), quantos leram o «Capital»? mas todo, até ao fim? A «Contribuição para a Crítica da Economia Política»? As «Onze Teses Sobre Fueurbach»? Quantos aguentaram sem perturbação a turbulência mental do «Materialismo e Empiriocriticismo»? O «Anti-Dühring»? o maçodo «Plekhanov»?

É que, para quem conhecer o marxismo só através das recensões aos resumos, das críticas às traduções (abreviadas) do «Capital», afirmar que abandonou definitivamente a adesão àquela doutrina não é muito mais significativo do que afirmar que abandonou definitivamente a literatura da Mary Love.

É lícito, mas não é impressionante.

A verdade é outra. É que, parafraseando o tal economista que não gostava de Keynes mas era obrigado a reconhecer que, «de facto», era como todos então, já keynesiano, também se dirá aos que não gostam de Marx e se opõem à sua doutrina:

«Hoje, somos todos já marxistas!»

7 de Março de 1983

J. P. Martins Barata

Conversa afiada

Pontos nos jotas

O próprio de uma conversa fiada o que é afinal?

Ao começar a frase anterior julguei que ela seria uma afirmação. O próprio de uma conversa fiada é — dois pontos: e seguir-se-ia a sua propriedade. Não tinha a frase acabado, surgiu a dúvida: será que sei o que é uma conversa fiada?

Mesmo que o saiba, de que me serve? quando o título da rubrica é «Conversa afiada». Se o próprio de mim, se o que julgaria o próprio de mim para esta rubrica era esse tipo de linguagem à deriva, palavra puxa palavra, palavras cerejas, tal já não pode propriamente ser válido se lhe afio o título. O título. O puxa para um território de precisão, de alvo imediato, preexistente, de berldinda móbil onde visaria este e aquele podre do reino.

Até aqui, este terceiro tiro é de conversa fiada, pólvora seca. Acontece que sei o que pretendo com ele. Só que ele não é tiro, não alveja, não tem na sua mira silhueta alguma. Quer dizer que o seu aparente móbil é o de uma conversa fiada. Só na aparência. Sei o que quero dizer. Não repudio no entanto o encanto do escrever por escrever. Seria desastroso censurar-me o prazer de tal deixar andar, deixar escrever-me. De passagem, aqui deixo anotado o direito de todo o escrito a estruturar-se em texto, a reivindicação do texto em si, sejam quais forem o suporte, o teor, a inserção no espaço a que se destina. Escrever sem rede, mas escrever texto. Não saber exactamente para onde vou, quando começo a escrever, mas ser já caminho o começo, já estar a ir, mesmo se só depois sei para onde. Valorizar o *como* tanto quanto o *quê*.

É este o primeiro texto de «Conversa afiada» escrito com destino a este jornal. Direi dos dois anteriores: foram-lhe predestinados. Nunca acreditei inteiramente (acreditar parcialmente nem é acreditar) que o jornal destino desses textos anteriores os publicasse.

É o móbil deste terceiro tiro explicar que só na aparência o ter dado primazia a outro jornal pode levar a assimilar a publicação neste a um prémio de consolação. Eu não dei a primazia a outro jornal. Apenas considerei estrategicamente mais interessante introduzir um cavalo de Tróia no jornal oficial da cultura lisbonense, inócuo, estagnante, veículo consensual do que o estudo de mercado culturóide decreta como próprio para consumo.

Foi-me necesário colocar estes pontos nos jotas de jornais.

É-me necessário dar conta do que é escrever sem acreditar que o jornal a que se destina o escrito o publique. Saber que ele espera que nos bem comportemos como Júlios Dantas de hoje. Não é de admirar. Não sobrevive abutre tal jornal sobre os Almadas dantes?

No tempo do outro senhor, vivia eu em Paris e para cá enviava palavras que pouco sofreram com a censura. Sofria eu pelas que não enviava. Diria que eram tempos mais claros. Um interdito com fronteiras nítidas permite-nos ao cabo saber até onde se pode meter o pé. Vivo agora numa terra minada.

Recordo uma palavra que no tempo do outro senhor me foi subtraída da frase «A hipocrisia burguesa não é só portuguesa». No jornal saiu: «A hipocrisia não é só portuguesa». Acredito inteiramente que no tempo destes senhores a frase sairia integral. E seria apenas mal-intencionado concluir que o deveria à hipocrisia «democrática» ser ainda maior. É verdade que a hipócrita recuperação da palavra democracia a tornou um sinónimo da palavra burguesia.

A censura tem um index, um código, quase que se poderia dizer: uma hora. É pão pão queijo queijo. Uma terra minada tem humores, favores, interesses inconfessados, arbitratriedades legalmente insancionáveis. A censura oficial é uma ditadura assumida. A censura oficiosa é uma chantagem de onde sai comprometido o indivíduo. Na outra, ele é vítima, resistente. Aqui ele é agente, colaborador. É ele que decide a dose de cobardia assimilável pela ética do seu organismo.

Sem querer, a conversa afiou-se. Não sabia que ao sabor da escrita certas silhuetas viriam a definir-se. Anónimas. Faz parte da hipocrisia da Imprensa; onde é de bom tom fazer crer que apontar é feio, onde se recriam os reflexos condicionados da metáfora e das meias palavras em vigor no tempo do outro senhor.

No Hyde Park Corner — excepto a «fascist queen» — pode-se atacar o que se quiser. Quer dizer que no Hyde Park Corner não se pode atacar o que se quiser. Não há democracia onde há cidadão excepção.

Também a Imprensa pratica excepções privilegiadoras. Na Imprensa — excepto a Imprensa — pode-se atacar o que se quiser.

Como se ao quarto poder não lhe bastasse a subjectivação implícita ao observador, a modelação involuntária ou voluntária da mentalidade pública, institucionalizou mais o imposto de poder acrescentado que a sacraliza intocável. Tal como na Ordem dos Médicos, um corporativismo exacerbado torna invulneráveis os órgãos da Comunicação Social.

A que Polícia nos podemos queixar do abuso de poder da Ppolícia? Onde podemos tornar público o abuso de poder de um jornal? Durante a revolução cultural chinesa floresciam os jornais de parede. É necessária uma Imprensa paralela, sem compromissos.

Terminarei estes pontos nos jotas referindo o único jornal onde não conheci censura (é esse o termo, doa a quem doer). Dói-me falar dele no pretérito. Chamava-se «o ponto». Não tinha jota.

Ramiro S. Osório

O eu nos outros

Saber estar num lugar

SABER estar num lugar: o respeito pelas casas caiadas de branco, o sentir a sombra no movimento da Terra, escutar os nomes alheios como se fossem os primeiros nomes do mundo, atentar num cão que cruza o sol do largo tão quieto... Escutar o imperceptível ruído do tempo, o rumor imaginado de uma erva a crescer, o silêncio do pó pisado de quando em quando. E num ápice, sem se saber porquê, um desejo longínquo de sandálias.

Sandálias — um mapa sugerido pela desigualdade do solo, um itinerário interior a cumprir, uma paisagem nas margens trémulas da memória. Tudo possível — e cercanias logo da Grécia, de Jerusalém, de uma qualquer horta da nossa infância. Será depois um lento caminhar, contando as pedras como quem a si próprio conta os dedos: como todas as paisagens são idênticas!

Voltemos ao largo tão concreto, às casas caiadas de branco, à sombra lentamente em rotação... E os nomes gritados, ou chamados, ou murmurados! Como se fossem os primeiros nomes do mundo — inteiros, não diminuídos por qualquer intimidade, tão definidos como pedras, árvores ou muros. Sílabas que não admitem divisão: objectos inteiros entre pessoas, aquilo que os nomes são. Essências individuais sem se ter a noção de essência. Só depois, só num tempo posterior, é que se irá ponderar sobre a essência dos nomes, sobre a essência das coisas, sobre o concreto de tudo quanto existe. Isso, no entanto, é já impureza, buscar o que não se sabe que se busca, formulações subtis (até que medida...?) da nossa razão. Pois não será...?

Belo é saber estar num lugar: o respeito pelas casas caiadas de branco, o sentir a sombra no movimento da Terra, atentar num cão que cruza o sol do largo tão quieto — e assobiar tão baixinho que as formigas nos ouvem, e nos tomam a sandália, os dedos, o pé. Que paz! Até na aragem se vai de mim a tua imagem...

Pedro Alvim

Lemos para si

Crónicas americanas, Sam Shepard, ed. Difel

A tradução preferiu inscrever este título de Sam Shepard como «Crónicas Americanas» e não «Crónicas de Motel», como decorreria do original «Motel Chronicles». Curiosamente, a opção vem cheia de significado. Lendo-se o livrinho ficamos a saber que o atravessa um forte vector de mobilidade; o motel seria assim a referência de uma condição «passageira», **errante.** Uma característica fundamental na imagem que temos da América e foi ela que o tradutor português, no seu manejo do nome da obra, privilegiou, de certo modo conduzindo mesmo a leitura. É uma perspectiva bem possível: a América como um imenso motel de paragem efémera.

Entre nós a dramaturgia de Shepard é infelizmente mal conhecida. Mas uma sugestão de estilo ficou implícita nos que viram o já paradigmático «Paris Texas» de Wim Venders — um determinado ritmo, uma ambiência, uma vivencialidade específicas e que não eram imediata marca do realizador alemão fascinado pelas matérias americanas. O argumento do filme era caracteristicamente shepardiano. «Crónicas Americanas» continua o que lá estava de **essencial** — um registo respiratório. Explico: em Sam Shepard predomina a «interioridade», mas de uma maneira singular — as personagens nunca chegam a ser psicológicas, intronizadas: elas como que não têm umbigo, como que se deixam percorrer pelo vento, são leves e frágeis. Por isso é que os interiores sugeridos não divergem em muito das acções desenvolvidas em exteriores: as quatro paredes ou o céu do deserto não se contradizem. Tudo está «fechado-aberto», «aberto-fechado». Tudo parece não ter demasiada importância. A América é o país que institucionalizou o radical relativismo de todas as coisas. Respirar não tem mais que se diga, osmose de elementos.

«Crónicas Americanas» é feito de fragmentos, o que tem implicações óbvias: não há linearidade narrativa, não há unidade de acção, não há transcorrência. É uma particular concepção do tempo que está no livro: ele corta-se, ele baralha-se, ele duplica-se, ele retoma-se, ele ilude-se. Avança e recua, e por vezes o escrito chega a pôr-se à sua margem. Funciona a memória e logo depois a situação presente, ou o «contar» com um «quando» indeterminável, ou a verbalização perfeitamente abstraída. O mesmo sucede em relação ao espaço: as localizações sucedem-se vertiginosamente, sem quaisquer indicações de ter havido algum trajecto percorrido entre uma e a que segue. A geografia mostra-se como irrelevante, é mero cenário, tal como o tempo era um simples meio. A América é um **tecido partido,** surrealizante e delirante. Sam Shepard o exímio arquitector das incongruências lógicas. A dolorosa angústia americana é disto que nasce.

Shepard não é só um dramaturgo, é igualmente um dos grandes da nova geração de actores cinematográficos americanos. Para além de projectar as acções permite-se personificá-las. É pois um perito da ilusão, domina os termos desde que começam até às suas sequências. «Crónicas Americanas» é assim, claro, fundamentalmente autobiográfico, no entanto de um modo totalmente diverso do habitual: é que o protagonista destes pequenos textos é alguém que se vê a si próprio, que se observa, que beneficia de um olhar de retorno. Um personagem modelado pelos propósitos da imagética, fazendo-nos perceber uma América toda ela investida na possibilidade de obter um reflexo no espelho, não apenas uma sociedade-espectáculo mas, muito mais do que simplesmente isso, uma sociedade que é espectadora de si, exibicionista para que seja «voyeur». O cinema, como vemos, arte americana por excelência diga-se o que se disser, é organicamente **perverso.** Sem o seu cinema a América não seria o que é.

Lyotard já falou da falência da narratividade. Shepard entrecruza as suas prosas como poesia nas «Crónicas Americanas». As ligações são mais tortuosas do que parecem. Porque de facto há muito pouco que contar: somos receptores de informações de variado tipo, e para nós elas surgem mais como **impressões:** o que vimos, o que ouvimos reduzido ao enunciado primeiro, despido do que o contextualiza ou do que somente o acompanha. A América é o país da depuração. Por causa disso é também o país do lixo.

Está tudo na cabeça. Sam Shepard demonstra-o bastas vezes nas suas «Crónicas Americanas». Tudo, as paisagens, as vozes, vai por fim convergir precisamente aí, em **colapso.** Após o colapso é a perca, divergência. A taça que transborda, costuma-se dizer. Como já não há centro algum, este colapso mental é também o estertor do corpo. A América inteira deflagrará, por simpatia, quando a disfunção imaginária atingir o nível de ruptura. Está quase. «God bless America».

REP

«O Mundo Sobre o Outro Desbotado», Maria Isabel Barreno, ed. Rolim

Da autoria de Maria Isabel Barreno aparece-nos «O Mundo Sobre O Outro Desbotado» (Ed. Rolim) que considero um acutilante e humorístico reflectir o mundo e as suas múltiplas relações.

Como ponto de partida, temos uma estória simples e cujos personagens centrais são Margarida B., Lobélia e Santos. Em comum têm o serem alucinados. Assim, Margarida escuta vozes: «O primeiro, foi o caso da mulher que ouvia vozes, ou sons. Melhor dizendo, vozes indistintas, um pouco longínquas; essas vozes formavam um permanente lençol de som, paralelo ao real.» Lobélia capta os fluídos emanados dos objectos: «A jovem insistiu nas estranhas e assustadoras radiações dos objectos; cada vez mais objectos luminosos a radiarem, cada vez mais ela guinchava suas afirmações aos incrédulos.» E Santos: «(...) via passar estranhas figuras.»

Estória simples e divertida seria esta se a profunda capacidade que a autora tem de atingir o âmago dos assuntos que aborda não estivesse nela desenvolvida. Refiro em primeiro plano, as causas subjacentes a estas anomalias. Ou seja: a sentida privação das necessidades inerentes ao ser-se neste mundo e que maciçamente se reflectem em Margarida; o coabitar na casa de passe, propriedade de tia sua, a promiscuidade embora nela não seja agente e que é o caso de Lobélia: «Lobélia, lobo, lóbulo, pétala murcha»; a solidão do idoso Santos. Referência que, de resto, é assinalada pela escritora. Passo a citar: «Casos geralmente passados com velhotes, adultos desempregados e alcoólicos, e adolescentes problemáticos – enfim, casos passados na mais costumeira da assistência social.» Portanto, o anotar de uma dimensão das condições de vida – uma espécie de análise sociológica que se socorre das explorações de nascentes ciências (o caso da Parapsicologia que indaga sobre estas percepções extra-sensoriais – alargamentos intelectivos da psique humana e das ilimitadas potencialidades do nosso cérebro; o caso de teorias biológicas e físicas que, na sequência de um avançar tecnológico onde a conquista de mundos outros que não este o por nós habitado, tem exaltado os ânimos dos tradicionais moralistas e o imaginário dos autores da ficção científica) com um sereno sorrir desocultador dos infinitos universos a atravessar. E, enquanto se desenvolve a teoria física (caduca) de um Aristóteles (aludo à causa-efeito), lança-se no papel a legitimidade do imponderável adivinhada no evoluir da física, biologia, etc., no tema escolhido. De sublinhar é esta faceta discursiva de «O Mundo Sobre o Outro Desbotado».

Mas, para além desta sociologia, há ainda o aspecto político («Outras, e outros, adolescentes de iluminada visão surgiram, depois, como era de esperar: a histeria é contagiosa, para o constatarmos basta olharmos a vida política.»); o aspecto feminizante («Vários dias de absurdo ciúme tinham transformado um namorado despreendido num potencial marido.»); o aspecto cultural («Aí se considerava a capacidade alucinatória como um sintoma de imaginação, (...) – e sorriam, davam a entender que os 'burgueses' nunca chegariam a tais êxtases.»); o ascpecto humarístico (páginas 20, 28, 35, 40 e 41). Este está claramente exposto no escândalo provocado pelas «alucinações impenitentes», as quais são contagiosas. Não atingirá aqui a dupla linguagem o seu natural esplendor? A transparente ridicularização do pânico S.I.D.A.? – eis-me a conjecturar... E, finalmente, o aspecto filosófico.

Filosofia perspectivada na sua dimensão ética (as minorias alienígenas tornam-se maioritárias: «E os poucos, os da minoria, (...), esvaeceram-se, até que se tornaram pensamentos obscuros (...). Não tardaram a ser tão esquecidos quanto suas perguntas inúteis.»), na sua dimensão estética («Os veios da madeira, todos, crepitavam ante seus olhos, ondulavam, faziam um cântico que expunha os núcleos mais secretos.(...) A mesa era um monumento; uma catedral, onde, num secreto amor, se haviam unido a natureza vegetal e humana.»), quando, no texto citado, o psiquiatra se apercebe da beleza contida no produto que é a mesa ao ver-lhe a beleza que, por isso, ela é. Quando Lobélia decodifica o **quid** mágico do mar (página 21). Quando Margarida atravessa o percurso sapiencial na contemplação daquela deslumbrante femininil figura (ler a página 36) que denomina «Deusa Da Ciência». E nos afirma: «Quantas deusas da ciência houve já», acrescentava, «sempre todas nos transmitindo o mesmo». Mais lestas que a água se escoam as sabedorias completas, por frinchas insuspeitas.»

Maria Isabel Barreno

Existe em «O Mundo Sobre o Outro Desbotado» um posicionar valoriativo que apenas e deliciosamente me vem confirmar o pendor filosofante de outros livros de Maria Isabel Barreno. Pendor bem definido em três pedaços desta obra e que são da minha eleição. Passo a citar: «Após esses iniciais segundos de estupefacção, aquela iridiscência já não os inibia: nela sentiam mesmo uma resposta, uma resposta aos seus gestos vezes sem conta repetidos, diariamente. Como se os objectos, naquela luz doce, lhes dissessem: aqui tens o resultado do teu labor, aqui tens o que posso revelar-te de minha íntima natureza». Ou: «Com efeito, as pessoas começavam a tender para a troca directa, dizendo que o dinheiro era o controlo da seiva pelo poder. «Ou: «Desse ponto de vista, os objectos eram significantes de um primeiro significado, memórias do nosso núcleo existencial.»

Ao meditar na efectiva satisfação (há uns tempos a esta parte a escrita de mulheres portuguesas desiludiame quer pela morbidez em que caiu, quer pela superficialidade com que se escreve) que «O Mundo Sobre o Outro Desbotado» me trouxe ponho-me imóvel – palpável certeza da trabalhada genialidade do seu verbo. Grata por uma autora madura persistir em ultrapassar-se nessa necessária busca perfeccionista que entendo dever ser a nossa ao longo do nosso existir.

Obviamente que não há livros inatacáveis. Obviamente que há uma influência cultural em nós experimentada. E isto é notório neste «O Mundo Sobre O Outro Desbotado» que não posso evitar de comparar a «Objectos Sexuais No Espaço», de Maria Regina Louro. À palavra desta autora não foi insensível (penso o exagero e mau gosto do termo «guinchar» e o conseguido humor) Maria Isabel Barreno. Porém, tão refinadíssimo é o seu qualitativo rir que me vejo a pensar «Objectos Sexuais No Espaço», a obra que influenciou esta de que vos falo, como uma vulgar e grotesca opacidade onde o real é uma decadente grosseria por nós edificada.

Ana Paula Portugal

Garcia de Orta, Revista do Instituto de Investigação Científica Tropical

O Instituto de Investigação Científica Tropical publicou, integrado no âmbito das comemorações relativas à passagem do centenário (1983) da data de nomeação da Comissão de Cartografia, que veio dar origem à Junta de Investigações Científicas do Ultramar e ao actual Instituto, um volume da Série de Estudos Agronómicos da revista «Garcia de Orta». A responsabilidade editorial é de C. J. Rodrigues Júnior, Maud Mayer Gonçalves e M. Mayer Gonçalves. A colaboração é de: Edgar C. Sousa — «O método de Periman na estimativa da evaporação e evapotranspiração potencial em Angola»; M. Lamouroux — «Les sols fersiallitiques»; A. F. A. Sanches Furtado — «Os materiais amorfos dos solos da região do Paul da Serra (Ilha da Madeira)»; J. M. Vieira e Silva — «Estudo mineralógico da argila e do limo de solos derivados de granitos, xistos e rochas básicas da região de Trás-os-Montes»; M. Monteiro Marques — «Défense du paysage. Exemples concrets»; U. Nyongombe e M. Mafwila — «Inventaire des plantes supposées Toxiques sur les paturages de la ferme de l'INERA (Yangambi)»; Y. Regnault — «Le désherbage du tournesol en France»; Sara Amâncio — «AMP áclico: primeiro ou segundo mensageiro nas plantas superiores»; C. P. Pinto Ricardo — «Aspectos da fisiologia do cálcio nas plantas»; Genoveva C. Loresto, Wen-Xu Zhang, D. Chaudhary, T. T. Chang — «Aeroponic Technique for screening the drought avoidance mechanism of rice genotypes by root characteres»; M. Antonieta Antunes e M. Manuela Correia — «Regulação ectomática da água disponível no solo em C. **arabica** L.»; D. W. Turner e N. Hunt — «The relationship between temperature and the rate of appearance of new leaves on thisty banana varieties grown in the subtropics»; A. Francisco Rodrigues e D. Coelho Rebelo — «**Staria Splendida**, uma planta forrageira para o Vale de Umbelúzi (Moçambique)»; W. E. Sackston — «Sunflower diseases, with special reference to tropical and subtropical areas»; Milivoje Ácimovic — «**Sordaria fimicola**, a new parasite of sumflower in Yugoslavia»; Claudine Lamarque — «Fréquence épidémique des principales maladies du tournesol observées en France»; A. J. Teixeira de Sousa — «Susceptibilidade das macieiras ao cancro — europeu...»; E. Infante Pedroso e O. Amaro de Sequeira — «Alterações anatómicas provocadas pela doença da casca encorticada da videira»; Ana P. Carmo Pereira — «Estudo da acção de vitaminas do complexo B no comportamento de **Triboléum castaneum** ...»; Mongi Jemmali — «Les mycotoximes et la pollution des aliments»; Michel Noirot — «L'amélioration génetique des variétés apomictiques»; J. Boulanger — «Choix d'une varieté d'hibiscus textiles en Afrique»; José E. M. Ferrão, Ana Maria B. C. Ferrão, Maria Teresa S. Patrício — «Purgueira da ilha do Fogo»; João Tiago Mexia e A. Almeida Monteiro — «Aplicação dos delineamentos regressionais ao estudo do crescimento do tomateiro».

Os pedidos de assinatura ou de números avulsos, deverão ser dirigidos ao Centro de Documentação e de Informação do INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL, Rua do Jau, 47 — 1300 LISBOA.

Georges Dumézil e a h

Aos 88 anos, Georges Dumézil, o mais importante estudioso de mitologia comparada do nosso século, transforma-se em «vedeta» dos media: a imprensa e a televisão francesas multiplicam os programas, os artigos e os dossiers sobre a sua obra vastíssima. Ele diz que não é desagradável falar com os jornalistas, mas que há em tudo isto uma parte de moda que se desvanecerá como surgiu.

Georges Dumézil fez 88 anos a 4 de Março último, e parece mais rejuvenescido e mais repousado do que antes. Aliás, ele não cessa de actualizar os seus dossiers: três dos quatro volumes dos seus **Esboços** de mitologia **(Esquisses)** saíram na editora Gallimard desde 1982. Além disso, vela pelas reedições corrigidas das suas obras: **Heur et malheur du guerrier, Loki,** estão novamente disponíveis na **Flammarion.** Para se divertir, ele passeia perto de **Nostradamus** ou prefacia a reedição de uma versão desconhecida do Mahâbhârata descoberta no século XVIII pelo coronel de Polier. E ainda desenvolve, entre duas quintas-feiras na Academia, os seus estudos das línguas do Cáucaso, a que se dedica como «hobby».

A esta activa «reforma» acrescentou-se, de súbito, a luz dos projectores. Os fotógrafos e os operadores de televisão fazem bicha no seu apartamento parisiense da Rua Notre-Dame-des-Champs, onde os livros parecem segurar as paredes. A edição especial que o importante progrma «Apostrophes» lhe dedicou coroa uma série de artigos e de dossiers na Imprensa escrita, o menos importante dos quais não terá sido o do mês passado, no «Magazine Littéraire». No meio de todo este tonitroar, o grande erudito, nem incomodado nem enlevado, mantém-se igual a si próprio: um homem de extrema delicadeza, sem ilusões e tão sábio quanto modesto. Com, para mais, a coragem secreta do dia-a-dia e o humor dos «grands sages».

— Que sente perante o actual fascínio dos meios de comunicação pelo seu trabalho?

— É surpreendente. Em toda a minha vida nunca imaginei que o meu trabalho pudesse vir a ter o eco que hoje conhece. Sempre pensei nas bibliotecas, e nunca no público. O meu sonho era que, daqui a cinquenta anos ou mais, um jovem descobrisse um autor quase ignorado e o utilizasse para a sua própria investigação.

Parece agora que as coisas já não serão assim, mas não estou certo disso. A Imprensa é efémera, e há neste fascínio um efeito de moda que se apagará como se acendeu.

No entanto, se esta situação é um pouco desconcentrante, também é, no fundo, muito agradável. É sempre agradável que alguém se interesse, ou proceda como se se interessasse, pelo que fazemos. E depois, este modo de circulação das ideias faz parte da nossa cultura. Ele modifica os meus hábitos, mas não lhe sou hostil.

Estes encontros com desconhecidos são igualmente ocasião para contactos humanos que me agradam. Sinto-me imediatamente à vontade neles. Ainda outro dia eram treze ou catorze nesta sala, mais alguns milhões de espectadores, mas eu não pensava nisso.

Para mim, era apenas uma conversa com esse homem encantador que é Bernard Pivot (referência ao programa televisivo).

Além disso, espanta-me a pertinênica das questões dos jornalistas. É verdade que alguns deles não estão preparados e me põem questões inocentes, mas, na maioria dos casos, têm ar de perceber aquilo que, aos meus olhos, é mais importante no meu trabalho.

Até há estudantes de liceu que me escrevem a pedir informações. É divertido. Claro que a tendência não deveria expandir-se...

— Imagina que esses jovens correspondentes poderiam, um dia, continuar as suas investigações?

— Não faço, de todo em todo, questão em ter discípulos ou sequer continuadores. Conheci epígonos bastantes, gente que pertencia a uma escola e caminhava atrás dos passos de um mestre, e aprendi que isso não leva muito longe. Ser-me-ia suficiente tocar, nesta ou noutras gerações, dois ou três jovens espíritos... não para que continuem o que fiz, mas para que o que fiz lhes seja útil para mudarem de domínio e fazerem alguma coisa que não se prevê.

Não posso imaginar que investigações futuras serão essas. O domínio em que trabalhei é privilegiado. Com efeito, em todos os outros, quer se trate dos índios da costa noroeste do Pacífico, dos semitas ou da Polinésia, trata-se de conjuntos em que o parentesco das línguas e dos mitos foi sempre acompanhado de trocas e de comunicações reais e constantes. A minha sorte foi que a Irlanda fica longe da Índia... Fora de toda a comunicação entre estes extremos do domínio indo-europeu, as numerosas coincidências no vocabulário, como nos mitos e nas lendas, delimitavam elas próprias um campo de investigação que me parece único no género.

A obra de Georges Dumézil explorou a herança ideológica comum aos diferentes ramos saídos da civilização perdida dos indo-europeus. Desde 1938, ele não parou de mostrar, com a ajuda de análises cada vez mais detalhadas e elaboradas, como uma concepção tripartida do mundo se encontra, sob múltiplas faces, nos rituais romanos, os mitos e epopeias indianos, celtas, germanos, etc... ele perscrutou, num oceano de textos, as relações entre as três funções que presidiam, para os indo-europeus, à organização do mundo: a soberania e o poder mágico, a força física e guerreira, a produção e a abundância tranquila.

Não há que regressar a essas análises bem conhecidas. Nem ao seu método, que consiste sempre em considerar conjuntos estruturados e não elementos isolados, e em comparar as relações entre esses elementos em vez dos próprios elementos. Sabe-se com que rigor Dumézil faz sobressair a estrutura comum a textos e rituais à primeira vista bem dissemelhantes. Esse rigor é incomparável. Fascinados pela demonstração dessas semelhanças, nunca somos suficientemente atentos ao facto de que Dumézil também esclarece, ao mesmo tempo, as diferenças entre as civilizações saídas da mesma fonte longínqua.

— A ideologia trifuncional comum aos indo-europeus não é retomada nem trabalhada no mesmo modo por cada povo. Como precisar essas diferenças?

— Como num campo magnético, todos os elementos se encontram orientados num certo sentido. É por isso, à falta de melhor, que falo de **campo ideológico.** Assix, e para considerar dois casos extremos, a Índia, em todas as circunstâncias, pensa cosmicamente, descreve a formação do mundo, prevê-lhe as diversas idades, etc. Roma, pelo contrário, não se interessa senão consigo própria e com as suas periferias imediatas. Os romanos perguntaram-se como tinha nascido á sua cidade, e, em rigor, quanto tempo duraria ela. Onde os indianos pensam em termos de mitologia e de teologia, os romanos pensam em termos jurídicos e históricos. As aventuras dos deuses enquanto deuses não os preocupam quase nada.

— Pode dar-nos um exemplo disso?

— No **Rigveda** indiano o deus guerreiro Indra, para levar a cabo as suas acções, tem de ser acompanhado pelo seu principal auxiliar, **Visnu.** São os três passos dados por **Visnu** que lhe abrem o espaço necessário à

que ler?

GEORGES Dumézil escreveu, segundo a expressão de Claude Lévi-Strauss, «uma biblioteca inteira». As constantes modificações que introduziu nos seus próprios textos, a disseminação das suas monografias em dúzias de revistas especializadas, os numerosos títulos esgotados e impossíveis de encontrar não tornam fácil a tarefa de enumerar o disponível.

Para nos ficarmos pelas obras mais recentes e facilmente encomendáveis, assinalaremos, num primeiro movimento de aproximação.

Na **Gallimard: Discours de Recéption de Georges Dumézil à L'Académie Française et Réponse de Claude Lévi-Strauss** (1979), os três volumes de **Mythe et Épopée,** as três séries de **Esquisses de Mythologie:**

Na **Flammarion: Heur et Malheur du Guerrier, Loki.**

Na **Pyot: Romans de Scythie et d'alentour, La Religion Romaine Archaique.**

Entre os estudos consagrados à sua obra, poder-se-à consultar o volume publicado sob a direcção de J.-C. Rivière (Copernic, 1979) e, em inglês, de Scott-Littleton, **The New Comparative Mythology** (Berkeley, 1966).

Uma bibliografia ponderada, estabelecida pelo próprio Georges Dumézil, foi publicada na obra colectiva **Georges Dumézil, Études,** publicada pelos **Cahiers pour un Temps** (Pandora, 1981).

O interessante dossier no **Magazine Littéraire** de Abril passado (n.º 229) contém um útil resumo bibliográfico.

a humildade do saber

sua acção, e voltamos a encontrar esses três passos de **Visnu,** feitos pelo padre, em vários rituais braamânicos. Numa outra lenda, é verticalmente que **Visnu** dá três passos. Aparecendo sob a forma de um anão, reconquista o mundo a um personagem demoníaco, ocupando com um primeiro passo a terra, com um segundo a Atmosfera e com um terceiro o Céu — ou até, em algumas variantes, o Além-Céus.

O equivalente, em Roma, está transposto para um ritual jurídico e diplomático. Quando Roma se arrisca a ter de iniciar uma guerra, para que esta seja justa, um **fecial** (membro de um colégio de vinte padres encarregados de assegurar a garantia de Júpiter nas declarações de guerra e nos tratados de paz), acompanhado por um auxiliar, deve primeiro expor os agravos e as reivindicações do seu povo à primeira pessoa que encontre em território eventualmente inimigo, depois diante das muralhas da cidade julgada em falta, e enfim, diante dos magistrados da cidade em questão. Estas três etapas são, no juridicismo romano, o equivalente dos três passos de Visnu. Mas Marte não intervém.

Independentemente das suas diferentes orientações, estes testemunhos atestam a reflexão dos indo-europeus sobre o espaço a conquistar através dos nossos actos. Equivalências a isto encontramos também na mitologia da Germânia, onde este tema do passo mais longe e do passo mais para além está presente na lenda do deus Vidharr que, no fim do mundo, salvará o universo de ser engolido ao manter no solo, com o seu calçado maravilhoso, o maxilar inferior do lobo Fenrir, enquanto lhe puxa o maxilar superior «para tão alto quanto possível no céu, e pudesse, para mais alto ainda». O próprio nome deste deus, Vidharr, é muito curioso: é, tratado no masculino, o comparativo do advérbio que significa **longe...**

Ouvir Georges Dumézil, ou lê-lo, é sempre ser-se convidado para uma festa do saber. Nos seus livros conjugam-se constantemente duas ordens de seduções: a beleza intelectual e quase matemática das demonstrações rigorosas e a outra, poética e carnal, dos próprio mitos. A isto vem acrescentar-se a sua inacreditável facilidade em manejar mais de uma vintena de línguas.

— É óbvio que ama as línguas por si próprias, com um amor apaixonado...

— Digamos que é uma paixão segunda, que talvez não tenha tido influência sobre os meus trabalhos — salvo, logo ao princípio, quando partia, para comparar duas divindades, de equações fonéticas... mas tudo isso foi varrido...

O que resta disso é que gosto de coleccionar línguas, pelo menos na minha biblioteca. Uma gramática, para mim, é um romance. Qualquer gramática. Divirto-me a trabalhar as línguas africanas, para meu prazer.

— E mais seriamente as línguas do Cáucaso. Salvou, in extremis, o ubykh...

— É uma das alegrias da minha vida. Ensinava em Istambul quando soube, no fim dos anos 30, que havia uma língua em vias de desaparecimento, a cem quilómetros dali. Quando uma língua vos passa assim ao alcance da mão, não se tem o direito de a deixar morrer.

Por isso fui lá vê-la. E caí sobre a língua mais complicada, foneticamente, do mundo. Não há outra que jogue, assim, com 82 consoantes! A gramática é fácil de descrever, mas os sons são do mais inusual. As minhas primeiras tentativas foram muito aproximativas. Já não havia senão algumas dezenas de velhos que falassem o ubykh na aldeia que eu conhecia. Depois da guerra, pensei que tudo estivesse perdido...

Em 1954, soube que essa língua subsistia ainda num outro grupo de aldeias. Voltei lá todos os anos. Depois fiz vir a Paris, com o apoio do Colégio de Fraça e de Fernand Braudel, um indígena extraordinário, que tomou consciência da importância da sua língua. É extremamente inteligente. Todas as perguntas que lhe fazem acarretam para ele um exame científico de si por si próprio. É uma grande alegria trabalhar como ele. Mas hoje, tem 80 anos e é a última pessoa no mundo que fala o ubykh. O ubykh vai morrer de pé, porque ele fala-o muito bem.

Aí ao menos pisamos terreno sólito, sabemos que estamos a salvar qualquer coisa e que isso ficará...

— O terreno da mitologia comparada não é sólido?

— Não sei bem. Do meu trabalho não emana nada que possa esclarecer a origem da religião ou informar verdadeiramente sobre o funcionamento do espírito humano. Digo sem problemas que reuni materiais para uma síntese futura, mas não é se não um alibi...

Há certamente grandes problemas que devem enraizar-se no que faço, mas não os vejo. Ou melhor: eles amedrontam-me.

Para lhe dizer a verdade, consolo-me mal do facto de não me ter tornado físico em 1913. A leitura do livro de Jean Perrin sobre os átomos tinha sido, para mim, um encantamento. Toda a vida disse a mim próprio que deveria ter contribuído para esse grande saber que amadurecia.

— O físico não está, apesar de tudo, tão desmunido quanto o estudioso dos mitos, quando se trata de responder à pergunta de Leibniz, «porque é que alguma coisa existe, em vez de nada?»

— Evidentemente... O ideal é que toda a gente reconheça que não temos respostas. Mas nas ciências humanas não se pratica de boa vontade essa humildade.

Entrevista de

Roger-Pol Droit,

Exclusivo «Le Monde»/«Diário de Lisboa»

Loki, o deus pérfido e o sábio detective

O método comparativo «é a forma que reveste naturalmente, nas ciências humanas, o método experimental»

IMAGINEM uma intriga policial que daria de chofre aos leitores todos os elementos necessários e suficientes para a solução do enigma. O dossier não esconderia nada que não fosse do conhecimento do investigador: fichas sinaléticas das personagens, seus papéis sucessivos, as acções que desencadeiam, as múltiplas situações que se desenrolam em numerosas paisagens distribuídas no tempo e no espaço. Por fim, as alianças e as tensões provocadas pela dinâmica dos factos descritos com a mesma minúcia, tudo isso anotado e anotando a proveniência das fontes. Com essa massa de documentos debaixo dos olhos, tentamos esclarecer as situações e os objectivos da acção.

A obra monumental de George Dumézil, que atravessa todas as províncias do mundo indo-europeu, tem assim o ar de um amplo inquérito dos inúmeros enigmas. Nesses milhares de páginas, cada detalhe é tido em conta, tanto como a arquitectura em que ele se inscreve: *Loki*, um volume de duzentas e cinquenta páginas é um dos seus florões. E Claude Lévi-Strauss, ao receber o seu autor na Académie française; não hesitou em considerar esse livro como o *Discurso do método* duméziliano.

Alerta como o deus escandinavo que tem o seu nome. *Loki* é um trabalho todo em ziguezagues, para ler como se se jogasse um puzzle. Um livro portanto à imagem das tácticas desse deus manhoso a quem Dumézil acaba de consagrar uma terceira elaboração, já que a primeira forma do livro foi publicada em 1948, e uma segunda edição em alemão, em 1958.

Do masculino ao feminino

Pérfido, sempre presente onde não se espera que ele esteja, prestando serviços aos deveres e ao mesmo tempo troçando deles, Loki, dê inteligência terrível e saber imoderado, acabará preso na sua própria armadilha. Sempre à margem é um deus sem lugar nem culto nem função precisa. Aéreo, é tão rápido como o vento e o fogo, com os quais tem afinidades. É encontrado em momentos-chave nas estratégicas da velha mitologia nórdica. E sob formas diversas visto que esse deus, de sexualidade ambivalente, passa do masculino para o feminino ou metamorfoseia-se em animal.

É a uma astúcia sórdida que ele recorre num episódio crucial que levará ao fim deste mundo, ao «crepúsculo dos deuses». Com efeito, para matar por procuração o filho de Odin, o belo Baldr, ele serve-se de um cego, Hodr, irmão da vítima. Como? Colocando-lhes entre as mãos um ramo de visgo, a única arma a que Baldr não era invulnerável. Punido pelos deuses é finalmente sob a forma de salmão que Loki, capturado, morrerá, depois de supliciado, apanhado nessa rede que a sua astúcia inventara.

Os folcloristas e outros filólogos quiseram ver durante muito tempo nesse Loki tão desconcertante uma figura recente, em parte influenciada pelo Satã do cristianismo que aborda o norte da Europa por alturas do ano mil. Dumézil, lançando as suas redes cria uma ampla rede comparativa em que as narrativas dos últimos descendentes dos Citas de que fala Heródoto, os Ossetas do Cáucaso (mas também os seus vizinhos Tchétchenes, Ingouches, etc.) virão substituir o Mahabharata para provar, com o apoio de documentos, que se encontra aqui e além o mesmo tipo de documentos, em funções comparáveis — a Loki corresponderá Syrdon no Cáucaso, e Duryodhana no Mahabharata.

Lendo estas demonstrações vigorosas e cheias de humor, acompanharíamos de boa vontade Dumézil quando ele afirma que o método comparativo é *«a forma que reveste naturalmente, nas ciências humanas, o método experimental»*.

Loki, o deus velhaco, de inteligência matizada, é um livro a ler e a reler. Porque também é um tratado sobre algumas formas da intelegência humana, sempre tão complexa e ambivalente. Trata-se nele do pensamento curioso e rápido, da reflexão lenta e profunda, do recolhimento ou do impulso, sem esquecer as formas da inconstância, da intriga e da mentira. Outras maneiras de ser, a zombaria, a vulnerabilidade, a vaidade, são outros tantos aspectos mostrados por um sábio que, há mais de meio século, escreve, multiplicando os seus saberes.

M. Olender

*** Loki, de Georges Dumézil, Flammarion**

— Um «*Dialogue entre Georges Dumézil et Michel Foucault* acaba de ser publicado nos *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.º 61.

Reparação de um «erro judicial»

Homem de armas, de letras e de aventuras, o coronel de Polier foi um pioneiro do orientalismo: durante muito tempo desprezado, ei-lo enfim reabilitado

NENHUMA obra é tão familiar à India, passada ou presente, como o *Mahabharata*, a «Grande (Gesta) dos Bharata». Literatura, baixos relevos dos templos, teatros, e, hoje, cinema, bandas desenhadas e estampas populares referem-se continuamente às aventuras e aos efeitos dos cinco irmãos Pandava, da sua esposa Draupadi e do seu divino aliado Krishna.

Essa imensa epopeia começa a ser conhecida do público francês. A encenação, por Peter Brook dos episódios centrais, a tradução de alguns textos, escolhidos e apresentados por Madeleine Biardeau (1) contribuíram muito para isso.

Grande conhecedor do texto, Georges Dumézil (2) resolveu reeditar o mais antigo resumo publicado em língua francesa. O projecto pode parecer curioso. Ele revela-se judicioso e mesmo comovedor quando se descobre que se trata de reabilitar um trabalho caluniado e a memória de um pioneiro. Há trinta anos que Georges Dumézil prometera a si próprio, em Upsala, reparar esse *erro judicial*.

A obra em questão, editada em 1809 em Paris, intitula-se **A Mitologia dos Indianos (sic), trabalhada,** diz o subtítulo, *pela senhora madre superiora de Polier em manuscritos autênticos trazidos da India pelo falecido coronel de Polier, membro da Sociedade asiática de Calcutá*. Cinco capítulos são consagrados a um longo e agradável resumo do *Mahabharata*. Homem de armas e de letras, o coronel de Polier, recebeu escrupulosamente em resumo, nos anos 1770-1780, das mãos de um letrado indiano, Ramtchund (Ramacandra), que também foi uma fonte de informações para William Jones, um dos pais do indianismo.

Do fausto à ruína

Ora esse testemunho foi ignorado e negligenciado. As grandes bibliotecas indianistas não o possuem, diz Georges Dumézil. Pior: ele foi desprezado. O erudito alemão Adolf Holtsman Iunior descreveu-o em 1895 como um documento de algumas páginas. Mesmo o belo livro de Raymond Schwab, *La Renaissance Orientale*, (Payot, 1950), ao traçar a história das descobertas da filologia ocidental, mostra os mesmos preconceitos.

São trezentas páginas, no seu conjunto exactas e bem legíveis, que nos são restituídas. Cabe aos especialistas explorar as variantes menores das narrativas habituais, de que Georges Dumézil esboça um quadro.

Se há aqui matéria-prima para investigações eruditas, a biografia do coronel de Polier daria antes a trama de um romance bem colorido. Que espantosa personagem se adivinha! Nascido em Lausanne, de uma família de huguenotes franceses expulsos pela revogação do Edito de Nantes, embarca em 1757 para a India. Chega lá no ano seguinte. Tem dezassete anos e ficará três décadas ao serviço de ingleses e de *raiás*, passando várias vezes do fausto à ruína. Entre duas expedições militares, procura instruir-se nas melhores fontes das crenças indianas. Manda para o British Museum o texto dos Veda. O que não o impede de manter um harém, e de fazer uma grande vida, rodeado de escravos...

No seu regresso, compra uma propriedade nos arredores de Lausanne para aí instalar todos os filhos das suas favoritas e a sua prima madre-superiora, que se interessa por orientalismo. Apaixonado por uma jovem, converte-se à monogamia já com cinquenta anos, e estabelece-se em 1792 numa propriedade perto de Avignon. Os tempos são agitados. A sua mesa sempre pronta e a sua fortuna valem-lhe ser assassinado a golpes de sabre e à espingarda por um grupo de malfeitores.

A vida deste prioneiro esquecido é por si só um romance.

Roger Pol-Droit

Notas

***** *Le Mahabharata et le Bhagarat du Colonel de Polier*, apresentado por Georges Dumézil, Gallimard.

(1) Edições GF

(2) Ver *Mythe et Epopée* (Gallimard, 1968)

«A nossa única unidade, é a interrogação»

Malraux

André Malraux morreu em Novembro de 1976. O seu país prepara-se para assinalar os dez anos dessa morte. Numa longa entrevista de 1975 com o seu tradutor romeno, Ion Mihaileanu, as **Antimemórias,** *editadas pouco antes, são o pretexto para abordar os temas que perseguiram o autor de* **A Condição Humana, A Esperança, O Museu Imaginário, Cabeça de Obsidiana, Lázaro, A Tentação do Ocidente.** *Os leitores encontrarão aqui, nesta entrevista mantida inédita, novas reflexões sobre palavras de Malraux que datam do imediato pós-guerra: «Sabemos que ciência e progresso implicam bombas atómicas, que a razão não dá conta do homem... O nosso século, face ao século XIX, parece uma Renascença da fatalidade. A Europa das cidades-espectros não está mais dizimada do que a ideia que ela teve do homem. Qual o Estado do século passado que ousaria organizar a tortura?»*
Ao mesmo tempo, esta será talvez a mais «pessoal» das entrevistas de Malraux, que não se confiava senão em terreno impessoal, naquela espécie de planalto onde tudo enfrenta o vento da história das civilizações e da filosofia.

Malraux fotografado em 1935 por Gisèle Freund

— Você permaneceu o homem que se interessa com paixão pelos problemas da humanidade contemporânea. Quais são, em seu entender, os perigos que ameaçam a civilização e, ao mesmo tempo, qual é a grande esperança para a qual se dirige o mundo?

— A primeira coisa a dizer é que a nossa civilização perdeu a consciência de conjunto (1). Não sabemos o que era a consciência do conjunto na civilização egípcia, mas sabemos que existia uma.

Na hora actual, eu diria: a única unidade da nossa civilização é a interrogação. Somos a primeira civilização que dispõe de conhecimentos imensos, e a fazer convergir todos esses conhecimentos para um ponto da interrogação. Isso nunca tinha acontecido antes de nós. Houve algo disto no fim do Império Romano, mas então os meios eram muito pobres, quero dizer, os conhecimentos humanos, na época de Marco Aurélio, eram conhecimentos extremamente circunscritos, enquanto os nossos são sérios.

Roma teve o sentimento do perigo a partir do século III, com os bárbaros; antes, não o tivera, de todo em todo. O século XVIII não teve qualquer espécie de sentimento de perigo, e no entanto o perigo estava ali, chamava-se **Revolução.** O que me parece muito, muito importante não é o prognóstico, porque o prognóstico faz-me sempre desconfiar.

Ninguém pensava que a solução de Roma seria o cristianismo. Algo surgiu, que não estava previsto. Dizer que a ameaça maior é esta ou aquela não me parece importante. Mas se, amanhã, falássemos com Victor Hugo ou com Marx, pessoas bem diversas, a sua estupefacção consistiria em que as nações não são exactamente as mesmas, mas existem, e que temos a bomba atómica. No que toca à primeira ideia, tinham previsto o contrário. No que toca à segunda, pura e simplesmente não a tinham previsto, era impensável para eles.

A ciência do século XIX — quando relemos os textos é muito notório — estava ao serviço do homem, não podia voltar-se contra ele. A dinamite foi descoberta muito tardiamente, e essa descoberta foi vivida como ficção científica. Toda a gente ficou consideravelmente espantada. E qual era, no fundo, a importância da dinamite? Quando digo que é importante, o que quero significar é o seguinte: somos a primeira civilização em que uma espécie pode destruir o planeta. Nunca acontecera que um terrestre tivesse o poder de rebentar com a Terra.

O temor de ver aparecer algo com as epidemias antigas

— Essa inquietação sobre o destino do mundo não poderá ser, para os intelectuais, uma fonte de acção?

— Antes da guerra houve um fenómeno que não teve sucessores, e que foi o antifascismo. O antifascismo foi um fenómeno considerável, foi, no fundo, o cimento aparente da aliança entre a União Soviética e as democracias, os escritores sentiam-se extremamente à vontade no antifascismo, que, bem vistas as coisas, não é uma doutrina, é muito mais uma maneira de dar forma a sentimentos. Ora, três quartos dos intelectuais são pessoas que têm enormes relações com os sentimentos, muito mais do que os técnicos.

Malraux fotografado em 1968 por Henri Cartier-Bresson

Com De Gaulle: aventureiros com um gosto comum pelo poder e pelas vitórias militares

Malraux

— E tratava-se sobretudo de uma atitude perante um perigo?

— O inimigo comum. Somente, o sentimento que hoje temos dos perigos é mais um sentimento técnico. Os jornais falam-nos do perigo comunista, mas os cidadãos não têm medo de ver aparecer o Exército Vermelho. Talvez os cidadãos não tenham razão, mas o facto é que não pensam nisso, não têm esse perigo como real. No entanto, o cidadão pensa um pouco «em que é que vai acontecer-nos com todas essas histórias atómicas». As consequências, os desperdícios, a poluição. «Acabaremos por apanhar alguma coisa de parecido com as antigas epidemias?» Em relação à ciência do século XX há medo, quando em relação à ciência do século XIX havia confiança.

— Trata-se sobretudo do medo de não a conseguirmos dominar. Tem-se medo do aprendiz de feiticeiro, mas tem-se confiança no médico.

— Tem razão, há confiança apenas no médico... o biólogo sabe perfeitamente que metade das suas descobertas são descobertas empíricas. A química do cérebro, um dos domínios mais importantes da nossa época, começa em 1957, com as investigações em torno do cancro. De facto, os grandes biólogos — conheço três ou quatro deles — da nossa época não estão tão confiantes como isso, e há outra coisa muito interessante, na minha opinião:

A sua obsessão de há cinquenta anos, em explicarem o universo pela sobrevivência das espécies mais fortes, quer dizer, através do darwinismo. Actualmente eles consideram que os progressos da biologia são imensos, que deverão continuar, mas que em caso algum as descobertas da biologia permitirão agir sobre a formação do homem. Eu escrevera uma vez: a ciência não pode fazer um homem. Tinha descrito os sucessivos tipos de humanidade: o «gentleman», o romano, digamos também o bolchevique eram modelos e não, de todo em todo, factos científicos. Tive de receber um professor da Academia das Ciências e a sua conclusão era — e infelizmente estávamos inteiramente de acordo — que quanto mais estava perto da ordem da descoberta, mais consideravam que essa ordem os ultrapassava. Sentiam que não se pode prescindir da investigação que tende a encontrar qualquer coisa...

— A biologia situa-se sobretudo face a si própria...

— Apenas, sim. Aconteceu aos cientistas uma extraordinária aventura: foi o microscópio electrónico que lhes revelou um certo número de realidades que nunca tinham passado de hipóteses. Em suma, aconteceu com o microscópio electrónico o mesmo que com as reacções em cadeia da física.

— O imprevisível desempenha um papel considerável no progresso científico. Que dimensão pode ter a tomada de consciência de que o homem talvez não seja o único ser consciente no Universo, de que poderiam existir civilizações desconhecidas?

— Afasto totalmente essa questão porque, para mim, isso é imprevisível puro. Podemos fazer prospectiva tendo em conta certos dados. Não é ridículo, tendo em conta a população actual da França, dizer quantos serão, normalmente, os franceses dentro de 30 anos. Mas já não podemos dizer quantos serão dentro de 300. Porque, para a previsão ser séria, é preciso permanecer dentro da curva sobre a qual dispomos de dados.

— Mas eu falava de uma civilização extraterrestre.

— Pois, mas acho que isso não é pensável. Dizia Einsteins: «Não devemos nunca aceitar pôr questões que não se põem». É um pouco o que penso. Se falamos do que descobrimos nos diferentes tipos de civilização, o espectro de hipóteses não é excessivamente vasto, quer dizer, as civilizações mais distantes de nós são-nos, apesar de tudo, relativamente próximas. Para se verificar uma distância verdadeiramente grande, é preciso estar **fora** da civilização. Os negros da grande floresta são uma coisa o homem de antes da domesticação dos animais é outra. Mas as civilizações são coisas relativamente próximas umas das outras. Ao passo que uma civilização extraterrestre, ou é avaliável em dados terrestres, e nesse caso não espantará mais que a descoberta dos Partas ou dos Maias, ou do que se quiser, ou então não é, e não sabemos do que estamos a falar.

Por outras palavras, não há vida inteiramente ocasional, toda a vida é um domínio coordenado, que não depende porventura da nossa coordenação, mas é coordenado, segundo princípios que desconhecemos

A palavra amor recobre realidades diversas

— Manteria você para hoje e para amanhã a célebre divisa de uma das suas obras, «tentar dar consciência aos homens da grandeza que eles ignoram entre si?»

— Quando a escrevi, havia o formidável afrontamento entre o fascismo e o antifascismo, e toda a gente sabia que um drama do lado comunista era possível, bem como um drama do lado fascista, ou entre os dois. E que havia colossos.

Hoje, essa consciência parece-me muito diminuída. Por exemplo, quando estive na Rússia em 1934, não vi um só russo que não tivesse a consciência clara de estar num país cercado. Ninguém, lá, acreditava, aliás, nas alianças entre países democráticos, que, na altura, ainda nem existiam. Tinham Hitler à sua porta, e o Japão. Ora bem, qual é o país que hoje é dominado por esse sentimento? Claro que há a guerra um pouco mais ou um pouco menos fria, legítima, visto que a guerra acabou por vir; já não tem equivalente.

— Quando fiz a pergunta estava a pensar menos em termos políticos do que metafísicos.

— Mas então voltamos à conversa de há pouco: nós sentimos que a nossa civilização está em vias de se decompor. O indivíduo é uma espécie de átomo aglomerado a outros, e actualmente há reacções em cadeia. Ora, nos países da Europa do Leste, faz-se de conta que não é assim, como você bem sabe. Qual seria a contrapartida? Seriam evidentemente os valores, aquilo a que chamamos criar um homem, que um homem seja aglomerado por valores, religiosos ou não, mas valores.

— Críticos há que se espantam com o pouco que o amor ocupa a sua obra, ao contrário do que ocorre com a fraternidade viril e com o amor da arte. O amor, na sua significação total, não pode transformar-se em valor supremo, em antidestino?

— Você diz que o amor não tem importância na minha obra...

— Não é a minha opinião, cito a opinião de outros críticos.

— Está bem. Bom, se assim é, não é assim em consequência de qualquer princípio. Mas também é verdade que esquecemos muito como tantos romances importantes são romances sem amor. **Don Quixote, Robinson, Moby Dick** (2), e são três romances de importância mundial. Nos três, o amor não desempenha qualquer papel, ou tem um papel paródico, como no **Don Quixote.** Acabámos por pensar que o amor era o tema **necessário** da literatura, o que não é assim tão certo.

— Do romance...

— Até se admitiu a omnipresença do amor em tudo o que é ficção. Diziam-nos que a guerra de Tróia era sobretudo Helena, o que é falso. Naturalmente, Helena foi o pretexto, mas a Ilíada não é uma ficção em torno dos amores de Paris com Helena. É uma ficção em torno dos combates de Heitor e de Aquiles.

— No entanto, em Dostoievski, Tolstoi, Tchekhov, nos grandes prosadores russos, o amor desempenhou um papel considerável...

— Considerável, sim. Tanto mais considerável quanto o amor russo, como você sabe, é uma ideia metafísica forte, reintroduzida pelos romancistas. Tolstoi é um génio na incarnação do amor, do amor humano; é praticamente o único grande romancista a ter criado grandes figuras de mulheres. Dostoievski, é outra coisa: o seu génio está alhures, e as suas mulheres são mulheres indefensáveis. São criações absolutas, como em Skakespeare.

— Há outra linhagem de escritores russos em quem o amor nada conta. Gogol, Saltykov-Chtchedrine, Bulgarov. São sempre satíricos.

— É o que eu ia dizer. Quando consideramos a sátira, é sobretudo preciso ver o elemento caricatural agressivo. Você falou de Chtchedrine. Se as cenas em que Duduchka está com a sobrinha fossem viradas do avesso, tornar-se-iam cenas de amor.

— Que pensa você do sentimento do amor total, quer dizer, da relação entre homens e mulheres, do sentimento de amizade, da fraternidade, da devotação a uma ideia, e da fé?

— Quanto mais vai para Leste, mais razão você tem. A Rússia tem do amor uma ideia metafísica. A Inglaterra vê o amor como um xadrez com casas bem precisas: o elemento divino, o elemento sentimental...

— Na acepção em que entendo a expressão «amor total», acho que, na sua obra, o amor desempenha um grande papel.

— Sem dúvida.

— Mas qual é a sua opinião sobre o papel do amor, na cultura, como valor supremo, como valor antidestino?

— A palavra amor cobre uma dezena de realidades distintas. Ela significa ao mesmo tempo ternura e, digamos, amor metafísico. Está-se entre a noção de sexualidade mais ou menos ligada ao amor, discutivelmente aliás, e a noção de amor sagrado tal como existe no cristianismo, tão fortemente. De facto, passa-se imperceptivelmente de um para outro domínio. Creio que o interessante, na sua pergunta, é o modo como você a faz, quer dizer: considerando o sentimento de amor independente do seu objecto de ternura.

— Exactamente.

— Aí, então, tocamos em qualquer coisa de excessivamente interessante, e que, na sua profundidade, é talvez totalmente indefinível, e de que nos aproximamos sobretudo através da música.

A música é capaz de exprimir o sentimento de amor nobre sem o elemento de ternura, com Mozart sem dúvida mas também sem ele, com um grande, grande poder, e isso mostra bem como é impossível dá-la em palavras. Nesse momento você sabe que estamos desarmados.

— A música consegue, da melhor maneira, exprimir a fé, sobretudo a fé religiosa.

— Sabe, deve ser no **Lázaro**, que eu conto, que eu digo a Menuhin que, quando se está na Ásia, se crê que o grande sentimento da música ocidental é a nostalgia. Naturalmente, Beethoven, Schubert, Schumann... Ele está com Nadia Boulanger e diz: «Você diria isso, Nadia?» Ela diz que não. «Eu também não, acrescenta Menuhin. Que diria então você do sentimento dominante na música ocidental?» A **louange**, diz ele. E isso é interessante, porque existe um elemento especificamente musical na **louange**.

— Em estreita ligação com a pergunta anterior, pergunto-lhe agora o que pensa do terrorismo contemporâneo; você é autor da Condição Humana e dos Conquistadores, onde se faz, pela primeira vez numa obra romanesca, o retrato psicológico do terrorista. Há alguma semelhança entre Hong, Tchen e os terroristas de hoje?

— Para mim, a grande distância que há entre eles é sobretudo devida a que os terroristas que hoje vemos são personagens bastante lógicos, enquanto os que eu conheci estavam mais perto dos nihilistas russos, quer dizer, no fundo, eram muito metafísicos. Pegue nos japoneses e nos árabes actuais, e terá a impressão, pelo contrário, de que são super-racionalistas: o que há de mais simples é matar pessoas, por isso vamos ameaçá-las. Há neles um lado quase mecânico.

Os terroristas chineses, como os russos, eram muito diferentes, estavam sempre num universo bastante próximo do imaginário. Os actuais poderiam dizer que estão em missão ao fazerem reféns, mas o facto é que nem o dizem.

Não há neles um vocabulário, há só um comportamento. Assim, o terrorismo actual faz-me sobretudo pensar no «gangsterismo», na sua espécie de rigor.

— Espécie de prática, de tecnologia?

— O terrorismo que conheci desapareu completamente. O primeiro foi sem dúvida o russo, o último o chinês.

Quanto ao japonês, não o conheço bem, seria preciso vê-lo de mais perto. Suponho que há uma categoria de terroristas japoneses bastante metafísica. Esses têm uma espécie de noção da honra japonesa ligada ao sangue, e que é de uma ordem não «gangster», de uma ordem metafísica, religiosa... de um domínio bastante vasto.

— Mas, entre os dois, há também o terrorista da Resistência francesa?

— Ele não foi lá muito terrorista.

— Mas fez atentados.

— Sim, mas o terrorismo russo era essencialmente a ideia do sacrifício. Sacrificava-se o grão-duque. E o terrorista sacrificava-se, no mesmo golpe. Para a Resistência, e eu trabalhava com os chefes dos grupos, tratava-se de coisas do domínio da guerra.

— E da técnina?

— Era como uma luta militar. Não eram sentimentos complicados. Simplesmente, já não havia absoluto.

— E ao mesmo tempo não havia nihilismo, não se tratava de ódio?

— Com os russos sim: antes de mais mato o grão-duque, senão que me resta fazer? Depois também morro, porque serei apanhado. Provavelmente serei enforcado e o meu enforcamento vai tornar-se na semente da revolta futura. Quando os alemães fazem reféns e os fuzilam, esses fuzilados fazem-nos discípulos. Hoje, são os terroristas que matam os reféns. E isso tem, assim, um resultado inverso.

— E não é importante que o terrorismo japonês ou palestino trabalhem num território alheio, não estejam no meio do seu povo?

— Vou atrás da sua ideia: o facto novo de terrorismo, é que ele não está no seu território nacional, embora antes estivesse sempre. Os terroristas chineses faziam rebentar bombas na China, e os russos na Rússia. Agora comparemos com a Legião Estrangeira. É um tipo humano diferente. Porque não há dúvida de que, no terrorismo nacional, há uma muito grande fraternidade inconsciente com o povo. Os terroristas nacionais eram todos populistas.

Continua na pág. 8

Continuação da pág. 7

Na Resistência, tínhamos, a partir de 1943, o sentimento de que, no fim, sairíamos vencedores. Ao passo que os chineses não tiveram o sentimento de que sairiam vencedores. Pensavam, como na Rússia, que um dia... um dia, mas não no seu tempo. Era, portanto, uma utopia.

— Há ruptura entre a sua obra anterior e as Antimemórias, como sugere Galtan Picon, para quem nas Antimemórias falta um mito, um sentido da história que se terá extraviado.

— Penso que escrevi o livro com o sentimento de espanto diante do desenrolar do nosso século. Claro que não tenho ideia nenhuma sobre o modo como, dentro de cem anos, se verá este século.

Mas o que me parece certo, é que quem me ler não me lerá como quem lê Mauriac, porque Mauriac estava no interior do seu século, e eu sinto-me fora do meu. Então creio que, para responder a Picon, o que ele não percebeu é que o elemento mítico das Antimemórias não é o personagem ou os episódios, é a separação ca civilização. O viajante em volta da Terra, o OVNI, aí parece-me haver qualquer coisa dotada de uma dimensão mítica.

Mas eu transmito esse sentimento na ordem histórica. Para um leitor de daqui a cem anos, se se tratasse de um romance de amor, a coisa estaria na definição do personagem. Mas quando se trata do general De Gaulle, e quando a coisa tem a ver, ao mesmo tempo, com De Gaulle, e com Mao, é diferente. Em todo o caso, tenho a certeza de que há ali um dado mítico muito misterioso mas muito presente, como o sentimos nos sonhos. A humanidade sempre sonhou voar.

— Crê que é esse o sentido mítico da sua obra?

— É o que a separará de quase todas as obras contemporâneas. Dado, não é verdade, que aquilo de que falamos não tem sentido senão porque nos mantemos no domínio do impreciso. Se houvesse mais precisão, soaria a falso. O estado de espírito que, suponho, será o de 2050, é Júlio Verne: não tem interesse. O que interessa, é que essa espécie de afastamento, de tomada de consciência do que é afastamento do homem contemporâneo em relação à civilização contemporânea; eu acentuo a violência de uma coisa que sentimos todos sem violência. Todos nós olhamos a civilização como parte exterior. Isso nunca acontecera antes.

— No fundo, você já participa nessa redifinição da ideia de história:

— Em certa medida. Mas não creio que seja sobretudo eu que o faço, é antes o conjunto das descobertas que vivemos, que está a sentar a história no banco dos réus.

— Que relação há entre o vivido e o imaginário nos seus romances? Há quem diga que eles são dominados pelo vivido e pela experiência. Eu creio que é o contrário, que a vida não passa de matéria-prima, de um pretexto para que surja o «museu imaginário da vida humana». Engano-me?

— Já falámos disso há pouco. O vivido é, de facto, um elemento de relevo. Mas ele é-o sob condição de termos uma armadura; e essa armadura pertence ao elemento mais profundo do imaginário, não o imaginário do fantástico exterior, mas o imaginário do que está em nós.

Digamos que existem dois imaginários: um que consiste em contar histórias, e então temos as **Mil e Uma Noites**, Perrault, etc., outro que consiste em encontrarmos em nós mesmos o monstro ou o sagrado. Eu refiro-me ao segundo.

— Mas 'A Condição Humana' ou 'A Esperança' foram consideradas como obras vividas... Foram até assimiladas a reportagens.

— Oiça, será que há, seriamente, vivido em alguma parte? Não se tratará de uma incrível quimera? Quem foi considerado, em França, o cúmulo do vivido? Balzac. Ora, Baudelaire escrevia que ele foi o maior visionário do nosso tempo. Nisso estamos todos de acordo, hoje.

Depois houve Zola. Ninguém considera as grandes obras de Zola como fotografias. **L'Assomoir** é um livro absolutamente épico, trágico, negro, o contrário de uma fotografia.

Em pintura a questão põe-se de modo muito preciso, porque, em pintura, quando nos dizem que vão fazer realismo, isso quer sempre dizer que vai haver luta contra o estilo triunfante. Na sua terra, é-se realista quando se está contra os ícones. No século XVII, é realista quem está contra Rafael. Mas o realismo, em pintura, é sempre a crítica de um idealismo anterior.

Na literatura, talvez seja também um pouco assim. As forças que trabalham, na grande criação romanesca, ou trágica, não são forças de aplicação, de exame. A aplicação ou o exame são sempre coisas de que nos servimos para produzir um relevo, ou uma surpresa.

Qualquer artista é prodigiosamente servido quando encontra a surpresa. Não se pode inventá-la, não se pode fazê-la aparecer ou desaparecer. É a mesma coisa com o montador, no cinema. Ele não pode conceber o seu próprio campo. Apenas existe o plano da heroína que acabou de cair, e aquele rasto de petróleo ali ao lado, que sugere imediatamente o sangue e que dá, evidentemente, um soberbo plano.

Há um homem de génio em que tudo isto é flagrante, que é Shakespeare. É evidente que Macbeth se passa com inteira independência em relação ao rei. Um caso de que seria preciso falar é o de Dostoievski. Agora que conhecemos os seus cadernos, sabemos que é Muickine o assassino. Dostoievski manteve inteiramente a cena, mas invertendo os personagens. Para ele, a única coisa que importava era o amor.

Voltando à sua questão, respondo-lhe: a vida foi apenas uma matéria-prima. Mas há momentos em que a vida oferece uma espécie de encarnação dos nossos mitos, ou, pelo menos, dos nossos fantasmas.

A força artística da vida, é a extensão do que nela é imprevisível. E aquilo a que chamamos experiência (não a ideia, o sentimento) está, apesar de tudo, ligado à vida.

Ion Mihaileanu

Gide (de óculos) e Malraux fotografados por David Seymour numa manifestação de 1936 a favor da «Frente Popular»

Malraux

Notas

(1)Malraux pronunciou a expressão «consciência de conjunto». Ele tinha-a rabiscado nas suas notas preparatórias da entrevista. Mas creio que a expressão «consciência colectiva» dá melhor conta da sua intenção.

(2) Don Quixote, Robinson, Moby Dick. Numa conversa com Malraux, Roger Stéphane, a propósito das Antimemórias, lembra-lhe que Garine, nos Conquistadores, pergunta: «Que livros vale a pena escrever, além de Memórias?» E recebe a resposta seguinte: «Tive de escrever outra coisa a este respeito, mais tarde. Tinha-me lembrado dos livros que se podem ler na prisão. **Os Possessos**, enfim, um Dostoievski, Robinson, Don Quixote.

Stéphane recupera as declarações de um personagem secundário que, em **Les Noyers d'Altenburg**, pergunta a um amigo saído da prisão o que ali leu: «Robinson, Don Quixote, O Idiota».

Esse personagem, que podemos tomar por Malraux, continua: «Nos três casos (...) é-nos dado um homem como que separado dos outros: Robinson pelo naufrágio, Don Quixote pela loucura, o príncipe Muichkine pela inocência. os três solitários do romance mundial.» Malraux regressa, nas **Antimemórias**, a estes autores, que, evidentemente, o obcecam. «Note-se que os três grandes romances da reconquista do mundo foram escritos, um por um antigo escravo, Cervantes, outro por um antigo preso, Dostoievski, e outro ainda por um antigo condenado ao Peru, Daniel Defoe». (Ver Roger Stéphane: **André Malraux, entrevistas e precisões,** págs. 149, 150, 151, Gallimard, 1984).

(3) Estas frases não figuram no **Lázaro**.

* O entrevistador, Ion Mihaileanu, traduziu para romeno **A Condição Humana**, os **Conquistadores** e **A Esperança**.

Acabados de chegar

■ Os entusiasmos artificiais, Artur J. Castro Neves, Afrontamento, col. Contradizeres

Desta colecção nascida nos (muito) idos de 70 entre o Porto e Lovaina, uma centena de páginas de apontamentos temáticos, de cartas, de esboços ficcionais, de reflexões anotadas por causa de uma visita, de uma espera, de uma leitura, de alguém, de uma certa ideia, sob um título «gideano».

A ficção ganha; aliás, é o autor que diz que «só a literatura de ficção conseguiu dar resposta à aparente incongruência da escolha de um objecto de análise na unicidade e totalidade do real».

Nos últimos anos antes do 25 de Abril, alguns portugueses escreviam por «teses». Não se demonstrava, afirmava-se. Castro Neves parece-nos herdeiro desses anos. Ele quer abarcar tudo de modo definitivo. Diz, por exemplo: «pode compreender-se facilmente porque é que o capitalismo teve que assentar numa religião culpabilizadora... e o socialismo materialista só se salvará pela entreajuda voluntarista.»

■ Sentados na Relva, Fernando Namora, Círculo de Leitores,

Saído para os sócios do «Círculo» antes da sua edição pela Bertrand, anunciada para muito em breve, este inédito de Fernando Namora, pertencente à série «Cadernos de um Escritor». O «Círculo» lança igualmente, de Namora, o seu primeiro romance, «As sete partidas do Mundo», e «Domingo à tarde». «Sentados na relva» é um livro de viagens, de apontamentos e de notas avulsas, que se inicia sobre uma ida à Finlândia, onde o autor se deslocou para participar num encontro de escritores. Cada exemplar é acompanhado de um folheto que reproduz um manuscrito de Namora: «... e por certo não haverá dois leitores a recebê-lo de igual maneira. É esse o destino da Arte. Tanto mais vivo quanto mais diversas forem as decifrações».

Namora, Miguéis e Teixeira Gomes no «Círculo dos Leitores»

■ Maria Adelaide, Manuel Teixeira Gomes, Círculo do Leitores,

Na série «Romances Portugueses — Obras-Primas do séc. XX», este único romance de Teixeira Gomes, escrito em dois meses de 1937, em Bougie. «Toda a vida ouvi dizer que o homem nu é Deus e a mulher nua o diabo», afirma um dos seus personagens.

Diz Urbano Tavares Rodrigues, que prefacia: «Desejo e liberdade são as duas linhas isotópicas que percorrem os cinquenta e dois capítulos do texto. Amiúde o discurso investe sentido erótico em matérias significantes como a água, o mármore e os frutos». É, na verdade, uma memória brejeira e pudica quanto basta, e que deve ter feito as delícias dos cavalheiros da época, do homem que foi Presidente da República entre 1923 e 1925 e que viria a morrer exilado em Bougie em 1941, o ano em que, em Portugal, se publicavam os **Esteiros** de Soeiro Pereira Gomes, **O Canto da Nossa Agonia** de Miguel Torga, **Jacob e o anjo**, **O Fado**, de José Régio. David Mourão Ferreira coordena e dirige a série a que o livro pertence.

■ A escola do Paraíso, José Rodrigues Miguéis, Círculo de Leitores

Na mesma série, as espantosas apreciações de Gabriel, a criança central do texto, sobre a vida e a sociedade pobres de Lisboa. Esta infância desemboca na República. Prefácio de José Martins Garcia. Rodrigues Miguéis ter-se-á queixado, em escritos ainda inéditos, que a crítica raramente compreendeu o carácter fundamentalmente autobiográfico de toda a sua obra. O mesmo sugere, sobre o presente romance, David Mourão Ferreira, a fechar um conjunto de apreciações críticas. «A escola do Paraíso» tinha sido precedentemente editada em 1960, pelos Estúdios Cor.

■ Fronteiriços, A. Vicente Campinas, ed. Nova Realidade

A primeira edição do texto, de 193, foi apreendida pela PIDE. José Manuel Mendes, de quem é o prefácio, diz dele que é um romance «de pescadores e contrabandistas mergulhados na rude luta pela sobrevivência numa conjuntura amordaçante». «É bem — continua J. Manuel Mendes — a denúncia das injustiças sociais, um painel realista, não eufemizado, da desgraça...»

■ Revista Sociologia, problemas e práticas, ed. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia e Relógio d' Água Editores, n.º 1

Hoje mesmo, ao fim da tarde, é apresentado no ISCTE este primeiro número de «Sociologia», a revista do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia daquele estabelecimento de ensino superior. «Sociologia» pretende incentivar estudos, fornecer materialde trabalho, suscitar a interdisciplinaridade. É dirigida por José Manuel Paquete de Oliveira, e o seu Conselho de Redacção integra José Jorge Barreiros, António Firmino da Costa, Pierre Guibentif, e José Manuel Leite Viegas, além do director.

Eis o conteúdo deste número de lançamento: «A saúde no contexto da Sociologia» (Graça Carapinheiro), «O processo de metropolização de Lisboa» (Vítor Matias Ferreira), «Poder local — reprodução ou inovação?» (Isabel Pimentel Guerra), «Camponeses emigrados e emigrantes regressados» (Manuela Reis e J. Gil Nave), «O fim da arte no trabalho» (Anália Torres e Luís Capucha), «Associativismo e dinâmica cultural» (José Manuel Leite Viegas). Uma secção intitulada **Registo** dá conta de projectos de pesquisa ou de experiências pedagógicas em torno de temas como a sociologia populacional da área metropolitana de Lisboa, uma instituição psiquiátrica nos Açores, sistemas de trabalho e modelos culturais num contexto organizacional em mudança, e de iniciativas no domínio da sociologia industrial.